



De pé no automóvel de Américo Tomás, com os seus habituais óculos escuros, que lhe permitiam compor uma «figura» distante e fria, eis Henrique Seixas, o torcionário da ex-Pide actualmente em julgamento. Do Porto veio-nos agora o depoimento do dr. José Maria Domingues dos Santos sobre as sevícias que sofreu às suas mãos em 1938 na Rua do Heroísmo

Advogado do Porto descreve torturas do ex-«pide» Seixas

Começou o julgamento do «pide» Henrique Seixas, reconhecido por todos os antifascistas como «torturador implacável, desumano e perverso», segundo consta do libelo acusatório. São 42 anos de crimes que devem ser julgados. Mas logo na primeira audiência, as acusações iam batendo no muro da memória — não eram suficientemente fortes. E ali estava de pé, o torcionário da cadeia do Porto, que pela sua crueldade foi enviado para o Tarrafal como chefe dos guardas prisionais. Entretanto a segunda sessão do julgamento está marcada para as 16 horas do próximo dia 6 de Janeiro.

No intuito de colaborar com a Justiça, e para que se faça Justiça, «D.L.» ouviu no Porto um antifascista dr. Domingues dos Santos, interrogado e torturado pelo «pide» Seixas. É desnecessário sublinhar a importância do depoimento. Ele fala por si. É um caso entre muitos. Para quem esteve presente ao julgamento de Seixas, torna-se evidente e necessário que os testemunhos se multipliquem, que seja feita justiça ao «pide» Seixas — que ele seja julgado pelos seus crimes. Mas julgar Seixas, pelo que tem de visita guiada aos crimes do fascismo, será também recordar a resistência antifascista, os antifascistas que ficaram pelo caminho às mãos de tantos «Seixas».

(PAG.7)

PRESO HA DIAS

“Comandante Pinto” é a chave de importante rede bombista

A prisão, feita há poucos dias pela Polícia Judiciária, do «comandante Pinto», da F. N. L. A, que chefiou a tristemente célebre «Coluna Chipenda», e de um outro indivíduo que se apresenta com o pseudónimo «Jorge Jardim», mas que não tem nada a ver (quanto a identidade pelo menos) com o conhecido colonialista moçambicano, assinala um considerável avanço no desmantelamento das redes terroristas. As autoridades, que eventualmente podem até nem conhecer ainda toda a «riqueza» do filão que descobriam, têm a chave para o desmantelamento das principais rede terroristas que, apesar dos esforços da direita para fazer subsistir a tese, de que também há bombistas de esquerda, são mesmo de direita e constituídas pelas forças mais reacçãoárias deste País.

Valiosas informações colhidas em Portugal e em diversas cidades estrangeiras, confiadas ao «D. L.», permitiram-nos apresentar um quadro bastante

pormenorizado e útil para a compreensão da estrutura das redes terroristas e dos seus suportes.

O mais curioso de tudo isto é que o «comandante Pinto» já tinha estado preso em Caxias e foi solto, continuando as suas actividades contrarrevolucionárias.

Ninguém ignora as pressões, as chantagens, e até as ameaças que pesam sobre os homens da P. J. M. e da P. J. responsáveis pelas investigações, mas é preciso que eles tenham apoio para ir até ao fim. Nenhum democrata deste País, qualquer que seja o seu quadrante político, deixará de apoiar os homens que no Conselho da Revolução, na P. J. M. na P. J. no seio de todas as outras autoridades civis e militares lutam para devolver a tranquilidade ao Povo Português.

(PAG. 4/5)

PARA APROVAÇÃO DO PLANO

Governo concede garantias à Esquerda

Numa votação decisiva para o futuro do Governo P.S. (Mário Soares assim a colocara) a Assembleia da República aprovou, às primeiras horas de hoje, na generalidade, os projectos governamentais relativos ao Plano-77 e ao Orçamento Geral do Estado. Seguir-se-á, já a partir desta tarde, a sua votação na especialidade, da qual resultará a forma final dos dois textos.

Uma escassa margem de 32 votos (ver pág. 2), se foi suficiente para deixar passar os dois textos e salvar o Governo de cair, retiram-lhe, no entanto, força e acentuam a instabilidade em que se encontra. E, mesmo assim, esta reduzida votação só foi lograda à custa de numerosas negociações de bastidores que, se não conseguiram levar a oposição a aceitar qualquer dos dois documentos, asseguraram a abstenção de dois partidos — P.C.P. e C.D.S. — o que permitiu que o voto da bancada socialista fosse suficiente para suplantar os «não» (P.P.D./P.S.D., U.D.P. e dois deputados socialistas).

Para os observadores presentes na Assembleia da República na noite de ontem, desconhecadores dos resultados das negociações, o «suspense» manteve-se, contudo, até quase ao último momento — só cerca das zero horas e quinze minutos seria dado conhecimento à Assembleia das alterações e aditamentos à proposta de lei do Plano, decisivos para assegurar as posições que se registariam na votação.

Da leitura deste anexo, referente à grande opções correspondentes ao Plano para 1977, ressaltam evidentes concessões à esquerda, como o que isso implica de êxito para as intervenções críticas conduzidas pelo P.C.P..

Das modificações entretanto apresentadas pelo Governo destacam-se, com efeito, afirmações de princípio passando pela garantia do «desenvolvimento e consolidação do sector nacionalizado» (...) «admitindo soluções diversificadas para as empresas intervencionadas tais como a transfor-

mação em cooperativas, a nacionalização ou outras soluções sem excluir a devolução ao sector privado» (...) com «o acordo dos trabalhadores interessados»; pela «prosecução da Reforma Agrária com o respeito pelo princípio constitucional da intervenção dos trabalhadores em todos os aspectos da sua execução designadamente no que respeita à concessão de reservas e quaisquer desanexações»; Pelo «prosseguimento e concretização do processo de expropriação de cerca de 700 mil hectares de propriedades na zona da Reforma Agrária e adopção de medidas de política de apoio financeiro e técnico, adequadas às explorações agrícolas da zona» (...), a «manutenção de crédito agrícola de emergência e a fixação dos preços de garantia de produtos agrícolas antes das sementeiras» (...)

A aguardar agora a votação na especialidade e as alterações que inevitavelmente daí surgirão.

Ler na pág. 2 “Política de A a Z”



Mário Soares intervindo na crucial sessão de ontem

TRAGÉDIA NO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

Fogo numa enfermaria fez três mortos

PORTO, 29 Três homens morreram num incêndio que deflagrou cerca de uma hora da madrugada de hoje, no Hospital Geral de Santo António. Admite-se que um curto-circuito no aquecedor esteja na origem do fogo, que teve início na enfermaria de «cirurgia 2 homens». O pânico generalizou-se. O pessoal de serviço lançou o grito de alarme. Momentos depois, a cidade era acordada pelas sirenes dos carros dos bombeiros. Apelos angustiantes eram lançados através da rádio. Pouco tempo depois as imediações do hospital estavam pejudadas de gente. De princípio admitiu-se não haver vítimas, mas horas depois a notícia pungente corria: havia três mortos e aventava-se a hipótese de existirem mais.

Enfermeiros, médicos, bombeiros moviam-se dentro da confusão criada, procurando evacuar os doentes em cadeiras de rodas, em braços, em colchões, em camas. Os que se podiam levantar deambulavam pelos corredores e nos rostos tinham estampado o pânico, o sofrimento, o espanto do momento que viviam.

Continua na pág. 20



A enfermaria onde irrompeu o incêndio (telefoto da nossa Delegação do Porto)

Regina Vasconcelos ao “DL”

“ENTRE NOS A MÚSICA É UMA ARTE ABANDONADA” (CENTRAIS)

Importantes alterações ao regime jurídico da contratação colectiva

(PAG. 9)

20 PAGINAS

Nacional

Política de A a Z

UMA VITÓRIA PRECÁRIA E AMEAÇADA

O Governo, ou para sermos exactos, o Primeiro-Ministro, venceu a primeira-mão do jogo parlamentar em disputa: a aprovação na generalidade do Plano e do Orçamento. A discussão na especialidade dará pequenas vitórias aos abstencionistas de ontem. Os votos contrários (exceptuados os do PSD) correm o risco de virem a ser votos marginais a acrescentar o protesto isolado de uma UDP cuja presença parlamentar está, por ora, condenada, à «expressão mais simples». Mário Soares, na tribuna como já fizera nos bastidores, jogou a fundo a carta da inviabilidade de outra fórmula governamental. A Assembleia da República, mesmo no que se refere a sectores que se dispunham a bater e comprometer o Partido Socialista, desistiu da hipótese de uma iniciativa a partir de centros de decisão extraparlamentares ou houve forças políticas que a esse nível não encontraram para as suas ambições e propósitos o acolhimento que esperavam.

Talvez, nestes dias do final de 1976, se tenha travado nesta terra, e nas costas deste povo, uma batalha importante pela Democracia. Resta que da vitória relativa as forças democráticas saibam tirar a lição e razões de futura convergência. O Plano não satisfaz. O Orçamento é precário. Mas acima do Plano e do Orçamento situa-se a necessidade de prosseguir, sem irrealismos circunstanciais, sem radicalismos tácticos ou apenas polémicos, a institucionalização real do «poder democrático». A batalha pela «ordem constitucional» precede outras considerações, acaso as mais impetuosas, entusiásticas e revolucionárias. A condição do avanço social e político é, quanto a nós, a acumulação de forças e de meios. Da acumulação de meios e de forças dependerá o curso futuro do «processo de transformação da sociedade portuguesa» e a própria defesa da independência nacional.

Votação favorável obtida pelo preço de abstenções que têm significado diferente, e com votos contrários que no caso do PSD definem uma oposição caracterizada, esta primeira etapa representa um sucesso frágil, o adiamento de uma crise latente e grave. A crise económica e social, aprovou-se com a evidente crise de gestão, com a falta de previsão e de iniciativa, de dedicação e de entusiasmo, de militância verdadeira e de capacidade, do pessoal responsável ou promovido às responsabilidades. Sem homens, sem quadros, os planos morrem, as decisões não caminham, as intenções são amortizadas em papelada. O Governo está à mercê da burocracia velha e do clientelismo novo. Está ameaçado. Esta vitória vem ensombrada pela ameaça das emendas, das exigências, das adaptações que a desfiguram. E, não tenhamos ilusões, pela conspiração, pela intriga, que a ameaça.

CRISE ADIADA

A «crise» foi adiada. Mas não se pense que foi vencida. Persistem as condições que favorecem a intriga, a manobra envolvente, a conspiração activa. O Governo não pode deter a «direita» sem se abrir ao diálogo e à cooperação com a «esquerda». E mais: o Governo não pode continuar a reclamar-se da perspectiva socialista, ignorando uma «esquerda» que existe, que contém potencialidades apreciáveis e que é o ponto de referência de numerosos militantes sem partido e de quadros independentes, se pretender neutralizar a «direita» e fazer-lhe concessões. A «democracia» defende-se pelo seu reforço institucional, e não pelo expediente das cedências conciliatórias. Aproximamo-nos do «socialismo» na exacta medida, como é a própria evidência, em que nos afastamos do capitalismo. Desagradaremos aos capitalistas que se apostam em contrariar o processo histórico, mas ganharemos a confiança dos trabalhadores e dos quadros, das largas massas populares e dos verdadeiros valores intelectuais e técnicos.

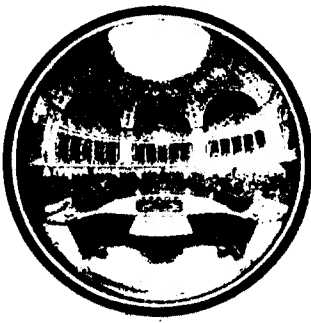
Da consciência de que sobreviveu a uma «crise» apenas adiada, Mário Soares e a sua equipa e a parte sã do seu partido, deverão tirar as consequências. Vencer a «crise» (política e não só económica) pressupõe uma política de clarificação e de coragem. O tempo da ambiguidade está findo. Os «pretextos» arvorados em «argumentos» não têm tradução portuguesa. Não importemos querela, e problemas, procuremos a solução dos nossos problemas que são graves pela convergência dos esforços dos que querem defender a mensagem política e as conquistas sociais do «25 de Abril».

REMODELAÇÃO GOVERNAMENTAL

Se passar o Cabo das Tormentas parlamentares e se aguentar até a prova do Congresso, o Governo socialista não poderá evitar a «remodelação» e a «reorganização». Continuamos a ter um governo pesado e inoperante. As referências que são feitas, sem malícia e sem maldade, a certos ministros, secretários e subsecretários não são demolidoras porque são anedóticas. Passam do plano da crítica ao plano do ridículo. Há casos de incapacidade total, parcial ou relativa que são reconhecidos no seio do Governo, na direcção do P. S., na praça pública. Não se trata só, limitadamente, do acanhamento e das inibições da equipa das pastas económicas. O problema é mais fundo. Da parte de alguns ministros verifica-se, talvez, o esquecimento de que são «ministros socialistas», de que são ministros de um Governo constitucional e de que é mais importante lutar pela Democracia do que «filtrar» com os seus inimigos.

Independente das pessoas que como chefes de família serão excelentes, que ao Primeiro-Ministro serão dedicadíssimos, que para os pares serão amabilíssimos e sorridentes, coloca-se o problema da capacidade, da competência, da dedicação democrática, da sinceridade socialista. E coloca-se, também, o problema do gigantismo e da desorganização interna do Governo.

O Governo não tem estruturas que assegurem a coordenação, está afogado em burocracia e defende-se mal (quando não suscita) do clientelismo. A «crise adiada», também a este nível, carece ser resolvida em tempo útil.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Trinta e dois votos salvaram o Governo

O Plano foi aprovado ontem, cerca das duas da manhã, na Assembleia da República, com apenas 101 votos do Partido Socialista. O Plano «passou», na realidade, apenas por 32 votos.

O PCP e o CDS abstiveram-se. Votaram contra: o PPD/PSD a UDP e os dois deputados socialistas, Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira, o que soma 69 votos.

Em relação ao Orçamento, apenas votaram a favor os mesmos deputados do Partido do Governo, três votos contra (UDP e os dois deputados socialistas) e todos os outros grupos parlamentares se abstiveram.

Até ao último momento, mesmo na altura de se levantarem para votar, os partidos da Oposição estudaram-se mutuamente. Sobre o PCP e o CDS. Se bem que os «centristas» tenham sido os primeiros a «denunciar» o seu voto (a abstenção), certo é que o PCP queria evitar «qualquer surpresa». Se o CDS cotesse, por exemplo, contra o Plano, a única alternativa para que o Governo não caísse, seria o PCP votar a favor. E, quando o presidente da Assembleia perguntou «Quem se abstém?», os dois partidos levantaram-se (o PCP aguardou uma fracção de segundo). Alguns dirigentes destes partidos não dissimularam um sorriso.

TENTATIVA «IN EXTREMIS»

O Partido Socialista tudo fez para evitar que fosse ele apenas a aprovar o Plano desde as negociações de gabinete e os jantares, às reuniões com o Primeiro-Ministro. Um fracasso. Mesmo «in extremis», o Governo tentou captar alguns votos,

ao apresentar propostas de alteração ao próprio Plano, que contemplam «objeções de fundo» por parte do PCP. Mas era demasiado tarde (o documento foi distribuído à meia-noite e um quarto) e os comunistas mantiveram a abstenção.

Entretanto, os membros do Governo e também o Primeiro-Ministro ouviram as mais duras críticas por parte da oposição. Desde as três da tarde até às duas da manhã, os partidos foram implacáveis. Os oradores sucederam-se. Os principais «leaders» parlamentares guardaram-se para a noite em que discursaram Carlos Brito, Salgado Zenha, Amaro da Costa, Sérvulo Correia e Acácio Barreiros.

Sérvulo Correia do PPD/PSD substituiu Sá Carneiro no uso da palavra. Há dias, o deputado Ângelo Correia do mesmo grupo parlamentar havia acusado o Governo de não ser quente nem frio, mas morno. A intervenção de Sérvulo Correia foi isso mesmo: morna. Couberam a Carlos Brito e a Amaro da Costa as grandes intervenções no debate. Pela clareza das suas posições. Carlos Brito acentuaria num dos mais importantes discursos dos últimos tempos daquele partido na Assembleia: «Não iludimos nem amaciamos a crítica e a oposição determinada ao que entendemos ser uma política de recuperação capitalista antioperária e anti-popular, de recuperação capitalista levada a cabo pelo Governo PS ao longo dos quase cinco meses da sua vigência e que a orientação contida nas propostas de lei visivelmente não altera». Depois de referir a política do Governo na Reforma Agrária, o avanço das forças reacçãoárias, a cada vez maior dependência do estrangeiro, o deputado comu-

nista, acrescentou: «Há que pôr termo à repressão sobre os trabalhadores e sobre as massas populares, garantir e respeitar a liberdade e independência do movimento sindical, terminar com o divismo e a política de enfraquecimento e destruição da unidade sindical, ouvir os trabalhadores que lhe dizem respeito. Só com os trabalhadores e não contra eles, só defendendo as outras grandes conquistas da Revolução as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário e a gestão dos trabalhadores é que se defenderão as liberdades e a rota da democracia portuguesa rumo ao socialismo».

«O SIGNIFICADO DO VOTO»

Amaro da Costa do CDS justificou o voto do seu partido «em duas dimensões fundamentais». «Por um lado, quanto à sua qualidade, quanto à sua oportunidade e quanto à sua utilidade como trave-mestra. Por outro lado significará implicitamente luz verde ou vermelha à continuação da acção governamental».

Depois de acentuar que o que está em causa é saber «se é útil, fundamentada e oportuna a concretização de uma imediata alternativa democrática ao actual Governo». A resposta do CDS foi a abstenção. «A análise feita às propostas de lei do Plano e do Orçamento para 1977 apresentados pelo Governo deixam-nos perplexos e apreensivos. Perplexos porque verificamos que o Governo analisa bem a crise mas não sabe sair dela», e «apreensivos», diz o CDS, «porque a crise económica

vai piorar e o futuro do País tende a agravar-se».

A APOSTA DO GOVERNO

A encerrar os debates falou o Primeiro-Ministro, Mário Soares. «O Governo aposta disse na capacidade dos portugueses para vencer a crise e a depressão económica; aposta no aumento da produção e numa política de exportações; aposta em como seremos capazes de controlar a inflação dentro de certos limites e de disciplinar os consumos e limitar o desemprego».

Depois de defender «o saudável optimismo do Governo» em relação ao Plano, Mário Soares sublinhou que o Plano não é quadrienal e considerou que muitas das críticas ali feitas teriam mais cabimento em Maio, quando da discussão do Plano a médio prazo.

Na hipótese do Plano ser rejeitado, o Primeiro-Ministro acentuaria que isso seria mal recebido não só no País como no estrangeiro, o que constituiria um facto grave, num momento em que o nosso país está empenhado numa série de negociações que, a não terem êxito, exporiam o País a uma maior dependência externa. No caso de não serem votadas as propostas do Plano e Orçamento, concluiria Mário Soares, «os partidos ficam, a nosso ver, obrigados a apresentar uma alternativa democrática para o actual Governo». Mais uma aposta do actual Governo. Rejeitou, por fim, qualquer hipótese de outro Governo, fosse ele extraparlamentar, chefiado por um militar ou fruto da dissolução da Assembleia da República fosse ele de coligação.

F.M.

Presidentes das câmaras tomam posse no dia 3

Os presidentes das Câmaras Municipais eleitos no passado dia 12 serão empossados no próximo dia 3 de Janeiro revelou ontem o ministro Costa Brás, titular do MAI. As tomadas de posse terão lugar nos governos civis dos distritos a que as diversas câmaras pertencem e serão presididas pelos respectivos governadores

como representantes distritais do Poder Central. Quanto às Assembleias Municipais e de Freguesia, a tomada de posse ainda não tem data marcada, dado o atraso em que se encontra o processamento do resultado final das eleições no respeitante a nomes que virão a ser confirmados como eleitos em algumas listas. Estas revelações

foram feitas ontem pelo ten. cor. Costa Brás, na emergência de uma reunião com governadores civis do Continente, realizada naquele ministério e em que participaram ainda, entre outros representantes do Terceiro do Paço, o secretário de Estado da Administração Local e Regional, Manuel Ferreira Lima, e do STAPE, Secretária do Técnico para os Assuntos Políticos e Eleitorais.

A reunião serviu para Costa

Brás dar a conhecer aos governadores civis o que o seu Ministério entende deve ser uma acção uniforme em todo o país para instalação dos órgãos eleitos. Serviu ainda para uma troca de impressões sobre problemas distritais, além da abordagem de problemas relacionados ainda com o último processo eleitoral.

Estiveram presentes representantes dos governos regionais dos Açores e da Madeira.

Cruz Vermelha vai radiodifundir em português

GENEIRA, 29 — (ANOP/DL) — A Cruz Vermelha Internacional decidiu encetar um progra-

ma de Rádio em Português em Janeiro próximo. A primeira

emissão a radiodifundir em ondas médias e curtas através da R.D.P., deverá incluir uma entrevista com o presidente do Comité Internacional da organização, Alexander Hay.

“DIÁRIO DE NOTÍCIAS”

Completa hoje 112 anos de publicação o nosso prezado colega «Diário de Notícias». ao seu director e ao seu director-adjunto, jornalistas João Go-

mes e Mário Mesquita, bem como a quantos ali trabalham, endereçamos as nossas saudações.

Restaurante TARRO

O ponto verdadeiramente forte para uma boa alimentação

Av. D. Afonso Henriques 16-B
ALMADA

post-scriptum

Coincidências que esclarecem

Em inícios de 1965, foi no Hotel Simancas, de Badajoz, que, ao que parece provado, o general Humberto Delgado e a sua secretária brasileira, A. Campos, pernottaram na véspera de serem directa e traiçoeiramente assassinados por agentes da PIDE, próximo de Vilanueva del Fresno, na mesma região fronteiriça.

Segundo Günter Wallraff, em *A descoberta de uma conspiração, a acção de Spínola*, (p. 200), é no mesmo Hotel Simancas, de Badajoz, que várias vezes se avisam, 10 anos depois, em 1975, *Frank Carlucci*, embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, agentes da CIA, *Rapazote* (ex-ministro do Interior e da polícia de Salazar e Caetano), e *Alpoim Calvão*, colaborador de Spínola e dirigente do MDLP...

Em 1965, semanas depois da passagem, por esse Hotel do general Delgado, semanas depois do seu assassinio, já aquela estadia era encoberta, oculta, transformada por alguns empregados, até perante o juiz espanhol Crespo Marquez.

E hoje, em início de 1977, mesmo com o salazarismo derrubado e franquismo em vias de falecimento, não será que a verdade e a luta pela liberdade, tal como em 1965 e em 1975, mantêm dificuldades de subsistência? Cá e lá?

Se calhar, é possível. É que quando a história e a luta democrática tropeçam nas mesmas cidades, nas mesmas ruas e nos mesmos hotéis, lá podem ter as suas estranhas e estrangeiras razões...

Se ao menos isto constituísse um aviso à navegação, consciência, acção e rota de alguns democratas menos lembrados!... Esclarecendo melhor, e com todas as letras: isto é *mesmo uma recomendação de clareza à direcção do PS. Ao sentido que deve ter de responsabilidade*. Uma responsabilidade que é, ou deve ser, sobretudo patriótica, popular, e deste modo, de facto, democrática.

Pedro Ramos de Almeida
LISBOA

O que a TV não diz

Em cada 5 segundos pratica-se um crime nos Estados Unidos. Em cada 2 minutos um homicídio. Mas a TV portuguesa fala da mulher do cientista soviético que fugiu para a Suécia e arranhou emprego nos lavabos públicos.

Nos Estados Unidos as forças negras da reacção enclausuram e torturam Angela Davis, abatem Luther King, dispersam à matança manifestantes que protestam contra a violência, e a TV fala da mulher do cientista soviético que arranhou emprego nos lavabos públicos.

Os Estados Unidos praticaram o maior genocídio da História no Vietname como em emprego de «napalm» e outras armas incluindo as biológicas, desequilibraram a ecologia de uma vasta zona da Terra por centenas de anos e a TV fala da mulher do cientista soviético que arranhou emprego nos lavabos públicos.

Os Estados Unidos enchem os lunapares de Nova Iorque e os bordéis de Chicago com porto-riquenhas importadas à força e reduzem à miséria o povo da Guatemala, executam um plano diabólico de extermínio dos «quinchuas» esterelizando à força milhares de mulheres na Bolívia mas a TV fala da mulher soviética que arranhou emprego nos lavabos públicos.

Todo o povo português deve agradecer a relatividade deste noticiário e a brutal desonestidade quotidiana que esta emissora de televisão põe ao serviço da reacção burguesa, preparando as novas gerações deste país para a aceitação táctica e conivente dos crimes, da corrupção da venalidade, da prostituição que caracterizam a civilização capitalista contemporânea.

Será isto o caminho originalmente português para o socialismo de que tanto se fala?

Luís Eugénio Ferreira
SANTARÉM

Contrastes

O Governo minoritário do senhor doutor Mário Soares não quer que seja o patronato a tratar do pagamento das quotas sindicais dos trabalhadores, alegando que assim estes podem não descontar livremente. Mas o senhor Primeiro-Ministro deve para isso não concordar também que sejam feitos outros descontos aos trabalhadores através do patronato, tais como os impostos profissional e de selo, a Caixa de Previdência, o Fundo de Desemprego, etc.

Na verdade, que me conste, jamais os trabalhadores disseram ao senhor doutor Mário Soares que descontavam para todas essas coisas de livre vontade e que estavam de acordo em que fosse o patronato a efectuar os descontos. A propósito: quantos milhares de contos devem os capitalistas às caixas de previdência? Quem se responsabiliza pelos abusos de confiança praticados contra os trabalhadores? Os governos que, de certo modo, sancionaram essa burla? A Previdência, que não exigiu o pagamento a tempo e horas?

Para além das especulações ociosas sobre saber quantos trabalhadores iriam pagar o imposto complementar se não fosse obrigatório ou quantos trabalhadores foram ouvidos acerca dos tão falados títulos do 13.º mês (precisadamente descontados a tantos trabalhadores), é de perguntar ao senhor doutor Mário Soares se o seu Governo só vê para um lado.

Voltaremos nós à lei do funil? Não se poderá chamar a isto uma ditadura fiscal?

Manuel António Rente
GRANJA DO ULMEIRO

REPENSAR PORTUGAL — III

Desbloqueada agora a sociedade portuguesa, a partir da libertação nacional iniciada com o 25 de Abril, impõe-se reencontrar as tradições progressistas da nossa cultura, que desde Luís Mendes de Vasconcelos, Severino de Faria, Duarte Ribeiro de Macedo e Luís da Cunha, a Mousinho da Silveira, Antero de Quental, Oliveira Martins e António Sérgio, para só falar em alguns, contrapuseram aos prejuízos do colonialismo as necessidades do trabalho, da Reforma Agrária, do fomento industrial e da abolição dos monopólios, que tudo isto são aspirações seculares do povo português claramente expressas pelos mais lucidos e clarividentes pensadores.

Não é por acaso, de resto, que assistimos nos nossos dias, de par com a descolonização, ao desmantelamento dos monopólios e à efectivação da Reforma Agrária, além de outras alterações profundas na estrutura da sociedade portuguesa. A conjugação destes processos andava já desde há muito associada na mente dos nossos melhores pensadores, por razões de lógica que a prática social confirma. É que não havendo mais diamantes em Angola, nem algódões de Moçambique, nem bananas e café da Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, para com esses produtos pagarmos o que no nosso país consumimos sem produzir, não poderemos mais dar-nos ao luxo de sustentar a preguiça nacional personificada nos detentores dos grandes meios de produção, sejam eles os latifundiários ou os monopolistas e toda a sua ociosa clientela. Para comermos e consumirmos teremos de produzir, logo teremos de fazer um aproveitamento integral e racional dos nossos campos, das nossas riquezas naturais, das nossas capacidades, até aqui criminosamente desbaratadas, de iniciativa, criatividade e pertinência. Uma pertinência que, afastada por absurda e irrealista qualquer hipótese de retorno à era colonial, terá de ser aplicada na valorização dos nossos recursos e na equitativa distribuição do produto do trabalho, assim como na luta contra o imperialismo e contra todas as formas de ingerência na soberania nacional.

As reflexões que exprimimos vêm em grande parte, portanto, ao encontro de preocupações da nossa vida nacional, já expressas, desde há séculos, por muitos dos clássicos da cultura portuguesa. Elas são, por outro lado, inspiradas por um raciocínio muito simples, mas muito fecundo: se assistimos, como efectivamente tivemos oportunidade de assistir, a um processo português de descolonização, é porque havia necessariamente (Mr. de La Palisse o diria) um colonialismo português. Porém, que conhecemos nós desse colonialismo? Que noções temos da história do colonialismo português? Quais as suas condicionantes?

E ainda: qual o peso do colonialismo na vida portuguesa, quer nos aspectos económico, social e político, quer nos de

carácter cultural, mental e psicológico?

As nossas reflexões não pretendem responder a estas e muitas outras perguntas, a que verdadeiramente só poderá responder todo um povo conscientemente mobilizado para a tarefa de reconstrução da sua pátria. Mas poderão constituir uma achega, uma chamada de atenção ao menos, até para a busca, a que a responsabilidade dos intelectuais não pode ser estranha, de novos rumos da cultura nacional.

Foram redigidas pensando ainda no drama de tantos dos nossos compatriotas que, impossibilitados de se realizarem na sua própria pátria, por bloqueada, tiveram de transferir-se para sociedades em expansão, fosse na América, na Europa, na África ou mesmo na Oceânia, para aí tentarem, por esforço próprio e insofrido, a realização da legítima aspiração de uma vida digna e minimamente assegurada.

Muitos deles, enganados pelos falsos conceitos do colonialismo, não tinham compreendido que não pode ser livre um povo que subjuga outros povos. E por isso, eles que objectivamente se identificaram com os colonialistas, ainda que igualmente explorados por estes, tiveram que retornar à pátria, sem ainda hoje estarem esclarecidos sobre o drama da sua existência.

Mas, quando verdadeiramente trabalhadores, o seu realismo e a sua capacidade realizadora permitiu-lhes compreender, melhor que ninguém, que a pátria que reencontraram já

VICTOR DE SA

não é a mesma sociedade bloqueada que haviam deixado durante a era colonialista. E que, afinal, poderão realizar aqui muitos dos seus sonhos de *eldorado*. É este o exemplo edificante que nos têm dado os retornados que, por iniciativa individual ou associados, têm empreendido no território português muitas iniciativas de carácter económico, pondo a render bens e meios da produção que há muito se encontravam improdutivos, e descobrindo novas formas de actividade susceptíveis de modernizar e dinamizar a vida quotidiana dos seus concidadãos.

Sob este aspecto, os retornados trabalhadores vão ser co-veiros de todos os *morgados* e *mariavalas* da sociedade portuguesa que há séculos estiolam na ociosidade, vivendo parasitariamente do trabalho alheio e desdenhando de toda a inovação. Todo o processo histórico português indica que esta será, na prática e ainda que paradoxalmente uma das consequências do processo de libertação nacional iniciado no 25 de Abril.

Após a irreversível descolonização (haverá por aí algum espírito de cruzado que, por mais aventurado, se disponha à reconquista?) a sociedade portuguesa passou a conter no seu seio elementos dinâmicos suficientes para impedir que voltada a ser a sociedade bloqueada que foi nos últimos séculos.

TRIBUNA LIVRE

Presidente, Reforma Agrária e outros assuntos

Não é que o caso tenha muita importância. Se a televisão e a rádio, nosso visível e audível de todos os dias, usaram o Natal no bom estilo passado para cultivarem em prosa, verso e imagem o sentimentalismo mais dessorado que imaginar se pode; se o Primeiro-Ministro considerou generosa benesse ir de viagem a Linhó e Tires para levar o conforto da sua governamental presença a homens e mulheres que de tácticas políticas nada entendem não há-de espantar ninguém que o Presidente da República tenha decidido chamar a convívio de almoço e conversa três casais de emigrantes. Estas coisas fazem-se por toda a parte, calam fundo no coração popular, sempre sensível e agradecido a quem o trata bem.

Porém, mesmo não tendo o caso assim tanta importância, merece que lhe demos uma volta, a ver que é isto que foi, para que serve e por que se faz. Não falada rádio e da televisão, incapazes de noivar (é palavra inventada, minha) seja o que for, tão curtas de imaginação, tão canticos natalícios, tão «noite silenciosa», tão fraternidade postíca. Não falo do Primeiro-Ministro, que é homem viajado, viu muito disto lá fora, e sabe como se ganham votos, sem se interrogar muito sobre as razões por que os vai perdendo. Falo, sim, do Presidente da República, cujos ditos e feitos ainda são do pouco capaz de interessar esta nossa fatigada terra.

Vossa Excelência, provavelmente, lembra-se de mim. Não passou assim tanto tempo des-

de aqueles dias em que nos sentávamos ao redor duma mesa, no último andar da televisão, Vossa Excelência, dois funcionários da casa e mais uns tantos tarefeiros, entre os quais eu estava. Vossa Excelência não era, como não é hoje, um rosto aberto, mas aquelas reuniões foram desde o começo levadas com algum humor que não prejudicou, creio bem, a eficácia. Honra nos seja feita a todos e sobretudo a mim que não me conformava com a severidade de feição e trato que está no carácter de Vossa Excelência. E honra a Vossa Excelência, que foi capaz de sorrir algumas vezes.

Mas o tempo passa. Vossa Excelência é hoje Presidente da República, o Prádo Coelho foi director-geral da Acção Cultural e saiu desgostoso, o Carlos Porto lá vai continuando as suas críticas de teatro, o Fonseca e Costa decerto gostaria de filmar mais, e eu, Senhor Presidente, depois de algumas andanças, escrevo este artigo. Assim passam as glórias do mundo. Cada um, se há justiça, terá o que profundamente mereça: isto me ensinaram em criança. Vossa Excelência, pela justiça dos votos, é Presidente: resta saber se toda a outra gente terá merecido o que tem. Destruir isso, porém, levar-me-ia para longe do meu objectivo, cujo é precisamente o almoço que Vossa Excelência deu e já referi.

E porque falo eu dele? Por inveja? Quem sabe, Senhor Presidente, quem sabe? Permite que imagine, dê-me essa li-

cença, o que seria um almoço que tornasse a reunir aqueles homens do último andar da Televisão: teria a mesma eficácia? Teria o mesmo humor? Talvez não, mas Vossa Excelência ficaria a saber alguma coisa das nossas vidas e nós teríamos o gosto de vê-lo como Presidente e a aventura de procurar descobrir o homem que no Presidente há.

Esqueçamos porém esta tão humana inveja. E diga eu já que nada me move contra os casais de emigrantes que Vossa Excelência chamou à sua mesa. Gente emigrada é gente sacrificada, e merece tudo, até um almoço na Presidência da República. Vossa Excelência ter-se-á figurado (e acho que fez bem em figurar-se tal) almoçando com todo o Povo Português, nada preocupado ali em querer saber o que partidariamente esse povo fosse. Vossa Excelência, que na Televisão se sentava à mesa com comunistas e não mostrava mais reserva do que julgo ser-lhe própria, também não há-de ter querido saber em que partido votaram os seus convidados, nem terá curado de averiguar se foram todos eleitores seus.

Penso eu, porém, que Vossa Excelência escolheu a solução mais fácil, ou alguém lhe aconselhou. Almoçar com emigrantes é, logo se vê, um acto neutro. Quem vê o emigrante, não vê senão o emigrante. Por aqui se observa como logo fica descomprometido o gesto. Voltem esses emigrantes à terra donde saíram por razões de penúria, e não terão mais lugar à mesa de Vossa Excelência. Entram

JOSE SARAMAGO

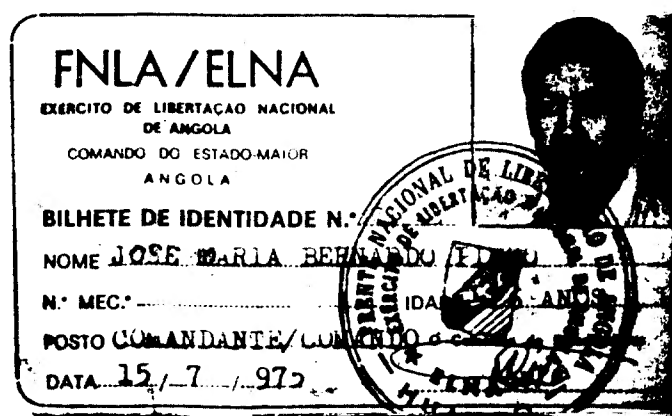
no estatuto corrente do cidadão a quem apenas se pede o imposto e o voto. Não é verdade, Senhor Presidente?

Agora imagine Vossa Excelência que tinha resolvido chamar à sua mesa não o povo de fora, mas o povo de dentro, não três casais de emigrantes, mas três casais ali do Alentejo, da Reforma Agrária. Ai seria um acto político que os seus conselheiros e assessores (para já não falar do Governo) firmemente lhe desaconselhariam. Mas, ah, Senhor Presidente, que salto para a frente teria dado este país se Vossa Excelência tem cometido o rasgo de chamar um casal da Lobata, um casal de Benavila, um casal da Comenda! Estou que seria uma revolução.

Não foi assim, paciência. Uma esperança, no entanto, me anima: a de que três casais do Alentejo convidem Vossa Excelência a ir almoçar lá a casa. Se tal acontecer, aceite. Não queira saber nem consinta que os seus conselheiros tentem averiguar se todos esses casais votaram em si. Nesta altura, se Vossa Excelência vota neles, isso tem pouca importância. Mas, vota?

Desculpe Vossa Excelência estas ousadias. Faça de conta que ainda estamos no último andar da Televisão. É o que têm estes hábitos democráticos: Vossa Excelência é Presidente da República — e eu escrevo este artigo.

Nacional



O cartão de identidade do «comandante Pinto» na FNLA

Mercenários, bombistas, terroristas de vária índole a soldo de ideologias que paguem bem, são quase sempre arrojadados, bons técnicos e bons executantes. Mas têm um defeito: não sabem guardar segredos. Gostam também muito de beber, de contar aventuras e, com frequência, têm imperdoáveis esquecimentos. Outras vezes vão longe de mais e acreditam excessivamente na possibilidade de cobertura que lhes é prometida. Embora quase sempre sem ideologia própria, não passando de meros instrumentos de forças que os abandonam logo que deles se servem para os seus objectivos, dividem-se também com facilidade. E, quando cada um vai para seu lado, lá se vão os segredos mais bem guardados. Braga, Madrid, Costa del Sol, Bruxelas, Genebra, Zurique, Paris, Roma, são itinerários frequentes para os contra-revolucionários que à bomba, e por outros processos mais sofisticados, tentam destruir a democracia portuguesa. Sabem-se por lá imensas coisas e, sobre as redes terroristas que têm actuado em Portugal, bem como a partir de novas prisões feitas pelas autoridades, há muito de importante a contar e muitas perguntas a fazer. Há sempre uma informação precisa e oportuna que chega à mesa do jornalista. Depois é só juntar as peças — pacientemente.

UM TIRO NA «MOUCHE»

Embora nem todos os elementos estejam referenciados, o que a amplitude das redes torna difícil, a Polícia Judiciária Militar e a Polícia Judi-

ciária conseguiram já, sem qualquer margem para dúvidas, penetrar nos núcleos das organizações terroristas que têm actuado em Portugal. A não se verificarem, num prazo muito curto, avanços concretos e consideráveis no desmantelamento dessas redes terroristas — que são mesmo de direita — é porque poderosas forças impedem o total apuramento da verdade. Sabe-se hoje que forças dessas, aproveitando-se da confusão de certos sobressaltos do processo revolucionário, infiltrando-se com oportunidade nos lugares certos, agiram rapidamente na destruição das provas incriminatórias de muitos bombistas e para desencadear processos que restituíram à liberdade alguns dos que já se encontravam presos. Tudo farão agora para travar, e se possível fazer desaparecer uma vez mais, os indícios incriminatórios. Sabe-se em Espanha, que uma das organizações não hesitou mesmo em eliminar fisicamente uma figura demasiado comprometida nas acções terroristas.

Para sermos rigorosos, e se nos remetemos à análise da escalada da direita que culminou no terrorismo, chegaremos à conclusão de que nada, ou quase nada aconteceu em Portugal neste campo, que não estivesse previsto e detectado. A vaga de terrorismo e o seu planeamento foram oportunamente denunciados não só nos órgãos de Informação nacionais e estrangeiros como pelas diversas forças políticas democráticas e organizações de trabalhadores. As autoridades militares responsáveis também não podiam ignorar esses factos.

Há poucos dias, alguns órgãos de Informação portu-

“DOSSIER” BOMBISTAS

Com a prisão do “comandante Pinto” as autoridades têm a chave do problema

gueses noticiaram a prisão, pela Polícia Judiciária do Porto, de dois indivíduos «presumivelmente ligados à FNLA», e que teriam participado em diversos assaltos e actos de terrorismo. Com estas prisões a Polícia Judiciária terá descoberto, portanto, mais uma rede ou célula importante da rede terrorista. Os detidos são o «comandante José Pinto», da FNLA, e outro indivíduo que usa o pseudónimo de «Jorge Jardim», embora nada tenha a ver (quanto a identidade) com o conhecido Jorge Jardim, de Moçambique.

Uma análise atenta e cuidada dos muitos casos de terrorismo ocorridos, das movimentações de certos indivíduos e das suas ligações, permite chegar à conclusão que a P.J. acertou na «mouche», embora existam ainda outros alvos intactos. Só que este é dos mais importantes e, a partir dele, é mais fácil localizar os outros.

do Restaurante Galeto, quando se encontrava a jantar na companhia de um casal (que entretanto desapareceu), de um outro indivíduo com o qual tinha «negócios» (e que foi igualmente detido) e ainda de mais dois indivíduos, um dos quais de nome José Luís, também ex-mercenário da FNLA e mais tarde referenciado como um dos assaltantes da Standard Eléctrica e bombista em «part-time». A detenção foi efectuada por ordem de autoridades militares porque sobre o José Pinto recaiam fortes indícios de que uma das suas missões em Lisboa era recrutar mercenários para a FNLA, além de outras actividades igualmente ilegais.

UM PROGRAMA COMPLETO

Ignora-se onde param os referidos referências a esta de-

tenção que necessariamente deverão ter existido. Na altura terão sido apreendidos ao José Pinto diversos documentos comprovativos das suas actividades, que trazia escondidos no cano de uma bota, e ter-se-ia apurado que uma das missões que estava incumbido de executar ou fazer executar em Lisboa (além do recrutamento de mercenários), e que constava de um «croquis» com plano já esboçado, era a eliminação física de uma importante personalidade militar, na altura membro do Conselho da Revolução.

Fontes dignas de crédito referem também que no quarto da pensão onde se encontrava hospedado, próximo da Avenida Almirante Reis, teriam sido encontradas duas armas de guerra, vários carimbos da FNLA, contratos em branco para os mercenários a contratar, passaportes também em bran-

co e avultada importância em moeda estrangeira, principalmente angolares, bem como diamantes. Esses valores, ao que consta, foram apreendidos pelas autoridades militares, enquanto o José Pinto dava entrada em Caxias, onde pouco tempo permaneceria.

A história do José Pinto é recheada de episódios bem demonstrativos da absoluta liberdade de movimentos de que gozam as organizações contra-revolucionárias e os seus elementos, e cuja ousadia vai ao ponto de contestarem a própria legitimidade constitucional, embora a invoquem quando é para seu benefício. Ao que parece, era cabo «comando» em Moçambique e esteve, com várias outras figuras militares e ex-militares, envolvido nos acontecimentos de 7 de Setembro. A leitura de jornais e de vários documentos publicados nessa altura e a

«PEIXE GRAÜDO» ESCAPADO DE CAXIAS

As notícias sobre a prisão do José Pinto apresentam-nos apenas como «presumivelmente ligado à FNLA», mas a verdade é que se trata de um dos mais importantes elementos portugueses ao serviço daquele movimento.

José Maria Bernardo Pinto, segundo documentos que chegaram à nossa mão e que reproduzimos, foi nomeado comandante das Forças Especiais do Exército de Libertação Nacional de Angola (ELNA) em 21 de Setembro de 1975, por ordem de serviço publicada em Serpa Pinto e assinada por Daniel Chipenda, na qualidade de secretário-geral adjunto da FNLA, funções que Chipenda exercia e ainda recentemente foram confirmadas por Holden Roberto numa entrevista a uma jornalista portuguesa que «acidentalmente» o encontrou no decorrer de uma viagem na República Federal Alemã.

Sabe-se também que José Maria Bernardo Pinto esteve preso em Caxias, sendo libertado após os acontecimentos de 25 de Novembro. Quem o libertou? Quem lhe proporcionou liberdade de acção para continuar a sua actividade? Quem se aproveitou daqueles acontecimentos e do clima emocional então gerado, para a recuperação e libertação de indivíduos sobre os quais havia mais do que indícios de estarem implicados em actividades ilegais? As respostas a estas interrogações, se forem dadas, talvez façam avançar muito as investigações.

José Pinto foi detido por uma patrulha militar no dia 23 de Novembro de 1975, na cave

FRENTE NACIONAL DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

GABINETE DO SECRETÁRIO-GERAL

ORDEM DE SERVIÇO

Nº 2/75/Sec.

DANIEL JÚLIO CHIPENDA, Secretário Geral Adjunto da Frente Nacional de Libertação de Angola, em pleno exercício das suas funções, DETERMINA:

Que a partir desta data seja atribuída a Chefia do Comando das Forças Especiais do Exército de Libertação Nacional de Angola, E.L.N.A., da Frente Nacional de Libertação de Angola, F.N.L.A., a JOSE MARIA BERNARDO PINTO, colocando no Distrito do Huambo.

Mais determina, que as funções de Comandante de Operações das já referidas Forças do Exército de Libertação Nacional de Angola E.L.N.A., sejam assumidas por ANTONIO HENRIQUES RODRIGUES DE SOUSA, também colocado na aquele Distrito.

CONFIRMA-SE.

Gabinete do Secretário-geral da Frente Nacional de Libertação de Angola, em Serpa Pinto, 21 de Setembro de 1975.

SECRETÁRIO GERAL ADJUNTO,

Daniel Júlio Chipenda
Daniel Júlio Chipenda

A Ordem de Serviço assinada por Daniel Chipenda em que ao «comandante Pinto» era atribuída a chefia do comando das forças especiais da FNLA, com colocação no Huambo

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Convoco, para efeitos do preceituado no art.º 33, alínea c), dos Estatutos deste Sindicato, a sua Assembleia Geral Ordinária, para o dia 29 do corrente, pelas 21 horas, em Setúbal no Pavilhão do Clube Naval Setubalense, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. — Apreciação e deliberação do Orçamento Geral para 1977; e
2. — Apreciação e deliberação de Orçamento Suplementar de 1976.

IMPORTANTE: A Assembleia terá início à hora marcada com qualquer número de presenças, sendo indispensável a apresentação do cartão de sócio.

Barreiro, em 13 de Dezembro de 1976

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) João Maria Sovelas

Nacional



«Castor» que há dias encontrou o seu fim num país árabe é o quarto a contar da esquerda. A foto foi obtida num hotel em Espanha durante um «meeting» do ELP e largamente divulgada na altura. Curiosamente, o indivíduo que se encontra frente ao «Castor» (o terceiro a contar da esquerda) também se chama José Pinto, mas não é o mesmo

não existência de acções disciplinares conhecidas permite concluir que alguns se encontram ainda ao serviço.

Derrotada a intentona de Moçambique, Pinto fugiu para a África do Sul, onde foi contratado pela FNLA, através de figuras cuja identificação não pode também ser desconhecida de algumas autoridades militares. Viria a ser o comandante da tristemente célebre «Coluna Chipenda», que a FNLA pretendia fazer chegar a Luanda para evitar a declaração de independência pelo MPLA. Chipenda era o herói, mas quem comandava era o Pinto. O «comandante» vinha com frequência a Lisboa, onde tinha «fontes de financiamento», utilizando para essas deslocações voos da ponte aérea organizada para a evacuação de refugiados, sistema de transporte que parece ter sido largamente utilizado por várias figuras ligadas a este esquadrão, apoiadas por elementos que até lhe reservavam (ignora-se por que processo) o bilhete de regresso, em Lisboa.

UM CERTO BANCO EM NOVA LISBOA

Figura importante dos quadros da FNLA, José Pinto, citam fontes bem informadas, ganhava 80 contos por mês, dos quais 30 eram pagos em Angola e o restante depositado numa conta num banco estrangeiro. Em Angola é-lhe imputada a responsabilidade no assalto a um banco de Nova Lisboa de onde desapareceram cerca de 86 mil contos, além de umas «miudezas» em ouro e diamantes.

Apesar de esse assalto ter sido efectuado durante a vigência do Governo de transição, parece que tem havido um certo esquecimento na formulação desta acusação e procura dos implicados. Aliás não é só cá que tal facto causa estranheza pois, segundo parece, as autoridades da República Popular de Angola têm conhecimento destas e de outras acções realizadas por elementos do famigerado «Esquadrão Chipenda», entre as quais o assassinio a sangue frio de 38 africanos só «por constar» serem afectos ao MPLA. Sobre isto talvez o «comandante Pinto», como «observador» que terá sido, possa dar mais pormenores.

Na altura da sua detenção o «comandante Pinto» teria revelado que com ele havia em Angola mais mercenários portugueses, ex-militares, por ele contratados.

Sabe-se também que as autoridades militares fizeram uma busca a uma casa na zona dos Olivais onde o José Pinto teria confessado guardar diverso material de guerra, mas na-

da foi encontrado, suspeitando-se que tal depósito de armas exista mas noutro local. A verdade é que material de guerra não tem faltado aos diversos elementos da FNLA ultimamente detidos. Muitas armas foram trazidas na ponte aérea, outras vieram mesmo em carreiras regulares. Em algum sítio essas armas devem estar guardadas. A algum fim se destinam.

Figura altamente implicada, com a sua «Coluna Chipenda», (célebre pelos massacres cometidos) na guerra civil de Angola, e em quem a FNLA depositava grande confiança, atri-

enciados os assaltantes como ligados à FNLA. O caso das carrinhas do Porto vem trazer nova luz. É um facto que, após a derrota das tropas de Chipenda e de Holden Roberto, muitos dos mercenários vieram para Portugal pelos caminhos mais diversos. Uma grande parte veio de Kinshasa, com escala por Madrid, outros vieram da África do Sul e outros utilizaram os mais estranhos trajectos. Com eles veio grande quantidade de armamento, algum do qual já foi apanhado. Ainda há dias outro elemento da FNLA, que está a ser julgado no Tribunal Militar Terri-

homens, começasse a ser feita a bomba. Alguns exemplares desses comunicados apareceram junto à Casa de Angola quando ali explodiu a bomba que a destruiu. O que é afinal a CODECO e o que faz?

Em 10 e 11 de Setembro último o «DL» publicou duas notícias segundo as quais teria sido apurado que alguns dos assaltantes da Standard Eléctrica eram também responsáveis por atentados terroristas. A sua conta terão colocado as duas primeiras bombas na Casa de Angola, uma bomba num automóvel no Porto, outra numa livraria nortenha,

caso porque lhe «repugnava» colocar uma bomba no Ministério da Agricultura, onde tinha um familiar empregado; no segundo porque o seu ódio seria aos comunistas e não aos socialistas. O tempo do ódio aos socialistas chegaria também.

Nestas notícias davam-se como prováveis as estreitas ligações da quadrilha com recrutadores de mercenários para a FNLA e a forças da extrema-direita portuguesa, cujas actividades eram infelizmente de todos bem conhecidas.

Todos estes indivíduos estavam ligados a uma organização denominada CODECO — Comandos Operacionais de Defesa da Civilização Ocidental.

Saltemos agora as fronteiras. Vamos até Alicante, de onde nos vem uma notícia pouco doce. Alguém, segundo parece bem integrado na organização «Internacional Fascista», deixou escapar sobre a CODECO uma análise deste tipo: «A CODECO não é mais do que a caserna vazia onde num dado momento se irão juntar várias forças de extrema-direita e outras de uma direita que para já interessa aparecer vestida de roupagem democrática, apoiadas material e tecnicamente por elementos nacionais e estrangeiros, cujas acções surgirão integradas num plano global e internacional de modo a fazer coincidir as actividades ilegais com actividades de cobertura legal, provocando desestabilizações sistémicas nos pontos que melhor sirvam os objectivos do momento.» Assim, seria feito coincidir determinadas actividades violentas no campo laboral com pressões de fachada legalista, em momentos precisos, de modo a fazerem pender as decisões das autoridades constituídas no sentido das teses da direita.

Ainda segundo a mesma fonte, todo este plano era criteriosamente estudado de acordo com a evolução dos acontecimentos em Portugal, embora alguns dos «técnicos» tivessem já ensaiado as suas acções noutros países, nomeadamente no Chile, Argentina e Uruguai.

A cobertura financeira de toda a organização estaria a ser feita por forças do grande capital internacional. Os «técnicos» estão ligados a uma organização bem conhecida pelas suas intervenções na defesa do imperialismo, principalmente na América do Sul.

Contudo algumas vezes, es-

tes «técnicos» da contra-revolução falham e as suas acções (e ligações) são descobertas a tempo. E nos países que se prezam de defender a sua independência nacional tais «técnicos» sofrem por vezes amargos dissabores. Recordamos neste momento o fim da célebre figura do «Castor», tão conhecido e falado na Aginter Press e no ELP, que há dias encontrou o seu fim num país árabe onde foi eliminado por participação comprovada em actos de sabotagem violenta.

Para quem não se lembrar, recordamos que o «técnico Castor» não era mais do que o agente da CIA encarregado de treinar e dirigir, juntamente com o seu colega Morgan, aquilo que a direita diz que nunca existiu, e que se chamava e continua a chamar ELP. Era um dos elementos que apareciam na célebre fotografia divulgada através da RTP quando do início do desmantelamento de uma rede do ELP, no Norte do País. Ninguém acredita que o «Castor» tenha levado para a tumba todos os seus segredos...

UMAS PERGUNTAS

Em determinada altura estavam presos aqueles que são considerados os principais executores das acções terroristas. Depois foram soltos por respeito a uma legalidade que apenas tem servido para atacar e destruir a democracia portuguesa que a institucionalizou. Entre o período da sua libertação e o da sua nova detenção, agora esperemos que definitivamente alicerçada em provas, houve acções terroristas e assaltos que provocaram mortes, feridos e dezenas de milhares de contos de prejuízo ao País. Quem é responsável? Quem assume a responsabilidade?

Travam-se neste País, infelizmente nos bastidores, batalhas de vida ou de morte, entre os «bons» e os «maus», entre os que querem de facto uma democracia autêntica e limpa e os que querem um simulacro de democracia para servir de biombo a uma situação real de fascismo. O tempo começa a mostrar tudo cada vez mais claro. Mostrará também quais as forças que estão por detrás destes homens que não passam de simples instrumentos um conjunto muito mais amplo. É preciso encontrar o vértice da pirâmide terrorista.



Como ficou a Casa de Angola depois da explosão

buindo-lhe a chefia da sua melhor tropa especial, o comandante Pinto tinha um posto equivalente ao de coronel-«comando».

Com a estrutura dos mercenários em parte destruída e com muitos dos seus elementos espalhados pelos sítios mais diversos, vai-se tornando agora possível fazer a história deste período sangrento da luta do povo angolano.

CODECO UMA CASERNA VAZIA?

Na maioria dos atentados bombistas e assaltos a bancos, empresas, etc., têm sido refe-

rial de Santa Clara, confessou a posse de armas de guerra que trouxe viajando de avião, de Luanda para Joanesburgo e daqui para Frankfurt e depois Lisboa. Como foi possível passar tantos controlos de aeroportos com uma bagagem desta natureza?

Pouco depois da chegada a Portugal dos primeiros mercenários vencidos começaram a aparecer comunicados clandestinos de uns denominados «Comandos Operacionais de Defesa da Civilização Ocidental», aos quais, a princípio, ninguém ligou grande importância. Mas não tardou que a defesa da civilização ocidental, tal como a entendem estes

petardos contra um barco soviético atracado em Leixões e uma bomba junto ao Centro de Trabalho do PCP em Viana do Castelo.

Dizia também que os bombistas teriam sido convidados para colocar bombas no Ministério da Agricultura, mais concretamente no gabinete do ministro Lopes Cardoso (a bomba viria a rebentar mais tarde mas na residência), e numa sede do PS no Alto-Minho. Tais objectivos não terão sido concretizados porque o chefe da quadrilha, outro indivíduo que esteve em Angola ao serviço da FNLA e também implicado no 7 de Setembro, em Moçambique, se recusou. No primeiro

setenave

Estaleiros Navais de Setúbal

ADMITE:

ENGENHEIRO CIVIL E/OU ENGENHEIRO TÉCNICO CIVIL E MINAS

EXIGE:

— 2 anos de experiência em actividade da especialidade (projecto e fiscalização de obras, medições e ensaios)

OFERECE:

- 1 — Vencimento de acordo com experiência e com normas em uso na Empresa
- 2 — 13.º mês no fim do ano ou parte proporcional ao número de meses de trabalho.
- 3 — 1 mês de férias no ano civil imediato ao de admissão.
- 4 — 100% de subsídio de férias.
- 5 — Participação em transportes
- 6 — Refeições subsidiadas em refeitórios na Empresa

As respostas com curriculum profissional, deverão ser enviadas a **SETENAVE, SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO** — até ao próximo dia 7 de Janeiro — Península da Mitra — Setúbal

pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA COMUNICADO ASSEMBLEIAS GERAIS DE 27 DE DEZEMBRO/76

Realizaram-se no dia 27/12/76 duas assembleias gerais deste Sindicato.
A primeira para discutir e votar o Orçamento de 1977 às 20.00 h.; A segunda para discutir e votar o Orçamento de 1977 às 20.30 h.; Estiveram presentes **378 sócios**!!

1.º O Orçamento de 1976, proposto pela Direcção extraordinariamente «porque nada a obrigava a fazê-lo», em Março/76 (!) foi agora aprovado com «ligeiras» (!!) alterações:

- RHM*) A) 350 contos para os grupos de trabalho (pode perguntar-se se é para gastar nos dias 28, 29, 30 e 31/12/76!!).
a) 100 contos para verticalizações (para gastar no mesmo período?);
b) 1.200 contos em partes iguais para a Reforma Agrária a distribuir pelos Sindicatos Agrícolas de Beja, Évora e Portalegre!!!
c) Voto de desconfiança aos Corpos Gerentes!
d) Ampla divulgação de todas as decisões!

Esgotada a Ordem de Trabalhos foi ainda aprovada uma **recomendação** à Direcção para que pague de imediato a quotização à INTERSINDICAL (3.440 contos)!!

Apesar de tudo, um ponto positivo:
Foi aprovada uma proposta segundo a qual do saldo de conta de gerência deverá sair 10 por cento para os trabalhadores despedidos ou em greve e duzentas bolsas de estudo de 25.000\$00 por cada, segundo critério a definir.
Do mal o menos!

2.º às 22.30 horas começou a assembleia de discussão do orçamento para o ano de 1977.

Na Mesa estava já a proposta da Direcção ao abrigo da alínea c) do Art.º 12.º dos Estatutos, do Orçamento para o ano de 1977, que transitava da assembleia de 25/11/76!

Foi proposta à Mesa uma proposta alternativa, pelo associado Armindo Martins Fernandes, de um novo Orçamento, no qual se incluía a verba de quotização para a intersindical «3.744 contos»!!!

A Mesa anunciou não poder aceitar esta proposta com a inclusão daquela verba para a Inter, pois a assembleia geral de 18/11/76 havia desfilhado o Sindicato daquela organização.

Na sequência desta posição o proponente resolveu excluir aquela verba do Orçamento que propunha, emitindo uma proposta na qual se previa a convocação de uma assembleia geral extraordinária para discutir a «legalidade do referendo» e a inclusão no Orçamento da verba para a intersindical.

Novamente a Mesa informou não poder aceitar esta nova proposta pois que não poderia permitir-se pôr em causa a legalidade de uma assembleia geral como a de 18/11/76.

O proponente alterou uma vez mais a proposta ficando a s/redacção final em:
«Decisão sobre e reintegração na intersindical» e «inclusão da quotização da Inter no Orçamento de 1977», proposta que viria a ser retirada pelo próprio.

Submetidas à discussão e aprovação em alternativa as propostas de Orçamento de 1977 da Direcção e a do sócio proponente, foi a deste aprovada por maioria.

Nesta aprovação uma coisa surpreende:

Em 25/11/76 a Direcção foi duramente criticada porque havia apresentado o seu projecto de Orçamento apenas com dois dias de antecedência. Nesta assembleia os 378 sócios não hesitaram em aprovar um Orçamento dado a conhecer à assembleia pela leitura do Presidente da Mesa, o que nos leva a supor ser já do conhecimento da maioria dos presentes, fruto de discussão do local onde habitualmente se reúnem.

A contradição entre estas duas atitudes leva-nos ainda a supor que presenciámos uma intensão clara de sonegação do projecto de Orçamento aos restantes sócios do Sindicato a tempo do poderem discutir.

Enfim...critérios!

Depois de esgotado o ponto da O. T. no período antes do encerramento da sessão, tiveram os 378 sócios ainda tempo de aprovar uma proposta que dizia no seu ponto conclusivo:

«Que esta assembleia vincule o Presidente da Mesa da Assembleia Geral à convocação de uma assembleia geral extraordinária, para o dia 13/1/77 às 21.00 horas em local a designar com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º Análise da Actuação dos Corpos Gerentes e sua eventual destituição;
- 2.º Eleição de uma Comissão Directiva Provisória.

Sobre esta proposta, aceite e votada no período antes do encerramento da sessão e fora da Ordem de Trabalhos, portanto num período **não deliberativo**, temos a seguinte consideração a fazer:

- a) dos Estatutos — Art.º 19.º — 1.º — A Assembleia Geral só pode deliberar sobre assuntos que constem da **Ordem de Trabalhos**.

Ora a assembleia (378 sócios) deliberou sobre um assunto que não fazia parte da Ordem de Trabalhos. Não pode pois a Mesa da Assembleia Geral aceitar dar cumprimento à proposta aprovada por ser nula e de nenhum efeito, sob pena de atrair os próprios Estatutos que tem por dever fazer respeitar.

Lisboa, 28 de Dezembro de 1976

OS CORPOS GERENTES

Nacional Sindicato dos Professores põe em dúvida colocações por telegrama

Iniciou-se ontem a nova fase do processo de colocações. Segundo o MEIC será o último, o que é posto em dúvida pelos professores não colocados, «pelo facto desta fase se ter iniciado sem qualquer tipo de regulamentação, nomeadamente sem estarem definidos oficialmente critérios de colocações, o que desde já impede a possibilidade legal de reclamação». Esta a posição dos professores não colocados, veiculada pelo Sindicato dos Professores. Prossegue o texto: «O processo utilizado para as notificações foi o telegrama. O professor assim notificado deverá responder também por telegrama no prazo de 24 horas, dizendo se aceita ou não o lugar». Este método de notificação, segundo o texto sindical, demonstra «já claramente, o modo como o MEIC encara a carreira docente (aliás, em recente entrevista deste Sindicato com o secretário de Estado da Administração Escolar este comparou a carreira docente com a carreira naval!)».

O texto informa ainda terem já sido pagos os vencimentos em atraso aos professores da Telescola, embora ainda não tivessem recebido o 13.º mês. Por outro lado, escreve o Sindicato, as primeiras informações sobre o novo processo de colocações «vem confirmar o des-

prezo com que o MEIC encara os trabalhadores do ensino. Mais uma vez as promessas não são cumpridas».

A finalizar o texto salienta que «o MEIC mais uma vez escolhe o período de férias para proceder a colocações, o que para além dos inconvenientes já conhecidos (desmobilização nas escolas, etc) é extremamente grave neste caso, visto que muitos professores não se encontram nas suas residências habituais, não podendo, portanto, responder no prazo estipulado pelo MEIC (prazo já de si exiguo para uma decisão que implica uma alteração de modo de vida até, pelo menos, o final do ano)».

UNIVERSIDADE DO MINHO

Respeitando os princípios da bipolaridade, o Governo decidiu manter em funcionamento na cidade de Braga os cursos já aprovados para a Universidade do Minho e impulsionar em Guimarães o arranque, no próximo ano, dos cursos de Engenharia.

A resolução do Conselho de Ministros considera ainda de utilidade pública e urgente as expropriações dos terrenos necessários para a implantação das instalações ligadas aos cursos de engenharia. Assim,

serão mantidos em Braga os cursos de línguas vivas, relações internacionais, formação de professores do ensino secundário e preparatório, bem como o curso de formação básica, cujo curso complementar será ministrado em Guimarães.

C.D. DE LETRAS

A propósito de notícias vindas a lume sobre um referendo realizado na Faculdade de Letras de Lisboa, o respectivo Conselho Directivo achou por bem esclarecer que «o C.D. realizou de 14 a 16 de Dezembro, uma consulta à escola». E mais informa: «Não se tratou de levar a escola a manifestar o seu apoio ao decreto, tanto mais que este C.D. dele discorda em diversos pontos, conforme já tornou público».

«Não se tratou, tão pouco — salienta — o comunicado — de referendar o decreto, pois uma lei não é possível de referendo».

Finalmente: «O Conselho Directivo rejeita todos os aproveitamentos políticos que se façam do facto, reafirmando que a finalidade da consulta efectuada foi, exclusivamente, resolver uma questão interna da escola».

Novos cadernos do novo F.A.O.J.

Os cadernos do FAOJ cuja divulgação foi proibida pelo dirigente do M.E.I.C. do I Governo Constitucional, vão começar a sua publicação. Já está a ser distribuído o primeiro número da nova série: «O que é o Conselho da Europa», documentação vária sobre aquele organismo, coordenada pelo chefe da divisão de Estudos e Planeamento, dr. Pinto Duarte.

Diz a notícia enviada às redacções que nesta nova colecção de cadernos «se procura abordar vários aspectos da realidade com que os jovens se defrontam e que fazem parte das suas preocupações do dia a dia». Depois da quotidiana preocupação do Conselho da Europa, teremos, a ser divulgado, o «Natal na Poesia», sob responsabilidade (coordenação) de Manuel Sérgio. Alguns escolhidos, senhores entre duvidosos nomes, poetas e grandes entre os que nunca

o foram: Afonso Duarte, Gedeão, Augusto Casimiro, Daniel Filipe, David Mourão Ferreira, Fernando Pessoa, José Régio, Miguel Torga, Nuno Sampaio, Tomás Kim, Vitor Moreira, Vitorino Nemésio.

Pretende a nova colecção, ambiciosamente, ser uma pequena Cosmos. Para o ano de 1977 estão programados de 40 a 50 cadernos alguns com efectivo interesse, como seja um sobre cooperativismo com a participação de todos os partidos representados na Assembleia da República. Está previsto ainda um caderno sobre a UNESCO, da responsabilidade de Noronha Feio. Outro sobre fantoches, somatório das experiências de todos os grupos que a esta expressão se dedicam.

Prevêem-se ainda cadernos de divulgação sobre a obra de Pascoaes e Miguel Torga; cadernos sobre a história e a técnica do teatro.

Por outro lado, em afirmações de um seu responsável, pensa o FAOJ estimular os jovens no sentido de construir os seus próprios centros de convívio. O FAOJ subsidia, mas a iniciativa e a construção dos objectos necessários ao centro será da responsabilidade dos jovens. Textos sobre o ambiente, cadernos de divulgação do conto infantil, são outros tantos dos projectos do FAOJ.

Recomeçam os cadernos; esquecem-se os outros? Prentendem-se os cadernos talvez com excessiva ambição transformarem-se numa pequena Cosmos, pretendem-se os cadernos «abordar vários aspectos da realidade com que os jovens se defrontam e que fazem parte das suas preocupações do dia-a-dia».

«Para o efeito informa a nota do MEIC encontra-se já assegurada a colaboração de diversos especialistas entre

os quais avultam figuras de relevo no nosso País». Quais?

Entretanto aí está já em circulação o caderno sobre o Conselho da Europa, coordenado pelo dr. Pinto Duarte, e o «Natal na Poesia», coligido por Manuel Sérgio.

Mourão-Ferreira dá posse a dois directores-gerais

David Mourão Ferreira, Secretário de Estado da Cultura, dá posse na quinta-feira aos directores-gerais dos Espectáculos e da Acção Cultural, respectivamente jornalista Rogério de Freitas e pintor Lima de Freitas.

A posse será conferida ao meio-dia e, segundo notícia a Direcção-Geral de Informação, o Secretário de Estado da Cultura «proferirá uma importante alocução pelo que se solicita a comparencia dos órgãos da Comunicação Social».

Julga-se que Mourão Ferreira abordará com particular incidência a questão dos subsídios ao teatro e ao cinema assim como se aguarda uma definição da política cultural daquela Secretaria, o que não tem acontecido até agora.

Carro roubado a um jornalista

Um nosso camarada de profissão ficou, de ontem para hoje, pela segunda vez sem o automóvel. É um «Mini 1000» vermelho, matrícula GG-87-48, que estava estacionado em Campolide. Quaisquer indicações conducentes à sua localização podem ser transmitidas à P.S.P. ou G.N.R. (Trânsito).

pub

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

AVENIDA VISCONDE DE VALMOR, 34-1.º
TEL.FX. 763276-770066—LISBOA-1

A TODOS OS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS

Nos jornais diários de 27 de Dezembro p.p., foi publicada uma «PROPOSTA», com a assinatura do Presidente do Sindicato das Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul, EDUARDO BORGES, onde era feito um ataque divisionista à Direcção do SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, e onde se chegava mesmo a apelar aos trabalhadores da Rodoviária Nacional para derrubarem a Direcção.

Embora constitua norma desta Direcção não responder a tal tipo de ataques, que normalmente provêm das forças reacçãoárias, no entanto, não pode deixar de alertar os trabalhadores para o seguinte:

— Numa altura em que toda a reacção, se atira contra os Sindicatos com o objectivo claro de os dividir, para mais facilmente fazer pagar aos trabalhadores a actual crise, numa altura em que o Governo publica um conjunto de leis, como são a liberalização dos despedimentos e da quotização e autonomização da contratação.

O ataque a uma Direcção eleita democraticamente pela classe, que continua a manter a confiança desta, como mostram as contínuas Assembleias Gerais realizadas, é não só grave, porque provém de um dirigente sindical, que nem é sócio do Sindicato dos Rodoviários do Distrito de Lisboa, como também representa uma importante ajuda dada aos inimigos dos trabalhadores. Para além de tudo isto, a «PROPOSTA», que saiu nos jornais diários apela para a formação de uma Direcção apenas constituída por trabalhadores da Rodoviária Nacional, quando estes são apenas 2.000 dos 25.000 sócios deste Sindicato. Desta forma, caminhar-se-ia para a formação de um Sindicato da Rodoviária Nacional, manobra que é defendida por todas as forças reacçãoárias.

O SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, não pode deixar também de alertar todos os trabalhadores, para o facto de que, num momento em que a Rodoviária Nacional e o próprio Governo procuram retirar regalias aos rodoviários e atrasar a publicação do nosso CCT-V, a acção divisionista do Presidente do Sindicato das Garagens só poderá contribuir para, enfraquecer a nossa justa luta e facilitar a acção daqueles que se opõem aos trabalhadores.

E isso é de tal maneira verdade, que o Conselho de Gerência da Rodoviária Nacional, aproveitando uma greve planeada isoladamente pela Direcção do Sindicato das Garagens, sem se dignar ouvir, através dos Sindicatos respectivos, os restantes trabalhadores abrangidos pelo CCT-V, prepara-se para pôr em prática medidas repressivas contra os trabalhadores que aderiram à «GREVE DA MALA». É evidente também que a actuação divisionista do Presidente do Sindicato das Garagens só pode ter como resultado enfraquecer a necessária defesa desses trabalhadores.

- NÃO AO DIVISIONISMO!
- UNIDOS CONTRA A REPRESSÃO!
- UNIDOS PELO CCT-V!

PELA DIRECÇÃO

RTP vai microfilmar documentos em arquivo

Uma proposta do director administrador da RTP para microfilmar a documentação em arquivo e destruir os respectivos originais, foi aprovada por portaria da Secretaria de Estado da Comunicação Social.

No entanto, não serão inutilizados os documentos que tenham valor histórico, artístico, ou, por serem únicos, tenham grande interesse documental.

A microfilmagem de documentos existentes em empresas públicas foi autorizada em 1972.

Nacional

PARA O PERFIL DE UM EX-"PIDE"

Advogado relata torturas de Henrique Seixas em 1938

O julgamento do inspector da ex-PIDE/DGS Henrique Seixas poderá originar um grave equívoco: o de pensar-se que a actuação mais feroz e criminosa do célebre tortionário se verificou no Campo do Tarrafal. Sobre esse período da sua actividade criminosas existem testemunhas e poderão recolher-se depoimentos; sobre esse período, por outras palavras, a justiça poderá recolher elementos.

Acontece, porém, que o processo movido a Henrique Seixas deixa esbatida, quase esquecida, a sua actuação no Porto, no edifício da Rua do Heroísmo, sede local da ex-PIDE, onde ele dirigiu as investigações durante alguns anos.

Ai as suas vítimas foram inúmeras. «D.L.»: recolheu agora o depoimento de uma delas, o dr. José Domingues dos Santos, advogado, filho do antigo presidente do Governo da República chefe do Partido da Esquerda Democrática, dr. José Domingues dos Santos.

Este depoimento não esgota a matéria e nem sequer chega para que possa fazer-se uma ideia exacta e clara do papel que Henrique Seixas desempenhou na vida portuguesa nesse, para muitos, já longínquo ano de 1938, quando o tortionário se sentiu no direito de agredir dois sacerdotes católicos e atentar contra a dignidade de homens como o antigo presidente do Governo, dr. Domingues dos Santos.

A carta que, o dr. Domingues dos Santos dirigiu ao então ministro do Interior, Mário Pais de Sousa, cunhado do ditador Salazar, não se deverá ter per-

dido, encontrando-se algures arquivada no citado Ministério.

Trata-se de uma peça importante, que deveria fazer parte integrante do processo do tortionário Seixas. Isto porque, tendo visitado os cárceres portugueses e sido inteirado das proezas de Henrique Seixas, Mário Pais de Sousa determinou ao capitão Agostinho Lourenço, então director da PIDE, que Seixas fosse transferido para o Tarrafal, onde ele efectivamente prosseguiu a sua carreira, agora como chefe dos guardas.

Comentar o depoimento do dr. José Domingues dos Santos seria inútil. O que a seu respeito se pudesse dizer nada acrescentaria que ele e, como ele, tantos outros tem a dizer acerca do que foi a resistência portuguesa durante os quarenta e oito anos em que Portugal foi dominado, diminuído e achincalhado pelos amos que Henrique Seixas tão bem serviu.



O dr. José Maria Domingues dos Santos quando falava a um nosso redactor da Delegação do Porto

O DEPOIMENTO

«Em princípios de Junho de 1938 fui preso em Coimbra pela Polícia de Vigilância e Defesa do Estado por actividades que ali desenvolvia com o núcleo revolucionário ligado a uma conspiração cujo chefe supremo se dizia ser, em Lisboa, um irmão de Sidónio Pais, o coronel Alberto Pais e o coronel Casqueiro. Fui transferido para o Porto para aqui ser interrogado. Mal cheguei, fui encerrado na carvoeira do prédio onde me mantiveram até altas horas da noite, metendo-me

depois numa cela com vários outros presos. Encontrei, então, um verdadeiro ambiente de pavor. Cerca das 2 da manhã começavam os interrogatórios. Os presos eram retirados das celas e muitas vezes não voltavam, pois seguiam directamente desses interrogatórios para a enfermaria. A principal figura da casa, logo abaixo do director, que era o tenente Adelino Soares, parecia ser o agente Seixas a quem todos temiam pela sua brutalidade. Este agente principiou

por me meter no segredo onde estive alguns dias. Como o agente encarregado de me interrogar, Correia Leite, salvo erro, não conseguia extrair de mim nada de útil para as investigações, o agente Seixas chamou a seu cargo os meus interrogatórios. Logo no primeiro, fui esbofetado por ele e avisado que se até à meia-noite não lhe fizesse uma confissão completa do que se passava em Coimbra com o núcleo revolucionário de lá, me levaria para «a casa del campo».

Esclareço que a «casa del campo» era um aposento térreo situado nas traseiras do edifício da polícia onde os presos eram habitualmente espancados. Naquele aposento havia uma grande quantidade de cavalos marinhos das mais variadas qualidades que eram designados pelos agentes como «o negrin», «a passionaria», e outros nomes, todos eles relacionados com figuras da guerra de Espanha que nessa altura se encontrava no auge. De acordo com a sua ameaça, o agente Seixas e mais dois outros levaram-me para a «casa del campo» onde me obrigaram a por nu da cinta para baixo, ficando só com a camisa, espancando-me em seguida a cavalo marinho até eu cair por falta de forças.

Não foi só o agente Seixas quem me espancou, mas foi ele quem o fez com maior violência e quem dirigiu toda a agressão de que fui vítima. Em resultado dessa agressão tive uma síncope cardíaca que, segundo depois soube, pôs em risco a minha vida. Quem então me socorreu, e lutou até de manhã para me reanimar foi um simples enfermeiro que também estava preso, chamado Nicodemos, pois no edifício não se encontrava qualquer

médico. Além desta agressão, não fui vítima de mais nenhuma. Mas tive ocasião de tomar conhecimento de outras, não menos violentas, sofridas pelos presos e atribuídas ao agente

O ROUBO NO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Gatunos deixam muitos indícios

Está excluída a hipótese de autênticos «profissionais» do roubo terem assaltado o Arquivo Histórico Ultramarino, face aos indícios deixados, às inúmeras impressões digitais que sujam as vitrinas arrombadas.

O montante do roubo, que não se pode compatibilizar em dinheiro, de obras de carácter histórico, atinge um valor incal-

culável.

Ao todo foram roubadas das duas vitrinas 41 peças: 18 medalhas, 10 moedas, um estojo com uma colecção de nove moedas de porcelana e mais 12 objectos variados. Entre outros, um estojo forrado de veludo azul, contendo nove moedas de porcelana do reino do Sião, com uma placa metálica

com a legenda: «João Afonso Corte Real oferece estas moedas ao Arquivo Histórico Ultramarino. Lisboa 27 de Dezembro de 1963».

Nota saliente e que o próprio director do Arquivo em declarações a um matutino corroborou, é a falta de vigilância a que o Arquivo está sujeito.

Com efeito, ainda não foi conseguido um terceiro vigilante que pudesse colmatar as folgas semanais dos outros dois, já idosos. Passa-se que todos os que vêm à experiência acabam por abandonar o cargo, nada convidativo, se informarmos que o salário não ultrapassa os cinco contos mensais.

Pensão de 79\$00 para viúva "sobreviver"

A sobrevivência de uma viúva portuguesa, Maria da Piedade, acaba de ser «assegurada» por despacho da Secretaria de Estado da Marinha Mercante. Segundo o «Diário da República» de hoje foi concedido àquela mulher, viúva de Ernesto Ferreira, «o subsídio de sobrevivência no quantitativo mensal de 79\$00».

Outro subsídio de sobrevivência, este mais «elevado», foi concedido a Maria da Purificação Costa, viúva de Hermínio Costa: 251\$00 mensais.

Nos termos da lei, as sobreviventes não terão de pagar emolumentos.

RELATADO AO "DL"

Duas retornadas em situação precária

Angela Martins Afonso é uma senhora de idade que, com a mãe (84 anos), veio de Angola há treze meses, na qualidade de retornada.

O IARN hospedou ambas as senhoras no Hotel Universo. Subsídio diário: trezentos escudos.

Acontece, no entanto, que mãe e filha «dormem numa cama péssima», segundo carta que Angela Martins Afonso nos mandou. Além disso, o Hotel «não tem roupa para todos os

hóspedes». Assim, aquela senhora já teve de comprar «lençóis e toalhas».

Um parágrafo da carta: «Passamos mal, queremos sair do hotel, mas o IARN não atende o nosso pedido».

Angela Afonso lamenta também a ausência de «uma assistente social» — e sugere que o IARN lhe conceda o subsídio acima referido para que ela e a mãe possam alugar um quarto, cozinhar, etc. Será possível?

Água sobe nas albufeiras

As chuvas caídas nos últimos dias no Sul do País, para além de terem beneficiado os solos, traduziram-se num aumento médio de 52 por cento dos caudais das fontes, rios e albufeiras. Um senão na agricultura: há sementeiras e co-

lheitas com atrasos entre uma e três semanas, sendo os menores no Minho e Douro Litoral. Quanto a previsões meteorológicas, o S.M.N. dá como certo o tempo nublado com aguaceiros.

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
27 MAIO 7 JUNHO 1977

«EXPOR É A OPÇÃO CERTA PARA O DESENVOLVIMENTO»

INSCREVA-SE JÁ

ATÉ 31 DE JANEIRO

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
PRAÇA DAS INDUSTRIAS, LISBOA-3—TEL. 639044

BOAS COLHEITAS EM 1977

COM **AGROBI**

O PULVERIZADOR

Que Azeite! Que zeitinho! Azeitissimo

Copaz, o Azeite.

Fabricado em Portugal

ESTUDADO PARA SI

Nacional

Governo da Madeira não consegue impor Comissão de Censura

FUNCHAL, 29 O governo social-democrata madeirense

Portugal entra na Conferência de Accra

Portugal é um dos dezasseis países que integram o Comité Organizador da Conferência Mundial de Combate ao Racismo e à Discriminação Racial, do âmbito das Nações Unidas e a realizar-se em Accra (Gana) no ano de 1978 — informa, de Nova Iorque, um telegrama da France Presse.

Juntamente com Portugal, estão no Comité Organizador da Conferência a Argélia, a Bulgária, a Colômbia, a França, a Grã-Bretanha, o Iraque, a Jamaica, a Nigéria, as Filipinas, a Somália, a Síria, o Togo, a URSS, a Venezuela e o Zaire.

não conseguiu fazer «passar» a CIRCE (Comissão de Intervenção Regional na Comunicação Estatizada) junto do ministro da República, coronel Lino Miguel.

A referida Comissão, que já havia «passado» na Assembleia Regional (fácil: o PPD tem 29 dos 42 lugares da A.R.) parece ter finalmente esbarado ao ser apresentada a Lino Miguel para despacho.

O «Jornal da Madeira» desta manhã lamenta, pela pena do seu director (PPD) «o mutismo do ministro da República» quanto ao destino da CIRCE, acrescentando que uma tal posição «facilita comunistas e socialistas».

Importa acrescentar que a legalização da CIRCE permitir-lhe-ia intervir na TV e Radiodifusão regionais (os únicos órgãos de comunicação estatizados) assistindo-se dessa forma ao regresso da censura.

Aliás, já por altura da sua criação, a CIRCE havia merecido o repúdio unânime dos trabalhadores do posto regional de Radiodifusão.

CONTRA O AUMENTO DOS TRANSPORTES

Entretanto, ontem, a Assembleia Regional ocupou-se (antes da Ordem do Dia) dos aumentos decididos pelo governo nos transportes colectivos.

Na oportunidade, um deputado socialista lamentou que se tivesse avançado com uma medida que afecta, principalmente, as classes mais desfavorecidas.

Por seu turno, um deputado da UDP lembrou que, quando se tratava de questões administrativas, a Assembleia era consultada; quando, porém, se tratava de medidas contra os interesses do Povo, essas eram tomadas às escondidas.

Sobre o mesmo assunto, também o Sindicato dos Bordados e Tapeçarias viria a tomar posição, em comunicado: ao governo comenta o sindicato «falta-lhe a mesma ligeireza e rapidez para resolver os problemas de uma população que, na sua maioria, afigere vencimentos inferiores ao Salário Mínimo Nacional».

BALANÇO DA FRENTE POVO UNIDO

Ganhos no Norte e Centro, confirmação no Alentejo

Aumentos significativos, em percentagem e em número de votantes, nos distritos do Norte e Centro do País; altas votações em todos os distritos abrangidos pela zona da Reforma Agrária; criação de condições para uma base alargada de democratas e antifascistas

Os três aspectos positivos de participação da Frente Povo Unido nas eleições para as autarquias locais, sublinhados ontem no decurso de uma conferência de Imprensa na qual a Comissão Nacional da Frente tornou público os dados obtidos na sua última reunião, realizada no domingo.

Presidiu à mesa da conferência Anselmo Anibal, independente, estando ainda presentes Aurélio Santos e Silva Graça, do P.C.P., António Galhorda e Eduardo Pedrosa, do M.D.P./C.D.E. e José Luís Matos e Rui Carneiro, da F.S.P.

A exposição inicial, feita por Anselmo Anibal, versou duas partes: numa, fez-se o balanço dos resultados eleitorais; noutra, explicou-se a decisão do Povo Unido continuar a sua actividade.

«Os resultados confirmam a ampla fidelidade do povo português ao ideal libertador do 25 de Abril e às conquistas democráticas consagradas na Constituição. Confirma-se que a F.E.P.U. constituiu a base para uma unidade alargada de democratas e antifascistas e

permitiu uma vitória significativa do conjunto das forças populares e progressistas sobre a reacção e os caciques»

começou por dizer Anselmo Anibal, abrindo a exposição sobre o primeiro ponto da sua intervenção.

Em apoio destas afirmações, foram divulgados números dando conta de que, relativamente à votação do P.C.P. e F.S.P. em Abril último, a F.E.P.U. registou agora, nos cinco distritos do Norte, mais 25 mil votos, atingindo os 130 mil eleitores (nestes mesmos distritos o P.S. perdeu 150 mil votos e o C.D.S. e P.S.D./P.P.D. perderam 100 mil). Simultaneamente, nos cinco distritos do Centro, e também em comparação com as eleições legislativas, a F.E.P.U. obteve mais cinco mil votos, contabilizando 60 mil cidadãos.

Para além desta progressão registada no Norte — que a Povo Unido interpretou como produto do desencanto face à real política governativa — foi ainda destacada a manutenção das altas votações na zona da Reforma Agrária.

Quanto às elevadas abstenções registadas, segundo o ponto de vista da Povo Unido, elas são fundamentalmente políticas.

«Os cidadãos não se absteram apenas: deixam de votar traduzindo o desencanto perante formações políticas em que anteriormente tinham confiado».

A segunda parte da exposição — continuidade da Povo Unido — Anselmo Anibal começou por dizer que após as eleições, novas e importantes tarefas se colocam ao movimento unitário e popular, pelo que a frente vai continuar com as características de defesa dos interesses das populações, como expressão e factor de unidade que se vai conquistando e que, reforçada todos os dias tornará irreversível as grandes conquistas da Revolução e permitirá novos avanços a caminho do socialismo. No entanto, a frente não é, nem será, «uma frente com programa político de governação».

A curto prazo, a Povo Unido estabelece como linhas prioritárias de actuação a luta por uma política local e municipal conforme aos princípios constitucionais; a definição e a regulamentação das assembleias municipais e de freguesia; a eleição das juntas de freguesia nos locais com menos de trezentos eleitores; o reforço da actividade e as ligações institucionais entre órgãos eleitos e as comissões de moradores, as assembleias populares e os conselhos de aldeia; a eleição dos presidentes das assembleias municipais e dos vogais das juntas de freguesia; a definição da composição e atribuições dos conselhos municipais.

PUB

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

AVISO

SOBRE O DESCONTO DA QUOTIZAÇÃO SINDICAL

Algumas Associações Patronais de vários distritos do País estão a enganar os seus associados, induzindo-os a não descontarem a quotização dos trabalhadores sindicalizados conforme estipulado na generalidade das convenções colectivas e na Lei Sindical, que não só não proíbe como expressamente o admite no seu artigo n.º 52, quando refere que «o que no presente diploma se dispõe não prejudica o estabelecido em cláusulas convencionais mais favoráveis às associações sindicais e aos trabalhadores».

O incitamento por parte das entidades patronais à violação e não cumprimento das convenções colectivas e da própria lei, terá a resposta devida, por parte das autoridades competentes, e dos trabalhadores que unidos e organizados por todo o País, esmagarão mais esta investida do patronato reaccionário, contra o movimento sindical.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1976

CONGRESSO DO M.R.P.P. (AGORA P.C.T.P.)

Aventino Teixeira e Natália Correia na sessão de encerramento

Com um «comício de massas», no dizer da propaganda, terminou ontem em Lisboa, nas instalações da FIL o Congresso do MRPP, doravante PCTP, Partido Comunista dos Trabalhadores de Portugal, nova designação para o Movimento aprovada no decorrer dos trabalhos. Segundo um «Telex» da ANOP, entre a assistência presente à sessão de encerramento estiveram o major Aventino Teixeira e a escritora Natália Correia, actual directora da

revista «Vida Mundial».

4 A sessão, a que presidiu o dirigente Fernando Rosas, serviu para apresentação pública dos membros do comité central («presidium»), entretanto eleitos. Ao todo, dezasseis elementos integram aquele órgão.

Seis dirigentes usaram da palavra antes de Arnaldo Matos encabeçar o comité central da organização, tendo sido entretanto reconduzido como secretário-geral. O conhecido dirigente sublinhou o significado político da formação do novo partido — «o único Estado-Maior revolucionário», no seu dizer — e o «espírito bolchevique» com que os trabalhos do congresso decorreram. De seguida desferiu «violentos ataques ao Governo PS» (citamos a ANOP), afirmando, a dado passo, que a actual política go-

vernamental «não serve a 90 por cento da população».

«O nosso partido luta contra todos os oportunistas, tenham eles a marca de Cunhal ou de Soares» — garantiria depois o secretário-geral do partido sucedido no que foi o Movimento Reorganizador do Partido do Proletariado.

Antes da sessão final tinha havido outra, de manhã, dedicada à «Imprensa do partido». Discutiram-se teses que viriam a ser aprovadas por unanimidade. Foi tomada a resolução de levantar uma campanha de fundos com o objectivo de alcançar dois mil contos para o porta-voz da organização, o quotidiano vespertino «Luta Popular».

A tarde discutiu-se e votou-se o programa do partido e foram eleitos os dezasseis do «presidium».

Liga Iberista saúde povo catalão

«A tese iberista corresponde aos anseios de um Portugal mais livre, bem como aos anseios de todos os povos da nossa Península, pondo termo aos despotismos centralistas e criando bases para um desenvolvimento harmonioso, no quadro de uma autonomia plena» — diz a Liga Iberista Portuguesa numa mensagem dirigida ao povo catalão.

A mensagem é uma saudação e foi enviada ao Conselho Nacional da Catalunha, na pessoa do seu presidente Batista y Roca.

A Liga Iberista Portuguesa foi recentemente criada, lembra-se, e entre os seus promotores, figuram várias personalidades da vida intelectual portuguesa. Lembram-se, entre outros, A.H. Oliveira Marques e Vitorino Nemésio.

E.U.A. concedem isenção de direitos para certos produtos

Ao abrigo do sistema generalizado de preferência, os Estados Unidos concederam a Portugal isenção de direitos para cerca de 2.700 categorias de produtos, tendo-se efectuado no passado dia 21 uma reunião de trabalho na Direcção-Geral das Alfândegas relativa a esta concessão.

Na reunião foi igualmente abordada a necessidade de esclarecimento dos exportadores quanto aos requisitos exigidos pelos Estados Unidos para que se verifique a isenção de direi-

tos de forma a que as nossas exportações possam processar-se num bom ritmo.

Estiveram presentes na reunião representantes da Direcção-Geral do Comércio, Associação Industrial Portuguesa, Associação Comercial de Lisboa, Câmara do Comércio Luso-Americana, Fundo de Fomento de Exportação, Câmara dos Despachantes Oficiais, Sindicato Nacional dos Ajudantes de Despachantes Oficiais, despachantes privados e agentes aduaneiros.

INSTALADO NA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES (JUNTO AO CINEMA IMPÉRIO)

O PÚBLICO CONTINUA A APLAUDIR COM GRANDE ENTUSIASMO A NOVA COMPANHIA DO MAIOR E MAIS ALEGRE ESPECTÁCULO DO ANO AS LOTAÇÕES ESGOTADAS CONTINUAM, VENHA VER OS MAIORES ARTISTAS CIRCENSES, AO VOSSO CIRCO

CIRCO MARIANO

(O VOSSO CIRCO)

EMP. HENRY TONY

TODAS AS NOITES, às 21.30

SEXTA-FEIRA SENSACIONAL «REVEILLON», com muitas atracções e surpresas, uma verdadeira passagem de ano. Venha ver, venha até nós, o nosso espectáculo é PARA TODOS, compre já o seu bilhete.

DIA 1 — 3 ESPECTÁCULOS às 15, 18 e 21.30 horas

DIA 2 — 3 ESPECTÁCULOS às 15, 18 e 21.30 horas

QUINTA-FEIRA, «MATINÉE» às 16.30 horas

VENHAM VER em TODOS os ESPECTÁCULOS a ALEGRIA das CRIANÇAS e ADULTOS



HEIDI, PEDRO, AVÓ ALP E YUKI

2 — PARELHAS DE PALHAÇOS — 2

«OS ELIZABETH'S E CAMPOS FILHOS»

Pela 1.ª vez em Portugal, vindos directamente de Inglaterra

«OS ELEFANTES BEBÉS»

Trabalho

DECIDIDO EM REUNIÃO GERAL

Prorrogado o prazo de inscrição no Congresso dos Sindicatos

A inscrição dos Sindicatos no respectivo Congresso, foi prorrogada até ao dia 21 de Janeiro do próximo ano, em

virtude de em alguns deles ainda não se terem efectuado as Assembleias em que será tomada a decisão final.

Na data inicialmente prevista como limite para a inscrição (dia 13 do corrente mês) já a tinham feito 255 sindicatos, em representação de cerca de 1.750.000 trabalhadores portugueses. Desse número, 75 sindicatos não são filiados na Intersindical Nacional e quatro procederam à sua inscrição provisória.

Estes dados foram fornecidos numa conferência de Imprensa, realizada esta manhã pela Comissão Nacional Organizadora do Congresso, e na qual foram, ainda, divulgados elementos sobre a Reunião Geral de Sindicatos que ontem se realizou no Instituto Superior Técnico, com a presença de 141 sindicatos, sete secções sindicais, seis delegações sindicais, seis Federações, 14 Unões Distritais e quatro Unões locais.

A ordem de trabalho desta reunião constava de três pontos: apreciação e deliberação sobre a proposta da CNOC relativa à participação no Congresso dos Sindicatos paralelos; sobre outra proposta da CNOC relativa aos órgãos de Comunicação Social que não poderão estar presentes no Congresso; e outras decisões decorrentes da aplicação do Regulamento do Congresso.

Sobre o primeiro ponto desta ordem de trabalhos, cumpre salientar que «não surgiu qualquer conflito de apresentação entre os Sindicatos inscritos até à data», motivo por que «não há lugar à apreciação de

qualquer recurso pela presente Reunião Geral de Sindicatos», como está previsto no Regulamento para o caso afirmativo.

No entanto, por ter sido considerado que «a proposta agora aprovada de alteração do prazo de inscrição torna inaplicável o disposto no Regulamento», foi aprovada a alteração do n.º 3, do seu artigo 1.º: «Caso não se consiga acordo (...) cabe à CNOC deliberar sobre a matéria nela referida».

A questão que se refere à presença dos órgãos da Comunicação Social não pode ser ainda objecto de juízo definitivo, uma vez que estando inscritos os jornais de expansão nacional, não o fizeram alguns semanários — afirmaram esta manhã, na reunião, os elementos da CNOC. No entanto, já foi obtido um consenso sobre o que se entende por jornais reaccionários, que «até não estão inscritos».

O CASO «CARTA ABERTA»

Na Reunião Geral de Sindicatos ontem efectuada, foi aprovada por maioria uma moção em que se denuncia «o processo referendário como um processo antidemocrático, que mais não visa do que dar uma capa de legalidade à divisão do movimento sindical e traduz a falência da chamada «Carta Aberta» e a sua incapacidade de ganhar a maioria dos trabalhadores, através da discussão e do voto esclarecido, para as suas posições divisionistas».

Nas considerações desta moção assinala-se que o método do referendo «contraria os princípios da democracia interna definidos nos estatutos desses sindicatos e neutraliza as funções soberanas das assembleias gerais de trabalhadores».

Além disso, considera-se na moção, «as alternativas colocadas aos trabalhadores através desses referendos são falsas alternativas que reflectem a vontade divisionista e manipuladora dos seus promotores».

Na conferência de Imprensa desta manhã, foi lido pelo CNOC um documento de análise do momento político e sindical, em que mais uma vez é focada a tentativa divisionista do movimento sindical. Historiando o processo sindical português, nesse documento assinala-se que «após o 25 de Novembro criou-se a «Carta Aberta» e o ataque centrou-se desde então no secretariado da Intersindical».

Nesse documento assinala-se, ainda, que depois da aceitação dos princípios definidores da realização do Congresso dos Sindicatos, que culminou com a jornada de unidade do 1.º de Maio, as condições políticas levaram à exigência da paridade, inicialmente para a Comissão Organizadora e agora a todos os níveis, como se pode ler num comunicado do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, publicado nos jornais a 23 de Dezembro.

Aí se lê: «Paridade entre as principais correntes de opinião com efectiva expressão no movimento sindical a todos os níveis da estrutura da Central Sindical Única a construir».

FUNÇÃO PÚBLICA

Melhora a comparticipação da A.D.S.E. na assistência médica e medicamentosa

Entra em vigor no próximo dia 1 de Janeiro o novo esquema de comparticipação da A. D. S. E. (Assistência na Doença aos Servidores do Estado) nos encargos da Previdência, que prevê melhorias da ordem dos 20-50 por cento nos domínios da assistência médica e medicamentosa, tratamentos termiais, aquisição de óculos e próteses ópticas e dentárias, etc..

Estes benefícios, de há muito exigidos pela Função Pública, foram introduzidos por recente despacho do ministro das Finanças no âmbito de «uma política que visa melhorar a qualidade de vida do trabalhador da função pública, de acordo com as reais possibilidades orçamentais», segundo se afirma num comunicado daquele Ministério.

São as seguintes as alterações ao regime ainda em vigor (até ao fim do ano):

Assistência médica: Consultas: Aumento do limite da comparticipação de 100 para 150 escudos por consulta.

Assistência medicamentosa: Aumento de 50 para 60 por cento da percentagem de comparticipação da ADSE na aquisição de medicamentos feita nas farmácias abrangidas pelo acordo com a Associação Nacional das Farmácias, nas condições regulamentares.

Assim, os beneficiários passam a pagar apenas no acto do aviamiento do receituário, 40 por cento do custo dos medicamentos.

Tratamentos termiais: Aumento do limite máximo da comparticipação de 1.450 escudos para 2.000 escudos (incluindo tratamentos, transportes e alojamento).

Aquisição de óculos (armação e lentes) e próteses ópticas (lentes de contacto): Aumento do limite máximo da comparticipação de 400 para 500 escudos.

Próteses dentárias (implantação de dentes): Dentaduras completas: aumento do limite da comparticipação de 2.600 para 3.500 escudos. **Dentaduras incompletas:** aumento de 100 para 150 escudos, do limite máximo da comparticipação por cada dente implantado.

Despesas de transporte, alojamento e alimentação de beneficiários deslocados para efeitos de prestação de assistência:

Transportes colectivos: A comparticipação da ADSE continua a ser a correspondente ao custo do bilhete na classe mais económica, mas eleva-se de quatro para seis tostões por quilómetro, nos casos em que os beneficiários não tenham possibilidade de apresentar o bilhete de transporte e essa impossibilidade esteja devidamente justificada.

Transporte em automóvel próprio: A utilização de automóvel próprio continua a ter de ser justificada por declaração médica ou hospitalar. Aumento da comparticipação de 1\$40 para 2\$00 por quilómetro.

Alimentação e alojamento: Aumento do limite máximo da comparticipação da ADSE de 60 para 200 escudos diários.

Inconstitucionalidade de leis do trabalho

Os sindicatos participantes na Reunião Geral de Sindicatos, convocada pela Intersindical, para debate da situação no Inatel e na Reforma Agrária, que ontem, à tarde, se efectuou no Instituto Superior Técnico delegaram no Secretariado da Intersindical a responsabilidade de pedir a declaração de inconstitucionalidade da legislação sobre despedimentos, quotização sindical, condições de suspensão das convenções colectivas de trabalho nas empresas intervenções ou com avales do Estado e o trabalho prestado ao serviço das associações sindicais.

Relativamente à «lei dos despedimentos», os participantes consideram demagógica a única alteração feita, respeitante à substituição da averiguação oral e sumária da justa causa por processo disciplinar sumário. Quanto ao decreto-lei 841/B/76, de 7 de Dezembro, que altera o artigo 21.º da lei das Associações Sindicais foi considerado in-

constitucional porque além do mais, «o Governo não tem competência para legislar sobre o direito da associação sindical pois só a Assembleia da República o pode fazer». Este decreto-lei foi também acusado de ter por objectivo «a astúcia económica do movimento sindical», ao qual o secretário de Estado Maldonado Goncalves, já disse querer «quebrar a espinha».

Sobre o decreto-lei que visa regulamentar as condições de suspensão das convenções colectivas de trabalho nas empresas intervenções ou com avales do Estado, decidiram os representantes dos trabalhadores que a solução dos problemas das empresas em crise não pode encontrar-se fora do debate pelos órgãos representativos dos mesmos. Finalmente, considerou-se que a legislação sobre os trabalhadores ao serviço das organizações sindicais é mais um atentado à situação económica das mesmas.

Propostas de revisão dos C.C.T.s terão de ser fundamentadas

— substancialmente alterado o regime legal da contratação

O regime jurídico das relações colectivas de trabalho foi substancialmente modificado pelo Governo, que aprovou um diploma alterando as principais disposições em vigor. Justificando as alterações agora introduzidas pela «necessidade imperiosa de se estabelecerem mecanismos preventivos da dilatação das negociações, bem como da precoce radicalização dos conflitos», o Governo reviu parcialmente a regulamentação vigente, com o objectivo expresso de criar «condições indispensáveis à eficácia e ao equilíbrio dos processos de contratação colectiva».

Nesse sentido, o Decreto-Lei n.º 887/76, hoje publicado no Diário de República consagra alterações significativas, nomeadamente, no que respeita ao processo de contratação e às condições de intervenção administrativa por via das portarias de regulamentação.

De acordo com este diploma, as associações patronais e as empresas que se recusem, injustificadamente, a negociar ou a participar em qualquer acto ou fase das negociações depois de terem sido notificadas para tal pelo ministro do Trabalho, incorrem em multa de vinte a cem contos. Este valor será elevado para o dobro, em caso de reincidência, podendo ainda a recusa de negociar «constituir índice justificativo da intervenção do Estado no sector ou empresa em causa».

A nova regulamentação consagra o princípio da fundamen-

tação obrigatória das propostas e respostas de revisão ou negociação das convenções colectivas. Assim, qualquer daqueles actos terá de ser fundamentado «mediante a ponderação dos índices de custo de vida e da capacidade económica das empresas ou sectores, bem como das condições de trabalho e remuneração praticadas em empresas ou sectores afins e em actividades profissionais idênticas ou similares». Na falta de fundamentação da proposta ou da resposta, a parte destinatária poderá legitimamente recusar-se a negociar com base nela.

A negociação conjunta de convenções colectivas pode ser tornada obrigatória, por despacho fundamentado dos ministros do Trabalho e da tutela, que fixará os termos em que deverá efectivar-se a negociação e as consequências da sua inobservância.

Os ministros do Trabalho, do Plano e Coordenação económica e da tutela podem intervir administrativamente no processo de regulamentação colectiva, desde que não seja viável o recurso à portaria de extensão. Para que seja emitida uma portaria de regulamentação, passa a ser necessária a verificação de uma das seguintes condições: inexistência de associações sindicais ou patronais; recusa reiterada de uma das partes em negociar; prática de actos ou manobras manifestamente dilatórias ou que, de qualquer modo, impeçam o andamento normal do proces-

so de negociação. Nestes dois últimos casos, o ministro do Trabalho pode promover, previamente, uma tentativa de conciliação entre as partes, salvo se, quanto ao ponto litigioso, já tiver sido realizada tal diligência.

O diploma agora publicado aumenta o período de vigência das convenções colectivas e das decisões arbitrais. Este prazo passa a ser de ano e meio (até agora era de um ano). Paralelamente, a denúncia só pode ser feita depois de decorrido um ano sobre a data de publicação daquelas convenções.

Por outro lado, os contratos e acordos colectivos de trabalho não poderão estipular eficácia retroactiva para além da data em que se tenha esgotado o prazo de resposta à proposta (normalmente, é de um mês), ou, no caso de mera revisão, para além do termo de vigência da convenção a rever.

Outro limite dos instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho reside na impossibilidade de estabelecer e regular benefícios complementares dos assegurados pelas instituições de previdência. Esta restrição não afecta a subsistência dos benefícios complementares anteriormente fixados, nem impede que se estabeleçam benefícios complementares do subsídio de doença até ao limite de vinte dias por ano, seguidos ou interpolados.

Patrões da FACAR burlaram a empresa em 20 mil contos

Ascende a mais de 20 mil contos o montante da burla praticada pelos patrões da Facar, os comandados Carvalhos, agora denunciada na Polícia Judiciária do Porto. O crime de que ambos são acusados consiste em várias subfaturações, provadas com telex e correspondência diversa e que originaram a exportação ilegal de divisas.

A queixa apresentada na Polícia Judiciária pela Comissão Administrativa da Facar, surgiu na sequência de um in-

quérito feito na empresa pela Inspeção-Geral das Contribuições e Impostos, em que foi detectada a prática de subfaturação.

Entretanto, em votação ontem realizada na empresa 544

dos 1.061 trabalhadores disseram «sim» ao regresso dos comandados Carvalhos, registando-se 94 abstenções e 405 votos pela continuação da Comissão Administrativa. Registraram-se ainda 11 votos brancos e sete nulos.

Rodoviários contra métodos da R.N.

Os trabalhadores rodoviários reunidos em assembleia geral repudiaram a medida tomada pelo Conselho de Gerência da RN e o Governo pelas consequências de tal acto repressivo, se a denúncia vier a concretizar-se.

A assembleia dos trabalhadores rodoviários responsabilizou também a RN e os Ministérios do Trabalho e dos Transportes e Comunicações pelas consequências do protelamento das negociações do Contrato Colectivo Vertical.

reitos constitucionais que é o direito à greve, a assembleia responsabilizou o Conselho de Gerência da RN e o Governo pelas consequências de tal acto repressivo, se a denúncia vier a concretizar-se.

Nacional

pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO N.º 42

QUOTIZAÇÃO

DECRETO-LEI 841-B76 DE 7.12.76

Tomaram os trabalhadores conhecimento, através da Imprensa, da publicação e entrada em vigor do Decreto-Lei 841-B76, que tal como alguns anteriores não teve a participação dos trabalhadores e suas organizações.

Embora seja correcto a defesa do princípio, e aliás sempre o defendemos, da total independência dos Sindicatos face a qualquer partido, governo, seita religiosa e entidades patronais, a verdade é que, apanhados de surpresa, se outros motivos mais salientes não existissem, se vêem os Sindicatos em situação de possível asfixiação dado não lhes ser possível por razões de ordem técnica e humana, responderem de imediato a todos os impactos, que as alterações do sistema de cobrança de quotização nele implicados, originarão. Sempre defendemos a independência dos Sindicatos e continuamos fazendo-o.

Sempre pugnámos e pugnamos pelo fortalecimento das organizações dos trabalhadores, que devem ser participados, vivos e actantes. Mas tal, só poderá ser realidade se a intervenção quotidiana dos trabalhadores for um facto, e se estes, devidamente conscientes do seu papel nestes e do papel destes no desenvolvimento e resposta às suas mais elementares aspirações, souberem democrática e livremente encaminhá-los no sentido da luta por tais objectivos.

Sabemos que a participação activa dos trabalhadores e a sua verdadeira tomada de consciência não é obra a conseguir num ano, tão pouco tem prazo marcado.

É nossa obrigação, de todos aqueles que o sentirem, de alertarem os outros para os perigos da desmobilização e desindustrialização sem demagogia nem frases feitas, mas dizendo e mostrando claramente para onde se pode caminhar.

Até aqui, como todos os colegas sabem, competia às entidades patronais o desconto e envio aos Sindicatos das quotizações dos trabalhadores ao seu serviço.

A partir de agora e com a entrada em vigor do referido Decreto compete aos Sindicatos a cobrança das referidas quotas. Repare-se que o Decreto-Lei não desobriga as entidades patronais dos descontos das quotizações nos ordenados dos trabalhadores pois apenas se retira a cobrança dos mesmos a efectuar.

Pensamos e aguardamos nesta data parecer jurídico sobre a legalidade de exigirmos às entidades patronais que constituem a fazer o desconto mas não pomos completamente de parte a alternativa de montarmos através dos trabalhadores e dos serviços do Sindicato um sistema de cobrança de quotizações, que de uma forma mais real, possa impedir às entidades patronais o envio à CIP e à CAP das fotocópias dos mapas de quotizações, e por conseguinte, a facultação àqueles do conhecimento do potencial e disponibilidade financeira das organizações dos trabalhadores, o que a muitos parece não desagradar.

Os trabalhadores têm que estar à altura de responder e optar! tudo depende de nós todos! Como dizíamos, a participação sindical não é avaliada pelo envio ao Sindicato das quotas dos respectivos associados. Pelo contrário mede-se objectivamente pelo espírito de militância sindical e consciência de problemas que os afectam e respectiva participação na resolução destes:

— para evitar o controlo destes por grupos minoritários, cuja política de actuação não é da classe e muito menos dela representantes.

— para que as verbas resultantes das quotizações dos sócios tenham o encaminhamento desejado pela maioria e nunca o fim que interesses meramente pessoais e partidários possam ditar, etc., etc...

Por isso a fase presente e próxima futura é a grande prova pedida porventura a todos os trabalhadores.

É bem possível, acreditamos mesmo, muitos usem e aproveitem com este Decreto-Lei a asfixiação do movimento sindical e perguntemos seriamente quantos de nós não virão a ser aliciados a deixar de sindicalizar-se. Temos que estar alerta. São várias as forças que pretendem o controlo do movimento sindical para jogar as suas resultantes a bel-prazer das suas aspirações pessoais ou de grupos.

Estes nem contam nem respeitam a vontade dos trabalhadores. É pois extremamente necessário e urgente mantermo-nos sindicalizados e cada vez mais militantes.

Pelo nosso lado tudo faremos para que o nosso Sindicato, dentro do mais breve espaço de tempo e com todos nós, seja capaz de a uns e a outros responder como somos capazes.

Até elaboração e aprovação de um esquema que possa definitivamente ser posto em prática, pensamos deverem os trabalhadores fazer o seguinte:

1.º Forçar as entidades patronais ao desconto e envio das quotizações ao Sindicato nas empresas onde os C.C.T. contenham clausulado que obrigue (por acordo das partes) a entidade patronal ao envio das quotizações aos Sindicatos.

2.º Nas restantes empresas onde tal não seja possível, isto é, onde as entidades patronais se neguem peremptoriamente a fazê-lo, devem os delegados sindicais proceder à cobrança das quotas dos trabalhadores que representam e enviá-los ao Sindicato, através do mapa de quotizações, afixando posteriormente o respectivo duplicado, prova de que estas foram pagas.

3.º Nas empresas onde as entidades patronais se recusem a fazê-lo e não existem Delegados Sindicais, deverá um trabalhador ou trabalhadores encarregar-se de proceder à cobrança e envio das quotizações ao Sindicato, conforme estipulado em 2. Pensamos que tal tarefa possa vir a ser executada, se assim o entenderem rotativamente.

São sugestões que apresentamos aos trabalhadores, para solução provisória do assunto em questão. Pensamos contudo que o nível de empresa poderão os mesmos e de acordo com as características específicas de cada uma, achar método mais eficiente do que aquele que sugerimos.

É importante que te mantenhas sindicalizado!

Um trabalhador que não é sindicalizado, não tem direito a receber do seu Sindicato o apoio técnico-jurídico da qual porventura venha a necessitar.

Tão-pouco são obrigadas as entidades patronais para com estes trabalhadores ao cumprimento das convenções de trabalho acordadas.

O trabalhador não sindicalizado torna-se pois a presa mais fácil à entidade patronal e não temos dúvidas de que será por estes que elas começarão.

Pelo fortalecimento e mobilização dos trabalhadores em torno das suas organizações!

POR UM SINDICATO DEMOCRÁTICO E INDEPENDENTE!

Lisboa, 28.12.76

Pela Direcção

«Entre nós a música tem sido uma arte abandonada e esquecida e continua a sê-lo porque subsistem dificuldades que não se conseguiram ainda transpor». A esta constatação da pianista Maria Regina Vasconcelos, presidente da Juventude Musical, começamos por objectar: É possível desenvolver o interesse pela música quando ela começa por ser marginalizada nos estabelecimentos de ensino?

«O ensino da Música encontra dificuldades de toda a ordem que vão da falta de instrumentos à falta de professores». O MEIC ignora totalmente a Música.

«Há dias, fui convidada para júri de uma banda de miúdos até aos 18 anos, na Amadora, e fiquei impressionada com o esforço que tudo aquilo representa, não só para quem dirige como para quem toca, que é obrigado a deixar a bola e o cinema para vir aos ensaios. A maior parte daqueles rapazes não sabe solfejo e é incapaz de ler uma música à primeira vista com um ritmo certo».

Na Jugoslávia, a Juventude Musical que conta com três milhões de sócios, é, responsável por tudo o que nas escolas diz respeito à Música. Todos os anos se realiza um concurso muito célebre através de um jornal em que o vencedor tem assegurado tocar como solista na abertura da temporada dos concertos. Também num país capitalista como a Bélgica, a Juventude Musical tem desempenhado um papel decisivo na divulgação, da Música através do acesso à rádio e à televisão. Em Portugal, a Juventude Musical conta com 1800 sócios

Regina Vasconcellos ao "D.L."

"Entre nós é uma arte"

em Lisboa, cerca de mil no Porto e um núdeco na Covilhã.

O ENSINO HEREDITÁRIO

«No início da juventude musical, há quase trinta anos», recorda Regina Vasconcelos, «todos os sócios eram músicos e organizavam eles próprios os concertos, muitas vezes com graves dificuldades de dinheiro e de tempo. Nenhum dos dez actuais directores da JM recebe qualquer importância e apenas as três funcionárias da secretaria são pagas».

Vivemos sobretudo de quotas dos sócios que até aos 25 anos pagam 12\$50 por mês, o que não é nada. A massa associativa está muito desligada das nossas actividades e não dá a colaboração que seria ne-

cessária. Se, por um lado, não queremos perder os sócios mais antigos, é sobretudo junto dos jovens que vamos desenvolver a nossa acção, uma vez que são eles o público de amanhã.

Em Portugal, o estudo da música continua a fazer-se por via hereditária. Estuda música quem tem um pai, um tio ou um padrinho que gostam de música, e animam o jovem a estudar.

Aqueles que vivem na província ou mesmo em Lisboa e não estão em contacto com a música, não pensam em estudá-la, ainda que possam ter para isso qualidades excepcionais.

A Juventude Musical surge assim como um óptimo meio de divulgação da Música, nas

amanhã
"anda a roda"

LOTARIA DO
FIM DE ANO

1º prémio
9.600 Contos

ELL
INTERNATIONAL
RUA A. PEREIRA CARRILHO, 30
LISBOA - 1

DE 2 A 11 DE JANEIRO
ESTAMOS FECHADOS.
Fazemos «balanço»
mas no dia 12
já o podemos receber
VENHA VISITAR-NOS

s, a música e abandonada"

colas, o que evidentemente não pôde ser posto em prática devido a uma misera quotização dos sócios. É necessário definir uma política de subsídios. Sabe-se que o Fundo de Apoio a Organismos Juvenís (F.A.O.J.) manifestou há bastante tempo desejo de subsidiar a JM, mas de concreto só chegaram 10 contos da Junta Distrital de Lisboa, enviados há poucos dias. Diz-nos o presidente da Juventude Musical: «Estamos há dois anos à espera de subsídio».

«Como não temos subsídio, pensamos, a partir do próximo mês de Janeiro, actuar nas escolas servindo-nos da boa vontade dos músicos jovens que estão dispostos a tocarem sem ganhar. Mesmo assim, vamos tentar que enfrentem problemas nas escolas e por isso estamos a tentar conseguir aquilo que se fez na Bélgica: uma carta conjunta do ministro da Educação e do ministro da Cultura solicitar às escolas que facilitem a acção da Juventude Musical».

A falta de verba impede ainda o intercâmbio com países que integram a Federação das Juventudes Musicais. A este propósito, a presidente da Juventude Musical informou que há mais de um ano que se guarda subsídio para a vinda a Portugal de um violoncelista japonês que ganhou o ano passado o prémio das juventudes em Belgrado, e que entretanto se deslocou a vários países.

Regina Vasconcelos que se dedica à divulgação da música portuguesa, sobretudo do século XVIII, faz parte do conselho de administração do Centro de Cultura Musical de Pietro Majella que, entre Maio de 75 e Setembro de 76, realizou em Itália 47 concertos com música portuguesa, e está a ultimar um acordo com a Secretaria de Estado da Cultura para um mínimo de 20 concertos em Itália em troca de 12 concertos italianos em Portugal. Trata-se de um tipo de intercâmbio que poderia ser feito com outros países através das Juventudes Musicais.

QUEM HOMOLOGA O CONSELHO NACIONAL DA MÚSICA?

A questão seguinte incide sobre a necessidade de estabelecer um plano geral de actividades musicais e de saber quem em princípio compete realizar o intercâmbio musical com o estrangeiro.

«Não existe um plano geral de actividades musicais. Há o Conselho Sectorial da Música, de que faz parte a Juventude Musical, pediu-nos que em menos de quinze dias apresentássemos um esboço de um plano de actividades para o próximo ano. Foi impossível satisfazer o pedido. Quando tudo pode começar-se agora a estudar um plano para se aplicar em 1978, nunca menos.

Respondendo à pergunta, quero abordar um assunto que me parece da maior importância e que diz respeito à definição das funções que competem ao Conselho Nacional da Música que é a secção portuguesa do Conselho Internacional da Música, e por outro lado ao Conselho Sectorial da Música, que se engloba no Conselho Nacional da Cultura, órgão consultivo da Secretaria de Estado da Cultura.

Entre nós, o Conselho Nacional da Música não tem sede e continua vinculado à Direcção-Geral de Assuntos Culturais, que já não existe, devendo o serviço de secretaria ser assegurado pela Secretaria de Estado da Cultura, onde decorrem as reuniões.

É urgente que o Conselho Nacional da Música, que actualmente é constituído por 40 elementos representativos dos vários ramos da música, venha a ser homologado para que possa entrar em funcionamento pois temos uma série de projectos que não podem ser realizados sem rectificação e financiamento.

O secretário de Estado da Cultura disse-nos que não pensa dissolver o Conselho Nacional da Música mas não aceita homologar os estatutos que aprovámos internamente e que segundo ele deverão ser homologados por uma Comissão Nacional para a Unesco. Esta comissão ainda não foi criada, continuamos sem saber quem irá homologar o Conselho Nacional da Música.

Esta situação de indefinição é altamente prejudicial para nós. Assim o correio para o Conselho vai para o M.N.E. que o envia para uma dependência da SEC no edifício da Biblioteca Nacional, de onde segue para o Conselho Sectorial da Música. Em todos os países o Conselho Nacional da Música, é autónomo embora receba subsídio do Governo. No caso português o Conselho Internacional da Música quase não sabe da nossa existência».

Regina Vasconcelos frisou ainda que esta situação prejudica grandemente o intercâmbio com os outros países, havendo convites que correm o risco de se perderem por questões burocráticas como aconteceu com a Alemanha Federal. «Este país endereçou-nos um convite em que constavam: uma deslocação com viagens e estadia pagas para quatro membros do Conselho Nacional da Música para visitas a várias escolas e realizações ligadas ao campo da Música; uma deslocação à Alemanha para um grupo de música contemporânea portuguesa; a vinda a Portugal de um professor especialidade que quiséssemos para leccionar durante quinze dias; a visita de um grupo de música de câmara alemã ao nosso país e ainda a deslocação de uma orquestra sinfónica capaz de concertos

tradicionais e de actuar para um público sem cultura musical.

Fui pessoalmente com Jorge Peixinho ao departamento da SEC que deveria escrever a carta, mas dois meses depois, através de Maria de Lurdes Martins, da APEM soubemos que na Alemanha estavam muito surpreendidos por nós não termos respondido. A última hora, através de telefonemas e telegramas, pessoais, conseguimos que o convite não se perdesse».

A nossa entrevistada referiu-se ainda a outro incidente do mesmo tipo relativo a um seminário organizado pela Instituição Internacional de Educação Musical, que tem na APEM a sua secção portuguesa, e que terá lugar em Setembro de 1977, na Gulbenkian, com a presença de 25 países.

«Em princípio, a Unesco costuma atribuir um subsídio de cinco mil dólares para estas realizações. Numa reunião do Conselho Nacional da Música, decidiu-se que esse dinheiro seria administrado pela APEM, pelo próprio Conselho, Sociedade Portuguesa de Autores e Juventude Musical.

«O pedido à Unesco devia ser formulado até fins de Agosto passado mas já em Novembro viámos a encontrar, numa gaveta em Paris a carta que enviáramos a pedir o subsídio. Aconteceu que em vez de dirigida ao secretário-geral como seria correcto, a carta foi endereçada ao presidente da Unesco. É triste constatar que o interesse pelos assuntos musicais é tão reduzido que uma carta tão importante para nós ficou na gaveta em vez de ser imediatamente remetida a uma das quatro secções que a subcreviam.

«Como a carta tinha de ser enviada através de um ministério, dirigimo-nos ao MNE que nada pôde fazer por não ter competência para despachar assuntos de natureza cultural. Solicitámos então uma entrevista ao secretário de Estado da Cultura que nos atendeu prontamente, tendo a carta finalmente seguido».

DIVULGAR A NOSSA MÚSICA NO ESTRANGEIRO

A nossa falta de cultura musical explica a proliferação de histórias do tipo da que se passou no início do Círculo de Cultura Musical com um ministro que não compreendia como é que o envio de uma orquestra à África custava tão caro. Segundo ele, fazia-se seguir meia orquestra com a recomendação de que tocasse mais forte.

«É também por ignorância», comenta a pianista, «que muita gente em Portugal vê no fado o expoente máximo da nossa música.

«As poucas tentativas para introduzir a música nas escolas,

Regina Vasconcelos: «Em Portugal o estudo da música continua a fazer-se por via hereditária»

como aconteceu com o 7.º ano de escolarização, acabaram há um ano, com o pretexto de que não havia professores. Tive recentemente conhecimento de uma escola que acabou com o ensino da música porque em Portugal há muitos afogados e as crianças precisam de aprender a nadar.

«O Conservatório Nacional, com perto de mil alunos, não é propriamente uma escola para músicos porque a admissão é extremamente acessível o que explica que na mesma aula esteja uma criança de 10 anos e um homem de 30.

«Torna-se necessária a criação de escolas de amadores para que o Conservatório possa ser uma escola de músicos e deixe de servir para qualquer um aprender a tocar guitarra ou a ler umas notas. Precisamos igualmente de uma

escola de arcos, mas os resultados só serão visíveis daqui a 7 ou 8 anos, nunca menos. Subsistem ainda problemas que requerem solução imediata como a falta de afinadores de piano e nem toda a gente sabe que antes de um concerto o piano tem de ser afinado.

«Por outro lado, é necessário proibir as orquestras de irem aos conservatórios ou escolas de música contratar rapazes com o 4.º ano de violino que, caso não sejam excepcionais de trabalho e ambição, se acomodam e as orquestras vão-se ressentir disso.

«As entidades que entre nós organizam concertos, como a Gulbenkian ou o Círculo Musical, devem insistir junto dos empresários que ainda há em Portugal para que se verifique um intercâmbio de artistas. Se à Radiodifusão vêm instrumen-

tistas estrangeiros, é necessário que nesses países se realizem também quinzenas com música e músicos portugueses. Temos boa música mas que é praticamente desconhecida».

No ano passado, Regina Vasconcelos fez quatro conferências sobre música portuguesa e as suas relações com a escola napolitana no século XVIII que despertaram grande interesse. A propósito, a pianista lembrou ainda que as embaixadas que têm adidos culturais podem fazer muito pela divulgação da nossa música no estrangeiro.

O silêncio total que se abateu sobre a nossa música explica que um alto quadro do Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano tenha recentemente perguntado incrédulo à nossa entrevistada: «Mas então em Portugal há orquestras?».



BÄRENREITER-VERLAG

• UMA NOVA COLECÇÃO DE GRAVAÇÕES DE MÚSICA DA RENASCENÇA E DO BARROCO.

• INTERPRETAÇÕES ELABORADAS A PARTIR DOS MANUSCRITOS ORIGINAIS E REALIZADAS SEGUNDO OS MÉTODOS ANTIGOS.

• UM CONTRIBUTO FECUNDO PARA A DIVULGAÇÃO DA «MÚSICA ANTIGA» EUROPEIA.

• UMA DISTRIBUIÇÃO **imavox**



IMAVOX - SOM E IMAGEM, S.A.R.L.

SEDE: AV. CONSELHEIRO FERNANDO DE SOUSA, 19 - 4.º PISO
TELEFONES 65 60 25/6 - LISBOA - 1

Geral

"ABRIR O CAMINHO AO SOCIALISMO?"

Comissão de Trabalho do P.S. contra medidas do Governo e orientação do Partido

Enquanto, na Assembleia da República, coincidindo com a sua oposição ao Plano e ao Orçamento apresentados pelo Governo, os deputados socialistas Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira são excluídos da comissão parlamentar do trabalho daquele partido, o Executivo Provisório da Comissão de Trabalho de Lisboa do P. S. vem também tomar posição pública contra diversas medidas governamentais e contra a orientação do Partido Socialista que consideram não corresponder à sua verdadeira vocação.

O documento, intitulado «Apelo a todos os militantes do Partido», tem a data de 15 deste mês, e, iniciando com uma análise dos resultados eleitorais («O povo português derrotou mais uma vez os partidos da direita: C.D.S. e P.P.D.») termina com uma referência ao Congresso de Janeiro, afirmando nomeadamente:

«O Congresso de Janeiro deve ser o Congresso do reencontro do Partido consigo mesmo, deve ser o Congresso da reconciliação entre todos os militantes do Partido, na base da defesa dos interesses dos trabalhadores e do socialismo, deve ser a reafirmação do Partido como o, maior partido dos trabalhadores portugueses, como o mais democrático de todos os partidos portugueses. Deve ser o reafirmar da vocação do Partido Socialista, da vocação de luta do P.S. pela democracia e pelo socialismo. Depende de todos nós que assim seja! Junta-te a nós!»

O documento, que propõe a

supressão de diversas medidas até agora adoptadas ou preconizadas pelo Governo P.S. e avança algumas que reputa de indispensáveis, interroga:

«O que é que nos impede, a nós, Partido Socialista, no Governo, de começarmos a tomar, com o apoio da esmagadora maioria do povo que em nós votou, as medidas que correspondam ao Programa do nosso Partido, as medidas que correspondem à vocação do P. S. e medidas que correspondem às aspirações de milhões de trabalhadores que em nós votaram, as medidas que correspondem à necessidade de resolução dos grandes problemas do país?»

E prossegue:

«A direita compreende que pela democracia não consegue, não conseguirá, retomar os privilégios perdidos, liquidar as liberdades e as conquistas da nossa Revolução. A direita não tem outro recurso hoje senão fazer chantagem sobre o nosso Governo, senão utilizar de novo a violência, senão organizar de novo a sabotagem e o caos económico. A vocação do P.S. no Governo não é a de ceder às pressões e à chantagem da direita. É preciso que o Governo do P.S. seja um Governo socialista. É preciso que o P.S. no Governo, apoiado pela maioria esmagadora do Povo português, que mostrou claramente que não quer uma política de direita, mantenha viva a esperança do socialismo, abra ao povo o caminho do socialismo. Nós militantes socialistas queremos poder sentir-nos orgulhosos



Aires Rodrigues e Carmelinda Pereira votam, na Assembleia da República, contra o Plano e Orçamento do Governo P.S. A sua suspensão do partido, adicionou-se imediatamente a exclusão como membros da comissão parlamentar do trabalho

do Governo do nosso Partido».

O documento propõe depois a revogação de «certas medidas que foram tomadas e propostas de outras até hoje apresentadas», incluindo, entre elas, a Lei dos Despedimentos, a institucionalização do quadro geral de adidos na função pública, o despedimento de professores, o projecto de lei da greve e o projecto do Orçamento Geral do Estado e do Plano. Adianta ainda que «os grandes capitalistas e latifundiários não devem ser indemnizados», que a expropriações previstas devem ser concretizadas, que a reforma do ensino seja feita de acordo com o Programa do Partido, que os «pídes» e bombistas sejam castigados.

«A Comissão de Trabalho do P. S. foi a primeira estrutura do Partido a dizer em Fevereiro de 1976: é preciso um

Governo do P.S. para começar a resolver os problemas do povo. É preciso um governo socialista que defenda os interesses dos trabalhadores, que tome medidas necessárias à resolução dos graves problemas do nosso país, as medidas que decorrem do nosso Programa, da vocação do nosso Partido, da vontade popular das necessidades do país, comecem a ser tomadas» — sublinha ainda o Executivo Provisório da Comissão do Trabalho de Lisboa do P.S. no seu «Apelo a todos os militantes do Partido».

"TELEX" DO MAPUTO

"Socialismo forja-se no quadro da luta de classes"

MAPUTO, 29 (Do nosso correspondente) — «O socialismo forja-se no quadro da luta de classes» — afirmou ontem o ministro de Estado da Presidência, José Oscar Monteiro, dirigindo-se aos participantes do Seminário Provincial, organizado pelo Ministério das Comunicações e Transportes, sobre o aparelho de Estado e Função Pública.

O ministro Oscar Monteiro na sua intervenção abordou o tema «Significado das Teses do III Congresso da Frelimo na perspectiva da História de Libertação Nacional».

Analisando perspetivamente a luta de libertação nacional, referiu-se circunstanciadamente à luta entre linhas opostas no seio da Frelimo — a linha revolucionária e a linha defendida pelos novos exploradores Lazaro Kavandame e Urias Simango, evidenciada a partir de 1967.

Sobre a participação popular, Oscar Monteiro afirmou que as massas foram sempre os juizes fiéis do processo revolucionário, o termómetro a que se recorria para se elimi-

narem as contradições criadas pela existência de contradições profundas no seio da direcção.

Também foi o povo que permitiu a vitória da Frelimo contra o colonialismo português, «pois foi o povo que deu o seu sangue para consolidar as vitórias da Frelimo».

E mais adiante: «O socialismo não é uma questão nova para nós, pois ele foi forjado no nosso seio durante a luta contra o colonialismo e o imperialismo. As zonas libertadas constituem para nós uma experiência muito rica nesse campo. Lá procuramos lançar as bases para a implantação da sociedade democrática e popular, criando as condições para a eliminação da exploração do homem pelo homem».

«Não basta ser-se operário para se ter consciência de classe. A consciência de classe forja-se na frente de produção, na frente ideológica e na frente cultural» — disse a terminar o ministro de Estado da Presidência.

"Hoji Ya Henda" alfabetiza Angola

O Comité Executivo da Juventude do Movimento Popular de Libertação de Angola publicou um comunicado sobre a constituição das brigadas de alfabetização «Hoji Ya Henda».

Os jovens, estudantes ou não, participarão na campanha de alfabetização (iniciada oficialmente a 11 de Novembro passado), durante a temporada de férias, que começa a 1 de Janeiro e termina em Abril.

As brigadas serão integradas por grupos de 20 a 25 jovens da zona onde residem, escolas e outros estabelecimentos afins.

Ensinarão a ler e a escrever seguindo a ordem de prioridade estabelecida pela Comissão

Nacional de Alfabetização, ordem essa que inclui as Forças Armadas, fábricas, cooperativas agrícolas e bairros populares.

As brigadas «Hoji Ya Henda» têm esse nome em memória de um herói angolano, considerado o símbolo da juventude do M. P. L. A.

Cabo Verde domina surto de cólera

PRAIA (CABO VERDE) 28 De acordo com informações prestadas pelo ministro da Saúde, Manuel Faustino, ao jornal «Voz do povo», está praticamente dominado um surto de cólera que se verificou no concelho de Santa Cruz e que alastrou a outros pontos da ilha, nomeadamente aos concelhos do Tarrafal, Santa Catarina e Praia.

Os primeiros casos foram detectados em Setembro e o combate à epidemia foi dificultado pelas enxurradas que contribuíram para que se verificassem numerosas inundações. A epidemia causou algumas vítimas numa freguesia do concelho de Santa Cruz.

Nevoeiro fechou Aeroporto de Lisboa

Cinco aviões foram esta manhã desviados para outros aeroportos quando demandavam a Portela. Motivo, mais uma vez, o nevoeiro.

A meio da manhã os Serviços de Tráfego indicaram-nos que não havia perspectivas de melhoria de tempo para as próximas horas. Entretanto está tudo normal em Pedras Rubras e em Faro, para além de terem sido cancelados os voos de ligação com Lisboa.

TEATRO MONUMENTAL Telef. 555133

Não acons. Menores 18 anos

DEPOIS DE:
"E PROIBIDO SUICIDAR-SE NA PRIMAVERA"
De Casanova
"A FERA AMANSADA"
De Shakespeare
"A GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE"
De Tennessee Williams
"A IDIOTA" De Marcel Achard
"A MULHER DE ROUPÃO"
De Ted Willis

Vasco Morgado apresenta **AGORA:**

LAURA ALVES NA PEÇA INGLESA DE JOE ORTON
UMA ESTRANHA FORMA DE AMAR...

ENCENAÇÃO Varela Silva

PAULO RENATO · Luis Filipe · Carlos Quintas

«RÉVEILLON» MONUMENTAL
SÓ NO TEATRO MONUMENTAL
2 SESSÕES — 20.30 e 23.30 h.
TEATRO E BAILE
PARA O PÚBLICO DAS 2 SESSÕES
— BILHETES À VENDIA —

PUB

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO ABUSO E PIRATARIA DA CAP

Os trabalhadores do comércio, que esta Federação representa, têm estado solidários, desde a primeira hora, com os trabalhadores agrícolas que, nos campos do Alentejo e Ribatejo levam a cabo a Reforma Agrária.

Manifestou-se esta solidariedade através de várias formas, desde a oferta de 2 tractores às UCPs «CUSTOU MAS FOI» em Beja e «1.º DE SETEMBRO» em Évora, à oferta de verbas pelos Sindicatos do Comércio, até à divulgação nas páginas da nossa revista «O TRABALHADOR DO COMÉRCIO», do heróico esforço dos trabalhadores agrícolas para pôr a dar pão as terras que os agrários exploradores mantinham incultas.

Num acto de abuso e pirataria «O Jornal do Agricultor» da CAP, usurpou as fotografias de uma reportagem feita no Couço (para divulgarmos, com números, o heroísmo dos trabalhadores da Reforma Agrária), usando essas fotografias para ilustrar artigos de provocação aos trabalhadores, com calúnias e acusações de roubos e desacatos, nomeadamente no seu número de 21/12/76.

A direcção da revista «O TRABALHADOR DO COMÉRCIO» que esta Federação edita, vem manifestar publicamente o mais vivo repúdio por este acto de abuso e pirataria da CAP, para além do processo que lhe moverá por via judicial.

Estrangeiro

O próximo ano será mau para o emprego na Europa

«O ano será difícil» em todos os países europeus, onde, segundo os especialistas, o desemprego deverá prosseguir na sua corrida ascensional.

O recente relatório da OCDE citado pela France Presse prevê mesmo que será ultrapassado o último recorde registado desde o fim da guerra, em Outubro de 1975. Na melhor das hipóteses, a taxa de actividade deverá situar-se ao mesmo nível de 1976. Para a OCDE, apenas os Estados Unidos Verão a sua taxa de desemprego baixar para 7,4 por cento no final de 1977, contra os 8,1 do fim de 1976, bem como o Japão, onde a taxa de desem-

prego deverá passar de 2,1 para 1,3 por cento.

É na Irlanda que o fenómeno do desemprego atinge a taxa mais elevada da Europa, com 13 por cento dos trabalhadores. Seguem-se a Dinamarca, com 9,9 e a Bélgica com 9,6.

Na Itália 6,5 por cento, o número dos desempregados inscritos ultrapassava 1.188.000 em Setembro, contra 1.147.242 no ano precedente, e avaliava-se em cerca de 350.000 o número das pessoas empregadas menos de 32 horas por semana. O Sul da Itália é onde mais se sofre esta situação, pois 60 por cento do total dos desempregados italia-

nos são dessa região, e as medidas de austeridade, decididas pelo Governo Andreotti certamente que não são, na opinião dos observadores, de natureza a favorecer o emprego.

Na Grã-Bretanha, onde a taxa de desemprego atinge cerca de 6 por cento, a situação assemelha-se à dos anos trinta. As estatísticas exactas não existem a partir do mês de Outubro, devido a uma greve dos trabalhadores da estatística do Ministério do Emprego, que protestam contra as diminuições do pessoal ordenadas pelo Governo para remediar o défice do tesouro público, mas,

segundo os cálculos oficiais, o número dos sem emprego atingia, a 9 deste mês, 1.371.000, ou seja, 170.000 mais do que há um ano... O número dos desempregados continua realmente a aumentar a um ritmo mensal médio de cerca de 12.000. A situação não cessa de degradar-se, e um economista do Departamento de Economia Aplicada, da Universidade de Cambridge, considera que o número de desempregados poderia atingir dois milhões nos próximos três anos.

A Holanda, marca passo. O reequilíbrio conjuntural constatado nestes últimos três meses parece estabilizar-se (218.000 desempregados) mas o Governo preveniu o país contra um optimismo exagerado.

É na Alemanha que a taxa de desemprego é mais baixa (4,3 por cento), com 984.000 desempregados em Novembro. Mesmo assim, o chanceler Schmit decidiu que em 1977 seia dada prioridade absoluta à luta contra o desemprego.

Em França, o número dos «candidatos a emprego» e os desempregados atingiu um número recorde, ultrapassando o milhão (4,8 por cento), e o anúncio de 9.000 despedimentos na siderurgia, em fins de Dezembro, reforça as perspectivas pessimistas para o princípio do ano, apesar das decisões tomadas pelo ministro do Trabalho, que está a realizar uma «Volta à França» para incitar os chefes de empresa a procederem à admissão de novos empregados.

EM MARÇO DE 77

Podgorny visita a Africa Austral

O presidente soviético, Nikolai Podgorny, visita a Zâmbia, Tanzânia e Moçambique no Ano Novo, com o provável objectivo de lançar nova iniciativa diplomática na África Austral.

Fontes diplomáticas africanas de Moscovo, que revelaram os planos da viagem, disseram que o dirigente soviético, de 73 anos, é aguardado na Zâmbia na segunda quinzena de Março.

Moscovo criticou em termos

Falências aumentam na Africa do Sul

A depressão económica que, praticamente, afectou todas as indústrias da África do Sul, fez aumentar bruscamente o número de falências.

No decurso de dez meses do ano corrente, deixaram de existir 938 companhias, ou seja, mais 25,6 por cento que no ano passado.

Prevê-se que até ao fim do ano o número de falências ultrapasse o milhar.

«É esta crise da economia sul-africana que está na origem do 'deficit' comercial crescente, 'deficit' que ultrapassou já os 700 milhões de libras esterlinas», informa o Centro de Estudos Económicos da Universidade de Stellenbosch.

BRASIL

Relações Igreja-Estado estão cada vez piores

A deterioração das relações tradicionalmente difíceis entre a Igreja e o Estado, no Brasil — maior país católico do Mundo — aumentou durante as últimas semanas.

A crise económica que grassa actualmente no país, foi substituída, na actualidade da Imprensa, primeiro pelas «escaramuças recíprocas» e agora por acusações sérias.

«A Igreja é Subversiva», era o título do «Correio Brasiliense», jornal de grande tiragem de Brasília, acusando vários eclesiásticos provinciais de «fomentar desordens e de encorajar a ocupação de terras pelos desfavorecidos».

A Igreja assume uma posição «feudal, sonhadora e atrasada», pelo menos no que respeita aos seus trabalhos junto das comunidades indianas no país, declarou na terça-feira o ministro do Interior, Rangel Reis. «Neste sentido, a Igreja coloca-se frequentemente do lado dos elementos subversivos», acrescentou.

A Igreja rejeita estas acusações. Mas é verdade, reconheceu o cardeal D. Avelar Brandão, bispo de Salvador, que alguns grupos de um lado e de outro «chegaram ao ponto de saturação no que respeita às suas relações».

Contudo, tinha prevalecido um certo optimismo quanto às relações entre a Igreja e o Estado quando da chegada ao poder do presidente Ernesto Geisel em

Março de 1974, o qual é o primeiro chefe de Estado luterano, num país que é católico em mais de 80 por cento da sua população. Os elementos duros do regime consideraram sempre a Igreja como uma força pelo menos regional, potencialmente perigosa porque, voluntariamente ou não, ignorava «as necessidades económicas do país as quais requeriam a paciência, para não dizer o sacrifício».

As relações entre a Igreja e o Estado brasileiro foram abaladas nos últimos meses por diversos incidentes: conflito acerca da ocupação de terras no Mato Grosso e na Amazônia, por colonos desfavorecidos; assassinato de dois padres (Lubenkeim e Burnier) em Julho e Outubro passados, respectivamente, tendo o primeiro sido assassinado pelos grandes proprietários e o segundo por um polícia; A prisão do padre Florentino Maboni, acusado de ter fomentado a revolta dos colonos sem terra; rapto do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, por elementos da Associação Anticomunista Brasileira (clandestina).

D. Aloisio Lorscheider, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), declara que «a Igreja não é uma potência em luta contra outras potências para obter a dominação, mas que a CNBB sempre se pronunciou a favor de um regresso à democracia».

Carter quer cumprir as promessas

O presidente-eleito dos EUA Jimmy Carter deu instruções ao seu futuro gabinete, reunido em St. Simon Island para concretizar as políticas que defendeu ao fazer a campanha eleitoral, observando-lhes que «a minha palavra de honra está em jogo».

Contudo, dois deles manifestaram imediatamente dúvidas sobre se as promessas feitas na campanha poderiam ser cumpridas imediatamente.

O secretário designado da Defesa, Harold Brown, pareceu contradizer uma proposta feita na campanha quando declarou aos repórteres que não esperava que o orçamento da Defesa possa ser reduzido de sete biliões para cinco biliões de dólares.

Joseph Califano, a escolha de Carter para secretário da Saúde, Assistência Social e Educação, disse pensar que quaisquer novos programas sociais teriam de ser adiados, até melhorar a situação económica.

Carter fez a sua campanha eleitoral tendo como tema promessas de reformar o sistema de Assistência Social e de criar um processo nacional de seguros de Saúde.

Novos combates no sul do Líbano

Foi anunciado novo duelo de artilharia no sul do Líbano, no meio de polémica sobre a chegada à área de reforços de guerrilheiros palestinos.

Direitistas travaram um combate com artilheiros palestinos e progressistas libaneses ontem à tarde, perto da cidade fronteiriça de Taybeh, segundo revelaram fontes afectas aos palestinos, acrescentando que a artilharia judaica, do outro lado da raia, bombardeara também Taybeh, que está ocupada por forças da aliança progressista-palestina.

O dirigente falangista da direita Pyerre Gemayel acusou os palestinos de transferirem armas pesadas para o sul, contudo, um porta-voz palestino declarou que os guerrilheiros não tinham ordens para lançar uma ofensiva contra posições direitistas.

Crescem as pressões para libertar Carrillo

Na altura em que se completa uma semana desde a prisão do secretário-geral do P. C. E., Santiago Carrillo, e de outros dirigentes comunistas espanhóis, o Governo de Adolfo Suárez enfrenta uma crescente pressão que visa a libertação dos detidos. Ontem à noite a Polícia de choque teve de intervir em toda a cidade de Madrid para impedir manifestações, enquanto o P. C. E. ameaça com mais agitação, caso Carrillo e os seus camaradas não sejam soltos imediatamente. Várias centenas de pessoas também foram para a rua na Corunha (Galiza), e em Xerez de La Frontera (sul). Esta manhã agentes da Dirección General de Seguridad interromperam e proibiram uma conferência de Imprensa que estava a ser concedida pela delegação parlamentar italiana no Hotel Palácio. Foi a primeira vez, depois de vários meses, que agentes da D. G. S. espanhola intervieram numa conferência de Imprensa. Em nome dos parlamentares italianos, que em vão tentam ser recebidos por Suárez, Carlo Francanoni classificou a atitude como «uma violação flagrante das liberdades fundamentais e um insulto aos deputados de uma república livre e democrática que representam 80 por cento do povo italiano». A delegação que é composta por cinco representantes do P. C. I. do

P. S. I. e da ala progressista da Democracia Cristã já conferenciou com os advogados de Carrillo, mas até agora, não foi recebida por qualquer entidade oficial. Por outro lado, a Comissão da Oposição encarregada de negociar com o Governo diz novamente que a prisão dos líderes comunistas espanhóis é um «obstáculo grave» à democratização e Tierno Galván já chega a falar em «congelamento das conversações».

Em Praga, o Comité Central do Partido Comunista Checoslovaco publicou uma enérgica declaração, condenando a prisão de Santiago Carrillo, restando em parte as declarações do P. C. U. S. vindas a público na véspera do Natal. Em Paris, intelectuais lançaram um apelo em favor da libertação dos comunistas espanhóis. Entre os signatários estão Jane Fonda, os escritores franceses Louis Aragon e Robert Merle e o cantor Jean Ferrat.

Voltoando a Madrid, estão a ser distribuídos exemplares do «Mundo Obrero», órgão oficial do P. C. E., onde o Governo é acusado de tentar ganhar tempo para enfraquecer e dividir a oposição. As famílias dos presos protestaram, por telegrama, junta de Juan Carlos, que continua em férias, enquanto os advogados continuam a acreditar que as libertações estão para breve.

Um entre oito detidos matou Jean De Broglie

O Governo francês efectua hoje a última sessão do ano, debatendo o problema da segurança pública tendo ainda fresco na memória das pessoas o assassinato de um antigo ministro, que ocorreu na semana passada.

Ontem, em Paris, um oficial superior da Polícia disse que «sem dúvida» o assassino do príncipe Jean De Broglie se acha entre oito pessoas detidas para interrogatório em ligação com o crime.

O príncipe De Broglie, que foi secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros em diversos Governos, durante os anos 60, foi abatido a tiro na rua de frente da residência de um associado em negócios, na véspera de Natal.

A Polícia exclui a possibilidade de um motivo político e

concentrou as investigações nos seus negócios. Um informador das autoridades disse que De Broglie poderá ter sido vítima de um assassino contratado.

Entre os detidos encontra-se um agente da Polícia. As autoridades encontraram três revólveres na residência do inspector Guy Simonet, que foi preso num luxuoso restaurante nos arrabaldes de Paris, no sábado.

Na sessão de hoje do gabinete, os ministros ouvirão relatórios do titular da pasta da Justiça, Michel Poniatowski, do da Justiça, Olivier Guichard, e do chefe do Governo, Raymond Barre, tratando de assuntos afectos à Polícia e ao sistema judicial, segurança e sobre o problema da violência.

VAMOS AO CACAU

No TARRO em ALMADA
DAS 3 ÀS 9 DA MANHÃ

CACAU E FILHOSES

Para os mais foliões da noite de Fim de Ano

Espectáculos

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

A presença entre nós de um compositor da envergadura de Witold Lutoslawski mereceria nestas colunas uma larga referência. Por mera conveniência de trabalho, guardá-la-ei para ocasião posterior. De passagem, assinala, por agora, o excelente rendimento que extraiu da Orquestra Sinfónica da RDP, na execução de três das suas obras capitais: a **Música Fúnebre**, o **Livro para orquestra** e o **Concerto para violoncelo e orquestra** (em que foi solista muito expressivo — para

Para onde vai a música da câmara?

além do fulgor técnico — o seu compatriota Roman Jablonski)

De assinalar igualmente, no concerto de encerramento da «Quinzena de música polaca», as contribuições de Jennifer Smith e Adriano Jordão, nas canções de Chopin, e do Quarteto dos trombonistas da Orquestra Sinfónica da RDP, constituído por Edmundo Manças, João Mota, António Jubilot e Francisco Judas, na Suite de Serocki.

Quanto aos demais participantes, uns não os ouvi, porque não pude, outros porque não me deixaram. Refiro-me,

neste último caso, ao Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Alguns dos seus elementos tinha colaborado, na véspera, no histórico concerto de homenagem a Lopes-Graça: Carlos Franco, acompanhado de Piñeiro Nagy, numa límpida execução dos «Tre Capricetti» para flauta e guitarra; o mesmo Carlos Franco, com funções de regente, a assegurar a coesão do conjunto, Jorge Peixinho (piano), Manuel João Afonso (violino), António Silva (viola) e Luisa Vasconcelos (violoncelo), numa realização muito lucidamente planificada do **Canto de Amor e de Morte** (em que interveio ainda o violinista João Nogueira, um dos instrumentistas que, em 1961, juntamente com Rafael Couto, já falecido, Filipe Lorient, Alberto Nunes e o próprio Lopes-Graça, pela primeira vez deram vida sonora àquela obra, de «comovente expressão poética»). Foi grande o esforço que estes componentes do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa fizeram para preparar, com o seu habitual nível de qualidade interpretativa, as peças de compositores polacos que lhes haviam sido destinadas, três das quais em primeira audição no nosso país.

Acontece que, à última hora, foram impedidos de tocar. Queris saber por quê? Porque o sr. Presidente da Câmara cessante decidiu que o seu-piano Steinway (isto é, o piano adstrito ao S. Luiz), não podia ser «violado» pelas bárbaras mãos de Jorge Peixinho. E os senhores da RDP nada fizeram para defender a integridade artística de Jorge Peixinho e do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Consentiram no escândalo e limitaram-se à pífia explicação, dada por intermédio do crítico de «ballet» Tomás Ribas, de que «por motivo de força maior, alheio à vontade dos artistas» a parte do programa em questão era, de momento, suprimida...

Não creio que sejam necessários mais comentários. Sugiro, apenas, ao sr. Presidente da Câmara cessante que, ao abandonar as suas funções, não se esqueça de pendurar ao pescoço o piano do S. Luiz. O sr. Aquilino Ribeiro Machado, Presidente eleito, saberá desagravar o Jorge Peixinho e, na pessoa deste, os músicos portugueses que mais se dedicam à arte contemporânea. Música da Câmara quer-se com piano aberto a todas as correntes progressistas, inclusive as mais avançadas!



Termina no próximo domingo o "Círculo de giz caucasiano"

O Grupo 4, após mais de sete meses de representações, anuncia agora o final da carreira da peça de Bertolt Brecht que constituiu um dos maiores êxitos do ano de 1976. Até ao próximo domingo, dia 2 de Janeiro, o público poderá ainda assistir a este notável espectáculo, que ficará à assinalar um dos momentos mais importantes do nosso teatro, nos últimos anos. «O Círculo de Giz Caucasiano» já foi visto por cerca de 60 000 espectadores e alcançou, ao longo das 32 semanas que esteve em cena,

so aplausos unânimes do público e da crítica, que não lhe regateou elogios.

Com encenação de João Lourenço e Versão de Luís Francisco Rebelo, o espectáculo tem realização plástica de João Vieira. Intervêm no desempenho os actores: Ana de Sá, Ana Paula, Antonieta Santos, Carlos Cristo, Carmo Mateus, Costa Ferreira, Henriqueta Maya, Hugo Casares, Irene Cruz, José Gomes, José Raimond, Josefina Silva, Luís Oscar, Manuel Cavaco, Moraes e Castro, Paulo Jorge, Raul Cardona, Ro-

lando Alves, Rui Mendes, Vasconcelos Viana, Vicente Galfo, Vieira de Almeida e Zita Esteves. A música de Paulo Dessau e Pedro Osório, teve a direcção deste último e é executada por Fernando de Albuquerque, Júlio de Carvalho e Pintinhas.

«O Círculo de Giz Caucasiano» foi o espectáculo escolhido para a inauguração do Teatro Aberto, uma sala de espectáculos erguida ao cabo de largos anos de esforços e sacrificios do Grupo 4.

Vai crescendo a Pró-Teatro em apoio ao Grupo de Campolide

Continua a decorrer a campanha de angariação de sócios da «Pró-Teatro», Associação de Espectadores do Grupo de Teatro de Campolide, tendo sido já atingida, há tempo, a barreira dos mil e caminhando-se, agora, para os dois mil, mínimo indispensável para a cobertura da programação que este Grupo pretende apresentar em 1977.

Esta Associação constituiu-se a partir do momento que se concluiu que a política cultural da Secretaria de Estado ia conduzir, a curtíssimo prazo, ao estrangulamento dos grupos que mais se empenharam na produção de um teatro político antes e após o 25 de Abril e que não se mostrem dispostos a alinhar nas preferências partidárias e estéticas da actual Secretaria de Estado da Cultura. Mediante uma quota de vinte escudos mensais, pagos semestral ou anualmente, os sócios têm direito a assistir a todos os espectáculos do Grupo ou a outros espectáculos ali promovidos. Independentemente disso, estão previstos descontos para os acompanhantes dos sócios.

O Grupo de Teatro de Campolide nasceu em 1970 na sequência das movimentações populares do ano anterior, que aproveitaram o reduzido espaço aberto pela «campanha» eleitoral de 69 para uma intensa politização. O primeiro espectáculo foi estreado em Abril de

71 e a partir daí o Grupo praticamente nunca mais parou com apresentações de Norte a Sul do País. «O avançado-centro morreu ao amanhecer», de Agustin Cuzzani marcou o nascimento do Grupo. Depois disso foram sendo apresentados «Vida de D. Quixote», de António José da Silva (em 1972), que deu mais de 60 representações e conquistou o Prémio da Crítica. Seguiram-se «Farsa de Mestre Pathelin», em 1973, e «Filopopulus» de Virgílio Martinho, em Janeiro de 74.

Depois do 25 de Abril, o Grupo de Campolide manteve a sua actividade na mesma linha de actuação, apresentando «Fulgur e Morte de Joaquim Muriet», de Pablo Neruda, em 1975, e «O Grande cidadão», uma nova peça de Virgílio Martinho.

Segundo cálculos do Grupo de Campolide, devem ter atingido, até hoje, uns 100 mil espectadores na média de 295 por espectáculo.

Ao profissionalizar-se numa actividade que sempre exerceu paralelamente ao exercício de outras profissões pelos membros do Grupo, o Teatro de Campolide pensa dedicar-se a textos da mesma linha estética e ideológica mas dedicando-se também, planificadamente, à dinamização cultural da zona. Daí esta iniciativa da Pró-Teatro, que continua aberta a todos os cidadãos interessados no teatro como arte e como meio de intervenção na sociedade.

Cenas & Cenários

● FALECEU PAULO PONTES

Com 35 anos de idade faleceu no Rio de Janeiro o dramaturgo Paulo Pontes, um dos fundadores do Teatro Experimental «Opinião», que segundo os críticos, injectou criatividade nova no teatro brasileiro dos últimos dez anos.

Pontes conquistou o ano passado o «Prémio Miliéri» pela peça «Gota D'Água», escrita em conjunto com Chico Buarque de Holanda.

● BERNARDO SANTARENO PARA TRABALHADORES

Foi num palco improvisado, em cima dos tanques de um lagar de vinho, que a colectividade «Cruz de Cristo Futebol Clube» da Portela das Padeiras, arredores de Santarém, levou à cena a peça «Português, Escritor, 45 Anos de Idade» da autoria do dramaturgo Bernardo Santareno, natural da região.

Segundo o «Diário do Ribatejo», a equipa, do «Cenopalco» secção de teatro da referida colectividade «desenvolveu um grande esforço e o espectáculo da estreia foi um êxito que teve a aplaudi-lo um público de gente de trabalho».

● SESSÃO CULTURAL NO CENTRO 25 DE ABRIL

O Grupo Desportivo e Cultural 25 de Abril, com sede em Alcântara organizou uma sessão natalícia para as crianças pobres da zona, projectando um filme cultural e apresentando um programa de palhaços. No final foi distribuído um lanche e brinquedos a todas as crianças presentes.

Esta colectividade popular abriu apenas há cinco meses e está de momento a concluir as obras da sede que terá biblioteca e balneários (muitos moradores de Alcântara não têm água canalizada em casa) entre outros locais de convívio cultural.

● O CIRCO «CRISTAL» EM BENFICA

Desde o passado dia 18 e durante toda a quadra festiva, o Circo Cristal actua para as crianças de Benfca, no Jardim da Casquinha, com 40 artistas e 20 atracções.

O trapezista Karlis, duas parselhas de palhaços: Adel e Jokinha, Toné Jackes e Píncel e os cantores Tristão da Silva Júnior e Conceição Tavares fazem parte do elenco.

● 30 MIL TURISTAS NO FESTIVAL DE INVERNO EM MOSCOVO

São aguardados em Moscovo uns 30 mil turistas para assistirem ao Festival «Inverno Russo» que está a decorrer na URSS desde 25 de Dezembro. O festival deste ano é dedicado a Prokofiev e Shostakovich e estão presentes, entre outros artistas estrangeiros, os pianistas John Ogdon (inglês) e Ivan Moravetz (checo), a canadiana Gaelin Gabora e o director de orquestra búlgaro Emil Chakirov.

● A CORNUCÓPIA ESTREIA A 6 DE JANEIRO

Estreia a 6 de Janeiro, no Teatro do Bairro Alto, «O treino de campeão antes da corrida», do dramaturgo francês Michel Deutsch, em encenação de J. A. Osório Mateus.

Este espectáculo da Cornucópia, cuja estreia esteve prevista para hoje, é interpretado por Luís Miguel Cintra, Maria Emilia Correia e Raquel Maria.

● FILME SOBRE CARRERO BLANCO

Com bastante segredo, está sendo rodado em Madrid um filme sobre a «Operação Orgro», como foi denominada a acção que deu lugar a morte de Carrero Blanco, executada pela «ETA».

O papel do almirante Carrero Blanco, morto num atentado levado a efeito com todas as previsões técnicas, é interpretado por um murciano que nunca teve nada a ver com cinema, mas é extraordinariamente parecido com o que foi um dos braços direitos de Franco e, por outro lado, símbolo da sua própria ditadura.

Espera-se que o filme seja, um documento histórico de um dos mais célebres atentados, cujo processo policial e judicial ainda não foi terminado.

ADOLE
A GRANDE CEGADA
UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!
ÚLTIMAS!
SÓ ATÉ DOMINGO DEFINITIVAMENTE
HOJE
UMA SESSÃO, às 21.30
TERMINE O ANO RINDO... RINDO
Não acons. a m/18 anos
TEATRO ADÔQUE
Largo Martim Moniz
Telef. 87 44 76

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVA telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
Bertolt Brecht
JOÃO NOGUEIRA
3.ª, 4.ª e 5.ª FEIRA às 21.15 horas
SÁBADO e DOMINGO: às 15.30 e 21.15 horas
ÚLTIMA SEMANA

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
Diariamente às 21.30 h.
O Muro
Inspirado em
«AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO»
de José Gomes Ferreira
Domingo só «matiné» às 18 h.
2.ª Feiras — Descanso da Companhia
PREÇO ÚNICO - 40\$00
Condições especiais
PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVA
Telefone 76 26 24

Canal da Crítica

...MAS A VERDADE VEIO DE CANTANHEDE

Todos sabemos quanto são acarinhados e protegidos os velhos na sociedade capitalista. Basta dar uma volta pelas ruas de Londres, Paris, Nova Iorque, Tóquio para se ver como os velhos são felizes sob a ditadura da burguesia. Por felicidade estoiram na solidão, alongam-se nas valetas, afundam-se na inutilidade, afoagam-se na falta de consideração e, se estiverem muito cansados de felicidade, sempre há uma passagem de nível com um travesseiro de ferro para repousar a cabeça dez segundos antes de passar o comboio.

Cue é que vocês querem, não exageros de «felicidade» e de filial carinho nisso a que, com trêmulos de rouxinol, Freitas do Amaral chama «o mundo democrático».

COITADINHOS

Vejo e escuto Freitas do Amaral no programa dedicado à discussão do Plano e Orçamento. O férreo democrata, com largas tradições na prática democrática, aprecia as actuações bombásticas. E-lo preocupadíssimo com o facto de ainda não se ter procedido às indemnizações por expropriação e nacionalização. Coitadinhos dos agrários e dos barqueiros, realmente não há de isto, que graça tem lá um regime democrático sem ban-

queiros e sem grandes agrários...

Freitas, em fa, choraminga a perda das delícias democráticas escondendo na manga da casaca o facto de existir miséria, desemprego e solidão precisamente nos países onde mandam os grandes industriais, banqueiros e agrários.

Ou seja: onde todos são proprietários, segundo a rábula amaralenta. Proprietários da infâmia ou da repressão ou da tristeza ou do dinheiro ou da pobreza. Já sabemos como é...

ASSIM VAI O MUNDO

A respeito de como são tratados os velhos no mundo capitalista nos dá sinais o Telegiornal. Talvez sem querer, porque a Televisão do Tomás (não, pá, não é esse, é o Rosa!) não gosta muito de atacar as putências nossas amigas.

Pois o Telegiornal conta-nos, com imagens e tudo, a história daquele incêndio na América do Norte: era um asilo de velhos, o fogo pegou, foi uma tragédia, morreram duas dezenas de pessoas, entre as quais (nota pitoresca tão do agrado das Selecções) um velho de 105 anos.

Porque morreu tanta gente? A voz sonífera do Cerqueira explica tudo: o asilo fora instalado numa casa antiga; a casa

estava situada num ermo; nem na casa, nem perto dela havia água...

Não havia água para os bombeiros e certamente não haveria dela com suficiência para os velhinhos. O que, bem vistas as coisas, talvez não lhes fizesse muita falta. Prá banheira, pró bidê e prá panela, como se trata de um país rico, talvez os velhotes consumissem vinho do Porto...

Desculpem a graça sem graça nenhuma. Mas o «carinho» e as «atenções» para com a terceira idade do Freitas do Amaral e do Magalhães Mota, a gente nunca sabe...

PESETAS E TRETAS

Daria um bom volume de anedotas a actividade quotidiana da Televisão Portuguesa. Actividade onde reina a incompetência, a falta de qualidade, a improvisação (sinónimo de indiferença) a incultura. Se nas críticas me dedico pouco ou nada a essa recolha é porque considero que os rapazes e as raparigas não têm culpa da sua ignorância e os técnicos não têm culpa da exibição da sua incompetência. Os culpados na Televisão do Tomás (não é esse, pá, que mania, é o outro, o Rosa) são outros, os que sanejam os profissionais e os técnicos de qualidade.

Na Televisão do Tomás de aquilo, ignora-se o trabalho de equipa, sem o que não se entenderia que certas «informações» passassem.

Por exemplo: esta, dita com o ar mais sério pelo Duro (uma calamidade pública na arte de ler mal) segundo a qual o Oriol em maus lençóis pertenceria a uma família das mais ricas de Espanha, pois a sua fortuna se avaliava em 70 milhões de pesetas isto é, à volta de 40 mil contos, com boa vontade.

Uma das maiores fortunas, em Espanha, com 40 mil contos? Bah! ou a Espanha está muito por baixo ou no Lumiar se percebe pouco de câmbios em geral e de pesetas em particular.

O que não admira, o movi-

mento principal está a fazer-se em dólares...

QUANDO AS TERRAS DEREM PÃO

TV Rural deslocou-se a Cantanhede, qualquer coisa como 48 por cento de pepedês... o que significa falta de esclarecimento, isolamento, caciquismo.

Tratava-se de um colóquio sobre cooperativismo agrícola. Generalidades, literaticeiras mais ou menos rurais, elogios ao campo e ataques à cidade esta apresentada como selva, como se o campo onde manda o caciquismo, a ignorância, a ausência de mínima qualidade de vida, fosse um paraíso...

De súbito, porém, tudo explodiu na lucidez e na coragem daquele agricultor. Foram breves instantes que ficaram a iluminar o dia televisivo.

Referiu-se à afirmação do secretário de Estado Não Sei de Quê segundo a qual iria ser criado um crédito especial para a criação de vitelos na região de Cantanhede. E disse o agricultor: «Eu queria perguntar ao senhor secretário de Estado se há alguma lei neste momento que admita que haja terras de pousio como estão. Há muitas terras de pousio e os senhorios não as arrendam porque não estão de acordo com a Lei do Arrendamento.

«Julgo que neste momento nem a G. N. R. nem os serviços oficiais têm força para dizer aos senhorios que as arrendem ou que as amanhem. Porque para fazer pecuária à base de forragens, temos de acabar com as terras de pousio.

«Quando todas as terras de pousio deste concelho derem pão, acabará a saída de divisas do nosso país.»

Este é o verdadeiro problema, Dona Televisão de Olhos Cegos: o futuro constrói-se com os trabalhadores do campo e das fábricas, nada se pode fazer contra eles. Quando se faz alguma coisa contra eles, quando se protegem os senhorios ricos em detrimento dos pequenos rendeiros, quem paga é a colectividade, quem sofre é a Pátria.

Vê se percebeis, Televisão, e se ages em conformidade.

Hoje



Michael Caine intérprete de «O Caso Ipcress»

I PROGRAMA

18.30 Abertura e Sapatinhos de Ballet

As 3 meninas Fossil vão a uma audição à Escola de Ballet.

18.55 Abre-te Sésamo

19.20 Ligeiríssimo inquérito às editoras. Travesti e ópera ócks. Produção de Fernando Penalva. Apresentação de Pedro Castelo.

19.45 Vamos Jogar no Totobola

19.55 A National Gallery (8.º programa) a época de Rembrandt.

20.30 Telejornal 1.ª edição

21.05 A Música e o Silêncio programa de Vitorino de Almeida.

21.40 «O Caso Ipcress» («The Ipcress File») intérpretes: Michael Caine, Nigel Green. Guy Doelman, Sue Lloyd e Gordon Jackson. Realização: Sidney Furie. Ano de produção: 1965.

Uma onda de desaparecimentos de cientistas, mobiliza os Serviços Secretos britânicos. O agente Harry Palmer é o fulcro da acção desencadeada contra uma equipa desconhecida.

23.40 Telejornal

24.00 Fecho

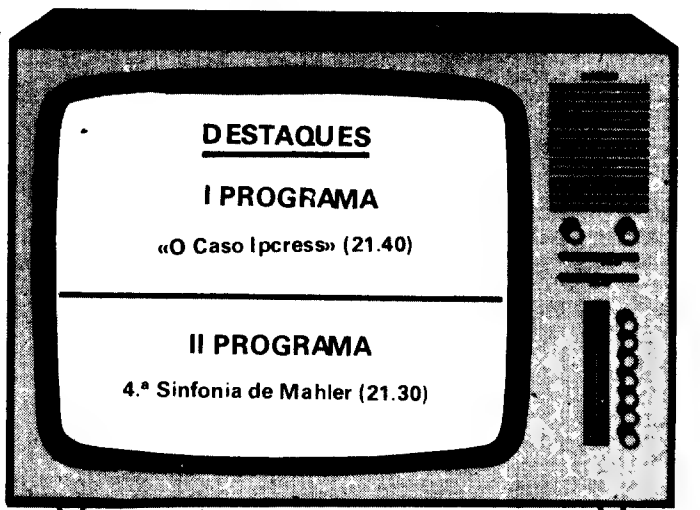
II PROGRAMA

20.30 Abertura e Telejornal

21.00 Inédito ou Quase

21.30 4.ª Sinfonia, de Mahler

22.35 Fecho



DESTAQUES

I PROGRAMA

«O Caso Ipcress» (21.40)

II PROGRAMA

4.ª Sinfonia de Mahler (21.30)

Amanhã

I PROGRAMA

18.30 Abertura e Bonecos «Susana e Daniel» e «Diário das Fábulas»; 19.00 Os Homens e os Livros; 19.30: «O Conde de Monte Cristo» obra de Alexandre Dumas; 20.00: A Ideia e a Imagem; 20.30: Telejornal 1.ª edição; 21.05: «As Trapaças do Robin dos Bosques»; 21.30: Dom Lúcio Show; 22.00: Um programa da Direcção de informação; 23.15: Telejornal 2.ª edição; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Abertura e Telejornal; 21.00: «A Tragédia Optimista» realizado por Sanson Samsonov e interpretado por Margarita Volodina, Boris Andreyev e Yvachoslav Tikhonov; 23.20: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Cooperativa teatro popular

ESTREOU ONTEM...

Pergunte a quem VIU...

Apresenta na

ACADEMIA ALMADENSE

Rua Capitão Leitão, 64 — Telef. 275 21 27 — Almada

A GRANDE JOGADA!

uma divertida comédia musicada de JOSÉ VIANA que a interpreta ao lado de ROGÉRIO PAULO e DORA LEAL

e MARIA DULCE que conta a história de fio a pavo à frente de um grande elenco

Direcção musical de VICTOR BONJOUR

SESSÕES às 3.ªs, 4.ªs e 5.ªs às 21.30;
SEXTAS E SÁBADOS às 20.45 e 23 e aos
DOMINGOS às 16 e 21.30 h.

Caminhos de Ferro Portugueses

de 10 de Dezembro a 10 de Janeiro

EVITE EXPEDIR PEQUENAS REMESSAS

MARIA VITÓRIA

• HOJE E TODOS OS DIAS •

TELEF. 36 17 40

2 SESSÕES: AS 20.30 e 22.45 H.

UM ÊXITO!

SÁBADO e DOMINGO «MATINÉES» às 16 h

2 SESSÕES: às 20.30 e 22.45 horas

AS 2.ªs FEIRAS: DESCANSO

A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!

A NOVA PLURALREVISTA

O BOMBO DA FESTA!

com

IVONE SILVA e HENRIQUE SANTANA — LYGIA TELLES

A frente de um grande elenco e de um corpo de Baile Internacional

— BOAS FESTAS COM UMA BOA REVISTA —

Salvador em «O HOMEM DO TROMBONE»

atrakção japonesa YUKIE

Desporto

"Rallye de Portugal": o melhor do Mundo

A Associação Mundial dos Construtores de Automóveis (baseada nos relatórios dos seus inspectores presentes nas diversas competições do Campeonato do Mundo de Rallyes de 1976) considerou o «Rallye de Portugal-Vinho do Porto», disputado em Março último, como a melhor organização do Mundo revela o gabinete de Imprensa daquela competição desportiva.

O mesmo departamento de informação acrescenta que o galardão foi conferido à prova portuguesa, em confronto com os Rallyes de Monte Carlo, Suécia, «Safari», Acrópole, Marrocos, 1000 Lagos, Itália, Inglaterra e França.

Recorda-se que os melhores parabéns da Associação Mundial dos Construtores de Automóveis vão direitos para Alfredo César Torres, o responsável principal pelo «Rallye de Portugal-Vinho do Porto», que sucedeu à «Volta a Portugal em Automóvel», já dirigida por César Torres.

Entretanto, a Comissão Desportiva Nacional elaborou o calendário do Campeonato Nacional de Rallyes, para o ano de 1977, que é o seguinte:

Rallye Reguladora (a organização pelo Targa Clube) em 15 e 16 de Janeiro;

Rallye do Centro (pelo Clube Automóvel do Centro) em 29 e 30 de Janeiro;

Rallye das Camélias (pelo

Arte e Sport) em 12 e 13 de Fevereiro;

Rallye de Portugal-Vinho do Porto (pelo Automóvel Clube de Portugal) de 1 a 6 de Março;

Volta ao Minho (pelo Sport Clube do Porto) em 26 e 27 de Março;

Rallye às Antas (pelo Futebol Clube do Porto), em 16 e 17 de Abril;

Rallye de S. Mamede (pela Associação Académica de S. Mamede) em 14 e 15 de Maio;

20.º Rallye Nocturno (pelo Sporting Clube de Portugal) de 10 a 12 de Junho;

Rallye Cidade de Castelo Branco (pela Escuderia de Castelo Branco), em 25 e 26 de Junho;

Volta à Ilha de S. Miguel (Açores), pelo Grupo Desportivo Comercial, em 30 e 31 de Julho;

Volta à Ilha da Madeira (pelo Clube Sports da Madeira) em 3 e 4 de Setembro;

Volta a Portugal (pelo Clube 100 à Hora) de 29 de Outubro a 1 de Novembro;

Volta ao Algarve (pelo Racal Clube) de 10 a 13 de Novembro.

Do calendário de Rallyes, a prova mais importante é a do Rallye de Portugal-Vinho do Porto, a 3.ª pontuável para o «mundial» da categoria.

A Comissão Desportiva Nacional elaborou também a lista de «pilotos de notoriedade» (Rallyes), válida a partir de 1



Alfredo César Torres: distinção de alto nível

de Janeiro de 1977. Essa lista contém os seguintes pilotos: António Diegues, António Manuel Borges, António Santinho Mendes, Carlos Peres, Carlos Torres M. Pires, Francisco Romãozinho, Giovanni Salvi, Jorge Ortigão, Manuel Inácio, Mário Silva e «Mequêpê». «Mequêpê», piloto prioritário internacional, terá o número 1 em todas as competições nacionais em que participar.

"Volta a Espanha": subidas em torrente

A «Volta a Espanha» em bicicleta, de 1977, será disputada em 19 etapas, com um total de 2865 quilómetros.

A organização anunciou que a «Vuelta» se inicia em 26 de Abril, em Dehesa de Campoamor (pequena estância de Veraneio, perto de Alicante) terminando em 15 de Maio, na cidade de San Sebastian.

Segundo as previsões da organização, o custo da prova será de cerca de 32 milhões de pesetas. Prevê-se a participação de 80 ou de 90 ciclistas, distribuídos por dez equipas e haverá quase 50 contagens para o «Prémio da Montanha».

As etapas da «Vuelta 77» serão as seguintes:

26 de Abril — prólogo em contra-relógio, na distância de 8 quilómetros, em Dehesa de Campoamor.

27 — 1.ª etapa: Dehesa de Campoamor-La Manga, 115 quilómetros.

28 — 2.ª etapa: La Manga-Múrcia, 168 km.

29 — 3.ª etapa: Múrcia-Benidorm, 207 km.

30 — 4.ª etapa: Benidorm-Benidorm, 9 km.

1 de Maio — 5.ª etapa: Benidorm-Valência, 189 km.

2 — 6.ª etapa: Valência-Teruel, 141 km.

3 — 7.ª etapa: Teruel-Alcalá de Chivert, 179 km.

4 — 8.ª etapa: Alcalá de

Chivert-Tortosa, 162 km.

5 — 9.ª etapa: Tortosa-Salou, 142 km.

6 — 10.ª etapa: Salou-Barcelona, 153 km.

7 — 11.ª etapa: Barcelona-Barcelona, dividida em dois sectores de 60 quilómetros cada.

8 — 12.ª etapa: Barcelona-Igualada, 198 km.

9 — 13.ª etapa: Igualada-Seu de Urgel, 137 km.

10 — 14.ª etapa: Seu de Ur-

gel-Monzon, 200 km.

11 — 15.ª etapa: Monzon-El Formigal, 166 km.

12 — 16.ª etapa: El Formigal-Cordoba, 170 km.

13 — 17.ª etapa: Cordoba-Bilbao, 182 km.

14 — 18.ª etapa: Bilbao-Durango, 142 km.

15 — 19.ª etapa: Durango-San Sebastian (137 quilómetros) dividida em dois sectores.

Lopes favorito em S. Paulo



Centenas de atletas de 31 países treinam-se na cidade de São Paulo e nos arredores, preparando-se para a tradicional prova atlética de fim de ano: a corrida de São Silvestre, disputada nas ruas da capital paulista, na distância de 8900 metros.

Prevê-se que mais de 1000 atletas dos dois sexos participem na prova, que se disputa pela 52.ª vez. Os grandes ausentes da prova são o colombiano Victor Mora, três vezes vencedor da corrida e detentor do melhor tempo da prova (23,12,2) e o finlandês Lasse Viren, campeão olímpico dos 5000 e 10 000 metros.

Entre os favoritos para a corrida deste ano, a crítica desportiva destaca os nomes de Carlos Lopes (medalha de prata nos 10 000 metros dos Jogos Olímpicos de Montreal), do mexicano Luiz Hernandez (medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos) e do italiano Franco Fava (3.º lugar na corrida do ano passado). O japonês Hideki Kita, o inglês Chris Stewart, o mexicano Rafael Palomares e o holandês Gerald Tetroke, são (também) apontados como candidatos à vitória.

Pela 2.ª vez na história, a corrida conta com a participação de atletas do sexto feminino, destacando-se entre as candidatas ao êxito a mexicana Verónica Martínez e a polaca Renata Penlonowska.

Ténis ataca em três frentes

Cento e cinquenta jovens, de ambos os sexos, (dos 7 aos 18 anos) vão participar num curso de ténis, em Oeiras.

O curso, a realizar em moldes inéditos, é completamente gratuito e, numa primeira fase, será ministrado aos 150 futuros tenistas e mais tarde desdobrado para alunos iniciados e alunos avançados.

As aulas começarão no próximo dia 2 de Janeiro pela tarde, nos campos de ténis camarários de Oeiras, numa iniciativa da Comissão de Ténis de Oeiras, com o apoio da Federação Portuguesa de Ténis, Coordenadora Sociocultural Junta de Freguesia e Câmara Municipal de Oeiras.

Serão professores os tenistas Raul Peralta (argentino) e Leonor Santos Peralta. As inscrições estão abertas na Comissão de Ténis de Oeiras, (Rua José Falcão, 20, em St. Amaro de Oeiras).

EM MARROCOS

Uma representação do ténis português partiu para Marrocos, onde vai participar num torneio internacional de junio-

res, que decorrerá em Rabat, de hoje até 2 de Janeiro.

A equipa portuguesa é chefiada por João Lagos e integra os seguintes jogadores: Manuel de Sousa (campeão nacional de juniores), José Cordeiro (campeão nacional de infantis) e José Luis Fernandes. O dr. Cordeiro dos Santos (presidente da Federação Portuguesa de Ténis) acompanha a equipa. João Lagos («capitão» da equipa) disse que a presença de Portugal neste torneio deve-se a um convite, com todas as despesas pagas, feito pela Federação Marroquina de ténis. Sobre a presença de Portugal na competição, acrescentou estar esperançado em bons resultados.

NO JAMOR

No próximo domingo, nos «courts» do Jamor, festa grande do ténis lisboeta: DAC frente a frente à «Sportla», para disputa do título nacional por equipas. Uma boa jornada de propaganda em perspectiva, para uma modalidade em progresso.

PORTUGAL

ANDEBOL

Hoje (21 horas), na Associação de Andebol de Lisboa, sorteios dos jogos de várias competições: «Torneio de Abertura» (juniores e juvenis femininos) e campeonato regional da 2.ª divisão (seniores femininos).

Entretanto, o organismo lisboeta deliberou considerar procedente o protesto apresentado pela Académica da Amadora, referente ao encontro de juniores que disputou com o Bairro Janeiro, a contar para o regional da 1.ª divisão, da categoria.

ATLETISMO

Um estágio de saltadores está a decorrer até amanhã, a cargo do Gabinete Técnico da Federação de Atletismo. Lista de atletas convidados:

Fernando Pinto, Sérgio Biel, João Oliveira, Antonino Finistera, Arménio Carvalhais, Armando Oliveira, Fernando Cunha, Ana Paula Mota, Elisa Santos e Fernanda Grilo todos do Porto; Paula Palma, Pedro Palma, Isabel Filipe, Manuel Neves, António João, António Catalão, Guilherme Moreira, de Coimbra Virgílio Oliveira (Viseu), Nuno Domingos e Leonel Piscalho (Santarém); Francisco Agostinho e Cristina Abreu (Setúbal). Neste estágio, também são integrados Luis Matias e Ludgero Coelho (Faro), Fernando

Ferreira, José Santos e Cristina Cardoso (Setúbal) Convidados (ainda) treinadores do Porto (3) Coimbra (2) Viseu (1) e Santarém (1).

Por seu turno, em Coimbra conclui-se hoje um estágio destinado a lançadores (dardo e disco) com a participação dos seguintes atletas:

José Saavedra (F.C.P.), José Moura (F.C.P.), Alexandre Lacerda (F.C.P.), Fátima Pinto (Leixões), M.ª Manuela Ferreira (F.C.P.), Luís Picarrote (CAP), Ana Paula Martinho (S. Clara), Helena Pires (A. C.), Jorge Saraiva (A.A.C.), Nuno Leitão (Beira-Mar), Lucinda Leal (Estarreja), José Outerelo (Ovarense), Aurélio Afonso (A.B.C.), Luis Braga (A.B.C.), Conceição Gomes (A.B.C.), M.ª José Teixeira (A.B.C.) M.ª José Parente (A.B.C.), Bernardete Braga (S. Braga), Joaquim Fonseca (S. Fiel) e António Alexandre (C.A.F.).

Corrida de 15 quilómetros em estrada (nos arruamentos anexos ao Estádio Nacional) pelas 10 e 30, do próximo dia 2 de Janeiro. A competição (organizada pela Associação de Atletismo de Lisboa) é aberta a todos os praticantes, masculinos ou femininos.

Integrada nos festejos comemorativos do seu 28.º aniversário, o Império Clube de Portugal promove uma prova pedestre denominada «Corrida de S. Silvestre», que terá lugar pelas 22 horas de 31 do corrente. A competição vai alargar-se num percurso de 6 quilómetros e é reservada a atletas masculinos com a idade mínima de 16 anos, que representem clubes populares.

BASQUETEBOL

Na final do «Torneio Quadrangular do Natal», em Basquetebol, disputado no Pavilhão dos Olivais (em Coimbra) registaram-se os seguintes resultados: Ginásio Figueirense-Sporting, 75-79 (com 36-37 ao intervalo) e Académico de Coimbra-Castelar de Barcelo-

na, 70-81 (com 41-39 ao intervalo). O clube espanhol foi o vencedor da competição, ficando em 2.º lugar o Sporting, em 3.º o Académico e em último o Ginásio Figueirense.

Curso de Juizes de Basquetebol árbitros e oficiais de mesa aberto na Comissão Central (R. Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa).

CASTIGOS

A Associação de Hóquei em Campo de Lisboa reuniu um ano de suspensão o atleta Rui Manuel Caldeira Francisco (Futebol Benfica) e com oito jogos de paragem obrigatória o seu colega Joaquim Manuel Carvalho Andrade.

CICLISMO

Esta noite, a Federação de Ciclismo entrega os prémios referentes à temporada última, desde a «Volta a Portugal» ao «Troféu Príncipe Filipe», passando pelo Porto-Lisboa e pelos campeonatos nacionais. O grande «açambarcador» será o benfiquista Firmino Bernardino que, só à sua parte, receberá perto de 70 contos.

EDITE

Foi escolhida para seleccionar a equipa de Lisboa que disputará, nos primeiros dias do ano que está muito próximo, o torneio de basquetebol in-

ter-selecções regionais de iniciados em que intervêm, além de Lisboa, as formações representativas das Associações Regionais de Faro, Porto, Coimbra, Aveiro e Setúbal.

Edite Esteves, de quem falamos, é redactora do nosso colega «A Capital», treina as equipas femininas (juvenis) e iniciados (masculinos) do Carnide Clube e teve a sua «opção» já homologada pelo secretário-técnico da Federação Portuguesa de Basquetebol.

HÓQUEI PATINADO

É em 4 de Janeiro que se efectua, na sede da Federação Portuguesa de Patinagem, os sorteios das pré-eliminatórias e 1/16 de final da Taça de Portugal, em que se encontram inscritos 56 clubes divididos por duas zonas (Norte e Sul).

VOLEIBOL

A Associação de Voleibol do Porto instaurou inquérito a ocorrências, verificadas no jogo Fiães-Nun'Alvares, de Gondomar, do campeonato portista da 2.ª divisão masculina. Preventivamente, é suspenso o atleta Tibério de Sá e Sousa (Fiães), ao mesmo tempo que foi louvado o colega José Gomes da Silva.

LÁ FORA

ANDEBOL

Uma selecção do Sarre venceu ontem a equipa nacional portuguesa de andebol, por 19-15. Ao intervalo, registava-se empate a 9 tentos.

Na equipa portuguesa, os melhores jogadores foram José Manuel (autor de seis golos), Hernâni (5 tentos) e o guarda-redes Carlos Silva.

«SHOW»

Muhamad Ali, campeão do Mundo de «pesados», vai combater sucessivamente quatro adversários durante a exibição que fará hoje a favor de uma escola de Belas Artes. O organizador do combate anunciou

que Ali iria defrontar um homem de negócios muito conhecido, de Boston: Peter Fuller, filho de um antigo governador do Massachusetts.

XADREZ

O jogo entre o português João Sequeira e o filipino Yap a contar para a 7.ª jornada do Campeonato Mundial de Xadrez (para juniores) foi suspenso. Após a jornada de ontem, comanda a classificação geral o soviético Evgeny Vladimirov (que derrotou o alemão ocidental Jorg Weidemann) com 6,5 pontos. Em 2.º lugar (com 5,5 pontos) está Harry Schussler, da Suécia.

Benfica convida para corta-mato

A comissão de Atletismo do Benfica organiza, nos próximos dias 2 (domingo, pelas 10 horas) e 8 (sábado, às 16), nos terrenos anexos ao Estádio da Luz, corridas de corta-mato para jovens que nunca tenham oficialmente praticado Atletismo.

Haverá disputas para infantis (10-12 anos), iniciados (13-14), juvenis (15-16) e juniores (mais de 17), para concorrentes femininos ou masculinos. As inscrições encontram-se abertas no próprio local das provas.

Desporto

FUTEBOL AOS SOLUÇOS

Mais oito para a "Taça"

Mais uma etapa da «Taça de Portugal» em futebol (referente à 2.ª fase da eliminatória n.º 2) tem hoje oito espectáculos previstos: Olhanense-Académico de Coimbra, Viseu e Benfica-Farense, Bragança-Salgueiros e a repetição do Espinho-Lus (pelas 15 horas); Nacional (da Madeira-União de Tomar) e o desempate Almada-Elvas (às 21); F.C. Porto-Alba e Benfica-Chaves (às 21 e 30). Os horários (como de costume) são variáveis e ao sabor das circunstâncias e conveniências.

A propósito do último «how» previsto (Benfica com flavienses) recorde-se que durante largo tempo (através de comunicados e declarações públicas dos principais responsáveis) o Grupo Desportivo de Chaves afirmara que, dado o integral amadorismo dos seus futebolistas, não viria a Lisboa no meio da semana. Afinal, es-

tamos a notar que houve radical mudança de atitude, pois o encontro mantém-se no calendário federativo...

AVEIRO

Cumprindo o preceituado pelo seu Sindicato, os profissionais do futebol benfiquista recusaram, terminantemente, a deslocação a Aveiro, no próximo domingo, para o jogo com o Beira-Mar. O percurso que teria de ser cumprido excedia o limite decretado sindicalmente: 150 km. E, como no acto da feitura dos seus calendários-arranjos, a Federação achou que era letra morta a disposição do Sindicato dos Jogadores, eis que alguns dos chutadores mais esclarecidos tomam posição firme e de saude. No fim de contas, sem eles não há espectáculo: nem Federação...

A propósito: o Benfica tenta que o encontro com os aveiren-

ses se processe a 5 de Janeiro (4.ª feira). O Beira-Mar não concorda: a ideia de uma boa receita a resvalar pela porta fora, é contratempo desanimador.

BENFICA

Fernando Neves foi abordado no sentido de regressar a um lugar que conhece bem: o de chefe do departamento de futebol profissional do Benfica, de onde (voluntariamente) se afasta Romão Martins.

BRAGA

Esta tarde, na Amoreira, os jogadores do Estoril vão decidir a respeito de eventual deslocação a Braga, para o jogo do nacional previsto para domingo. A situação é idêntica à do Benfica: respeitar o convencionado pelo Sindicato é ideia dos profissionais dirigidos por António Medeiros.

CASTIGOS

Joaquim Meirim e António Teixeira com castigos decididos: a Federação puniu-os, por igual, com dois meses de suspensão e multa de 5 contos a cada técnico. Razão invocada: o modo como criticaram publicamente a acção de árbitros que dirigiram jogos das equipas que orientam (respectivamente o Leixões e o Varzim, por casualidade eliminadas da «Taça de Portugal» logo ao primeiro exame).

MONTIJO

De amanhã até sábado, a turma de juvenis do Montijo participa, em Nice (França) num torneio de futebol promovido para jogadores nascidos entre 1 de Agosto de 1960 e 31 de Julho de 1962. Participam 14 equipas: a viagem dos montinenses (calculada em cerca de 100 contos) recebeu contributos do Comércio, Indústria e população do Montijo. O mais curioso é que quatro jovens futebolistas (Cerqueira, Ferreira, José António e Vitor) vão a expensas próprias.

NACIONAL

Mais um jogo de bola, desta feita para (tentar) acertar o calendário da 1.ª divisão: Vitória de Setúbal-Beira-Mar, no Bonfim, logo à noite, pelas 21 e 15.

PROTESTOS

O Marialvas (de Cantanhede) protestou o jogo feito com o Maria da Fonte (da Póvoa de Lanhoso) alegando que, a certa altura do duelo, um espectador afecto ao clube visitante andou a passear dentro do rectângulo, com um estandarte, enquanto o jogo seguia para a frente.

Entretanto, a Federação decide: foram julgados improcedentes os protestos apresentados pelo Amora (encontro com o Desportivo de Benavente) e Sport Viseu e Benfica (jogo com o Leça).

VERGONHA

Aconteceu no Porto, durante um jogo do calendário do Inatel, entre o Centro Social de França e a Têxtil Delfim Ferreira: o árbitro Joaquim Gonçalves foi violentamente agredido por alguns jogadores (fala-se nos nomes de Belmiro da Silva Pereira, José Correia Alves e Joaquim Pereira Fernandes) sofrendo fractura de costelas, incapacidade temporária para o trabalho e um período de internamento hospitalar.

O caso já está na Justiça: do Tribunal de Polícia (dada a sua gravidade), transitou para os juízos de Investigação Criminal.



Tradição: festa de Natal dos futebolistas do Sporting. Prendas para os pequeninos e palavras bonitas para os papás. Na imagem: Manuel Fernandes (filho e mulher), Baltazar (com uma filha de Keita ao colo) e o mali que, aos 30 anos, veio dar vida nova ao futebol de Alvalade

Xadrez por "telex"

«Portugal parece ter uma hipótese relativamente boa, frente à França, no jogo da 1.ª eliminatória da Olimpíada de Xadrez por 'Telex', revelou um dos directores da Federação Portuguesa de Xadrez, acrescentando que a Federação vai contactar com a sua congénere francesa para ser marcada a data do jogo, que terá que ser disputado entre 1 de Janeiro e 30 de Abril.

Acerca da representação portuguesa para esta primeira Olimpíada de xadrez por «Telex» (que é organizada pela Fe-

deração Mundial de Xadrez e pela Federação Internacional de Xadrez por Correspondência) sabe-se que os responsáveis pelo xadrez português ainda não decidiram qual a equipa para a competição.

Nesta prova, em que se inscreveram 14 países, a primeira jornada conta com os seguintes jogos: Islândia-Escócia, Finlândia-Polónia, Austrália-Guiana, Suécia-Noruega, França-Portugal e Alemanha Federal-Países Baixos. Participam ainda na competição (mas estão isentos da 1.ª eliminatória) a União Soviética e a

República Democrática da Alemanha.

Os vencedores da 1.ª eliminatória passam adiante, em jogos terão que ser disputados de 1 de Junho a 30 de Setembro do próximo ano. A meia-final será disputada de 1 de Novembro próximo a 31 de Agosto de 1978. A final terá que ser disputada entre 11 de Março e 31 de Maio de 1979. As partidas serão controladas por árbitros neutrais e têm um tempo limite de 50 movimentos em duas horas, para cada jogador.

C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 17 de Janeiro de 1977, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação a bar ou cantina e subsequente exploração de duas dependências da estação de Évora, sendo todas as despesas a cargo do interessado.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 16 000\$0 e os concorrentes devem depositar em qual-quer estação da C. P. a quantia de 270 000\$0 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Évora
- Casa Branca
- Beja
- Serviço Comercial da Região Centro LISBOA (SANTA APOLÓNIA)
- Serviço Comercial da Região Sul BARREIRO
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte: «Proposta para a adaptação e exploração a bar ou cantina de duas dependências, na estação de Évora».

REVEILLON

NA CANTINA UNIVERSITÁRIA VELHA

CHAMPANHOTA

MÚSICA

CARNAVAL

ALEGRIA

SAMBA

ambiente festivo com dois conjuntos "OS ACADEMICOS" e OS "WAYA-WAYA" (POP)

Inf. Tel. 762017

O MELHOR REVEILLON DE LISBOA

GABINETE DE CONTABILIDADE
EXECUTA E RECUPERA ATRASOS
TEL. 77 24 50

às 4^{as} feiras

UM SEMANÁRIO DIFERENTE, PARA CHEGAR A MAIS GENTE

A SI, POR EXEMPLO!

telex

O jornal e os seus leitores

Estatuto editorial

DISTRIBUIÇÃO

REGIMPrensa

Geral

O.V.N.I. sobre Lisboa

Várias dezenas de pessoas que se encontravam no miradouro de Santa Luzia, em Lisboa, e também na Amadora, Alcochete, Almada e Setúbal, teriam avistado cerca da 1 hora da madrugada de hoje, e em pequenos intervalos, um objecto voador com uma cauda verde, amarela e encarnada a circular a grande velocidade e a baixa altitude. O seu tamanho seria 40 ou 50 vezes superior à dos aviões a jacto.

«Não temos aqui nada registado», afirmou esta manhã ao «D.L.» um informador da torre de controlo do aeroporto da Portela, rebatendo assim uma versão posta a circular que referia ter o comandante de um avião da TAP, que descolara daquele aeródromo às 0 e 49, comunicado para ali ter avistado o OVNI, designação dada vulgarmente a estes objectos voadores.

Em contacto com as autoridades policiais das localidades

em que o misterioso objecto voador teria feito a sua teórica aparição, também não conseguimos obter confirmação absoluta para o estranho fenómeno. «Já ouvimos falar nisso, mas de concreto nada sabemos», foi a resposta que obtivemos.

Rotura deixou parte da capital sem água

Uma rotura técnica na conduta principal de abastecimento de água a Lisboa, junto à Praça Marquês de Pombal, e não qualquer acto de sabotagem como boatos postos a circular tentaram fazer crer) provocou, a partir da tarde de ontem, um corte ao abastecimento da zona central da cidade.

No entanto, e de acordo com uma informação fornecida esta manhã ao «D.L.», pela EPAL, a situação deverá ficar normalizada a partir da noite de hoje, dado o bom ritmo com que estão a decorrer os trabalhos de reparação da conduta efectuada.

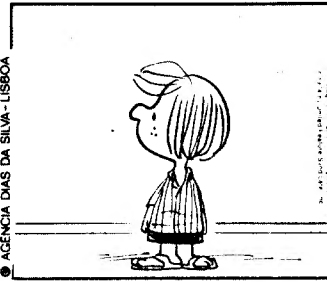
Classe única nas linhas suburbanas

A partir de 1 de Janeiro entra em vigor nos percursos suburbanos de Lisboa, nomeadamente nas linhas Rossio-Sintra e Barreiro-Praias do Sado, o sistema de classe única, tarifado de acordo com as tabelas actualmente em vigor para a segunda classe nos comboios e tranvias.

Os passageiros possuidores de assinaturas válidas para a

primeira classe nestes percursos poderão obter o respectivo reembolso a partir de 15 de Janeiro, nas estações em que as tiverem obtido.

Os impressos destinados a serem preenchidos pelos passageiros que se encontrarem nestas circunstâncias estarão à sua disposição a partir do dia 3.



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e chovia a Sul do Vale do Tejo e havia nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	4°
COIMBRA	6°
PORTALEGRE ...	6°
LISBOA	7°
FARO	11°
FUNCHAL	16°

TEMPERATURAS EXTREMAS

FARO

Máxima 5°

FIGUEIRA CASTELO ROD.

Mínima 0,5°

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco; períodos de chuva; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro durante a madrugada e manhã.



AMANHÃ

NASCEM AS 7.55
OCASO AS 17.24



Dia 1 Dia 9 Dia 17 Dia 24

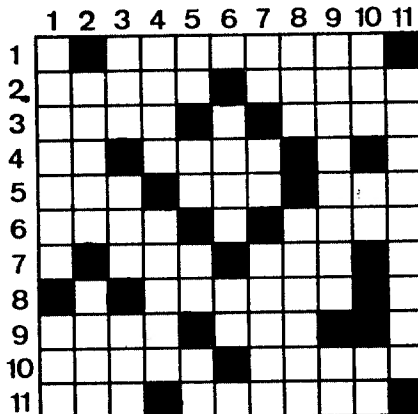
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11637

HORIZONTAIS:

- Nome de um mês.
- Realiza. Pecado.
- Sacerdote budista. Depois de.
- Primeira sílaba do nome de uma ilha da Grécia. Em mais alto grau.
- Apelido. Nome de letra. Ribeira de Portugal.
- Irrita. Trata por tu.
- Patrão. Vã.
- Agitas.
- Prefixo latino de composição de palavras que exprime a ideia de meio. Personagem da literatura fantástica inglesa.
- Recuam. Limpo com vassoura.
- Vai para fora. Parti em toros.



VERTICAIS:

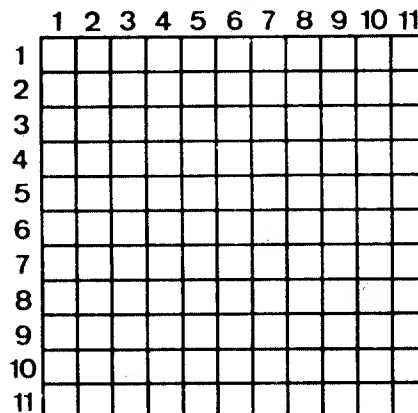
- Humedecido. Sadias.
- Adeja. Cidade da Arábia.
- Preposição. Ilha do Estado da Baía. Muito.
- Estavam. Bailarina espanhola, cigana, já falecida.
- Basta. Em partes iguais. Rio da Rússia. Miriãre.
- Nome de fruto. Amónio (s.q.).
- Mil e cem em romano. Sadias. Nome de homem.
- Com da Itália. Terminar.
- Retruca. Batráquio.
- Espádua. Alternativa. Medida itinerária do Japão.
- Arruinado.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7697

HORIZONTAIS

- Vila e sede de concelho (Guarda).
- Irrita (fig.). Desperta.
- Total. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
- Senhor. Volta. Gálio (s.q.).
- Abranger. Lanças o arpeú a.
- Oásis. Rio da Suíça.
- Grande. Preposição e artigo definido (pl). Bigorna de ourives.
- Toma fôlego.
- Abreviatura de Santíssimo. Apellido. Criminosa. Pago.
- Cordas de reboque. Triturava.
- Báus. Estacionar.



VERTICAIS

- Cidade de Itália. Consome.
- Poupar. Ribeira de Portugal.
- Anuência. Remar para trás. Actínio (s.q.).
- Cobrir de nata. Catafalco.
- Bário (s.q.). Sufixo que designa estado. Pega.
- Prasidímio (s.q.). Popular (abrev.).
- Gálio (s.q.). Em a. Senhor em inglês.
- Despachara. Move os remos.
- Lirio. Pé grande de pessoa (fig.). Sufixo que designa estado.
- Sobrar (tempo). Piedosa.
- Curas. Enviar como legado.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7696

HORIZONTAIS

- Por. Passa.
- Nuas. E. Miar.
- Iru. Pro. Aca.
- Catre. Sora.
- Aero. Pá.
- A. MORTE. Fé.
- Bico. Ruar.
- Arara. Res.
- Ca. Dã. Itaca.
- Adie. A. Arad.
- Lâmia. Asa.

VERTICAIS

- Única. Bacal.
- Ura. Alrada.
- Pauta. Ca. Im.
- Os. Remordei.
- Pero. Aa.
- Er. Ora. A.
- Os. Ri.
- Am. Operetas.
- Siara. Usara.
- Saca. Fa. Ca.
- Ara. VERDADE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11636

HORIZONTAIS

- Banir. Bater.
- Amoroso.
- Ac. Amaca. As.
- Grana. Adita.
- Aida. Amas.
- Al. Aio. Om.
- Tem. Val.
- Amali. Abate.
- Sé. Amora. És.
- Cai. Ari. Ira.
- Armas. Ornar.

VERTICAIS

- Braga. Masca.
- Cria. Mear.
- Na. Adita. Im.
- Imana. Ela.
- Roma. Amimas.
- Ra. Vi. Or.
- Boca. Ovário.
- Asada. Aba.
- To. Imola. In.
- Atam. Terá.
- Rosas. Lsar.

PROVERBIO: É A MORTE A ÚNICA VERDADE

pub

C. D. D. C.

COMISSÃO DINAMIZADORA DISTRITAL DO CONGRESSO DE SETÚBAL

MOÇÃO

As disposições recentemente tomadas pelo Governo Minoritário P.S., pela mão do sr. Ministro da Agricultura e Pescas, sr. dr. António Barreto, contra a Reforma Agrária, e, dando seguimento à Política de Recuperação Capitalista, anunciada através de diversos discursos proferidos pelas mais altas figuras representativas do Governo, incluindo o sr. Primeiro Ministro.

Resolveram os Trabalhadores da SETENAVE, reunidos no dia 23/12/76, em Plenário Geral, afirmar perentoriamente que:

- Repudiam a 2.ª fase da Reforma Agrária anunciada pelo sr. ministro Barreto, que não é mais que a destruição da própria Reforma Agrária, e, a sua entrega aos Grandes Agrários.
- Repudiam de igual modo as prisões dos Sindicalistas e Trabalhadores Rurais das U.C.P. Alentejanas.
- Estarem dispostos a dar todo o seu apoio possível aos glóriosos Trabalhadores Alentejanos, que com os maiores sacrifícios estão a defender e a levar por diante uma das mais preciosas conquistas das Massas Trabalhadoras, após o 25 de Abril.
- Exigem o cumprimento integral da Constituição Portuguesa.

Assim: solicitam deste modo os Trabalhadores da SETEAVE a Sua Ex.ª o sr. Presidente da República, Conselho da Revolução e outros órgãos da Soberania Nacional, que, seja posto termo aos vergonhosos desmandos que se estão praticando, pondo em perigo a Democracia do nosso País e a sua própria Independência Nacional.

SETENAVE, 23 de Dezembro de 1976

(Aprovada por Unanimidade e Aclamação)

Teatros de Serviço

LISBOA

ALCANTARA — Av. da República, 74-A. Tel. 771379.

AGUIAR — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 96-A. Tel. 769676/768343.

ALAMEDA — Alam. Linhas de Torres, 201-B. Tel. 790942.

BARRETO — Rua do Loreto, 24-30. Tel. 227284.

CENTRAL DA LAPA — Rua dos Navegantes, 10. Tel. 661734.

CHINDE — Rua Agostinho Lourenço, 6-B. Tel. 890331.

EUSIL — Rua Barão de Sabrosa, 104. Tel. 841912.

FINDOR — Rua D. Maria Pia, 514. Tel. 687949.

GALENO — Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A. Tel. 774920.

GOMES — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A. Tel. 68233.

HIGIUM — Rua de Pedrouços, 50-52. Tel. 610280.

INTENDENTE — Largo Intendente Pina Manique, 50. Tel. 547838.

LIBIA — Av. da Igreja, 4-B-C. Tel. 891681.

LOPES RIBEIRO — R. do Cruzeiro, 117. Tel. 633288.

MADRE DEUS — Rua Margem, 15-B. (B.º Grilo). Tel. 382470.

MARQUES — Estrada de Benfca, 648. Tel. 700096.

ORIENTE — Rua Lopes, 120. Tel. 843381.

PAES — Rua Abade Faria, 22-A. Tel. 723965.

PANCADA — Rua Rebelo da Silva, 9.

REBOCHO — Rua Ten. cor. Ribeiro dos Reis, 12-B. Tel. 743871.

SAGRES — Av. Luis Bivar, 69-71. Tel. 547213.

SALUTAR — R. B. 75-A-B (B.º Liberdade). Tel. 683694.

SILVA — C.º Santo André, 16. Tel. 862074.

UNIFA — Rua da Vitória, 21. Tel. 323793.

URBANO FREITAS — Rua Silva Carvalho, 1-9. Tel. 662838.

ZEMA — Rua General Justiniano Padrel, 21. Tel. 832580.

ZIRA — Praça Casas Novas, lote 66 (B.º Encarnação). Tels. 311216-310172.

Permanente

BARRETO — Rua do Loreto, 24-30. Tel. 327284.

LOPES RIBEIRO — Rua do Cruzeiro, 117. Tel. 633288.

ORIENTE — Rua Lopes, 120. Tel. 843381.

PAES — Rua Abade Faria, 22-A. Tel. 723965.

SAGRES — Av. Luis Bivar, 69-71. Tel. 547213.

ZEMA — Rua General Justiniano Padrel, 21. Tel. 832580.

NOTA — As farmácias aue não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Almeida Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (tel. 2112070).

ALCABIDECHÉ — Até às 21 horas

PORTO SALVO — Até às 21 horas

CARCAVELOS — Até às 24 e das 0 às 9 horas

S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira — Av. Saboia, 29 - B (tel. 260085) até às 22 horas

PAÇO DE ARCOS — Pargana — Av. eng.º Bonneville — Franco (tel. 2435147) até às 24 e das 0 às 9 h

OEIRAS — Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro (tel. 2430485) Até às 22 horas

NOVA OEIRAS — Leal — Até às 21 horas

PAREDE — Macau — R. J. Elias Garcia, 60 - C (tel. 2471785) das 0 às 9 horas; Grincho — Av. da República, 87 (tel. 2741204) até às 24 horas

AMOREIRA — Amoreira — (Tel. 2622313/1267314) Até às 22 horas

MONTE ESTORIL — Suíça — cruzeiro (tel. 260087) até às 21 horas

CASCAIS — Nova — Est. de Alvide Fontainhas (tel. 281044) Até às 22 horas; Marginal — Av. Marginal (tel. 280078) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (tel. 934589) toda a noite; Campos — R. Elias Garcia, 185 (tel. 930072) até às 22 horas; Clabell — R. António Sardinha, 23 - D (tel. 938551)

DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (tel. 9710231) até às 22 horas

VENDEIRA — Girassol — R. Elias Garcia, 17 - C (tel. 974161) até às 22 horas

QUELUZ — Serra e Pinto — Av. D. António C. Sá, 50 - E (tel. 957619)

CACÉM — Garcia — Av. dos Missionários, 2 (tel. 2942181)

MEM MARTINS — Quimica — Esta Mem Martins 285 — (tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (tel. 980456)

SINTRA — Simões — Estefânia (tel. 2930832)

COLARES — Abreja — (tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — Gameiro — António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (tel. 204020)

ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21 - A (tel. 2750076)

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 178 - B (tel. 2040302)

BARREIRO — Mascarenhas Neto — R. Almeida Garrett (tel. 2076454)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro, 62 (tel. 270121)

MOITA — União Moitense — Av. dr. Teófilo Braga (tel. 239025)

MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (tel. 2310008)

SESIMBRA — Leão — Av. da Liberdade, 13 (tel. 2233471)

SETÚBAL — Costa — L. da Misericórdia (tel. 22760); Brasil — P. do Brasil (tel. 24788)

SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (tel. 2218560)

PORTO

PASTELEIRA — Rua Andre de Resende, 92 — Tel. 687011; ALMEIDA CUNHA — Rua Formosa, 327 — Tel. 24874; SAMPAIO — Rua de Cedofeita, 636 — Tel. 21782; BIRRA — Praça da Liberdade, 125 — Tel. 28463; MONTE CATIVO — Rua do Monte Cativo, 444 — Tel. 481687; SÃO JERÓNIMO — Rua de Santos Pousada, 622 — Tel. 54526; CARDONA DOS SANTOS — R. D. Manuel II, 90 — Tel. 310551; ORIENTAL — Ruado Bonjardim, 727 — Tel. 27878.

(De dia e toda a noite)

CONTUMIL — R. de Contumil, 540 — Tel. 485755; MARQUES DE MENDONÇA — Rua do Ameal, 251 — Tel. 487118; COSTA LIMA — Av. da Boavista, 855 — Tel. 60606; VAZ TEIXEIRA — Rua do Heroísmo, 56 — Tel. 52851.

COIMBRA

ADRIANA — Praça da República, 20 — Tel. 23609; ESTÁDIO — Rua do Brasil, 348 — Tel. 72710.

Cinemas

ANILADE

T. 897490 14.00, 16.30, 19 e 21.15

Os prados floridos, as montanhas, os vastos horizontes, são o pequeno mundo de

7.ª semana

HEIDI

um filme de Werner Jacob

Para todos

APOLLO 70

Tel. 76331914.00, 16.30, 19.00, 21.15

A fascinação irresistível do mundo do CIRCO

PARADE

um filme de Jacques Tati

2.ª semana

Para todos

Hoje às 24 horas

Grupo D (18 anos)

O BOY FRIEND

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Com Les Charlots

OS MALUCOS EM HONG-KONG

BEIRNA

Tel. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Falado em português

O grande espectáculo do Natal!

GENTE COMO EU E VOCÊ

2.ª Semana

Para todos

Um filme de James Uys

CALEIDOSCOPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

O espectáculo de Natal por excelência

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Um filme de Walt Disney

4.ª Semana

Falado em Português

PARA TODOS

Cinemas

CASINO ESTORIL

T. 264996 264996 17.15 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O ÚLTIMO DOS DUROS

c/ Robert Mitchum e Charlotte Rampling

CASIL

Tel. 630194 15.00, 17.00, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Les Charlots

OS MALUCOS EM HONG-KONG

Em 2.ª Semana

O «record» do riso para o NATAL e ANO NOVO! Color-Scope

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

A grande sensação da temporada

OS 12 TRABALHOS DE ASTÉRIX

EDEN

Tel. 32076814.00, 16.30, 19.00, 21.15

Alain Delon em

ZORRO

2.ª Semana

Um filme de Duccio Tessari

Não acons. a menores de 13 anos

ESTÚDIO

Tel. 555134 15, 17, 19 e 21.15

Vittorio de Sica

UM MUNDO NOVO

com Christine Delaroché e Nino Castelnuovo

Não acons. m/ 13 anos

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45, 19.21.15

(Interdito a men. de 18 anos)

FESTA PRIVADA

c/ Isle Damsard

5.ª Semana

Cinemas

LUMAS

Tel. 574313/574313

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

Meio ano de lotações esgotadas

O Chile de Allende e Pinochet

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15 e 21.15

Int. a men. de 18 anos

Clorido

ESQUADRÃO DO DRAGÃO

Com os grandes ídolos das artes marciais

PATHE

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Int. a men. de 18 anos

A INICIACÃO DE FLOSSIE

Este filme pode ser considerado pornográfico

POLITEAMA

Tel. 323805 14.15, 16.30, 19.00 21.15

Para todos

O SOLDADO AVENTUREIRO

com Bud Spencer

RESTELO

T. 610375 21.15 h

Não acons. a men. de 13 anos

OS DOZE INDOMÁVEIS PATIFES

ROMA

Tel. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

OS MALUCOS EM HONG-KONG

com Les Charlots

Em 2.ª Semana

ROXY

Tel. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

O grande espectáculo de Natal!

GENTE COMO EU E VOCÊ

Falado em português

um filme de James Uys

2.ª Semana

Para todos

S. JORGE

Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

Em 2.ª semana

5 «Oscars»! Melhor Filme do Ano!

TIPOI

Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

O espectáculo de Natal por excelência!

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

um filme de Walt Disney

Falado em Português

4.ª Semana

UNIVERSAL

Tel. 774402

As 15, 19 e 21 h.

O INIMIGO PRINCIPAL

um filme de Jorge Sanjinés

(Não acons. m. 13 anos)

As 17 e às 21 h.

O ANO 01

um filme de Jacques Doillon

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL — 21.15 (18 anos) «Uma Estranha Formade Amar»

COLISEU — 21.30 (6 anos) «O Circo do Natal»

S. LUIZ — 21.30 (13 anos) «Tudo no Jardim»

CIRCO MARIANO — Al. D. Afonso Henriques 21.30 (6 anos)

TEATRO DO BAIRRO ALTO — 21.45 (13 anos) «Do Teatro ao Cais do Sodré»

CIRCO BILLY SMART — 21.30 (6 anos) Parque Eduardo VII

TEATRO ABERTO — 21.15 (13 anos) «Círculo de Giz Caucasiano»

ÁDOQUE — 21.30 (18 anos) «A Grande Cegada»

LAURA ALVES — 21.30 (18 anos) «Vamos Trocar de Mulheres»

MARIA VITÓRIA — 20.30 e 22.45 (18 anos) «O Bombo da Festa»

VARIEDADES — 21.30 (13 anos) «Isto é que me Dói»

LISBOA/Cinemas

ROYAL — 21.15 (18 anos) «Fogo no Sangue»

PROMOTORA — 21.15 (13 anos) «A Sétima Alvorada»

CINEARTE — 21.15 (18 anos) «Mr. Majestyk»

CINEBOLSO — 21.30 (18 anos) «Machissimo»

CAPITOLIO — 21.15 (18 anos) «Requintes de Amor»

EUROPA — 21.15 (6 anos) «Os 12 Trabalhos D'Asterix»

MONUMENTAL — 21.15 (6 anos) «O Ministro e Eu»

JARDIM — 21.15 (14 anos) «O Afilhado do Padrinho»

PARIS — 21.15 (18 anos) «Juntos são Dinamite»

CINE AUDITÓRIO — 21.15 (10 anos) «Os Bons e os Maus»

OLÍMPIA — «Os Teatros Eróticos de Paris» (18 anos)

CALEIDOSCOPIO — 21.15 (6 anos) «Branca de Neve e os Sete Anões»

VOX — 21.15 (6 anos) «O Soldado do Aventureiro»

RESTELO — 21.15 (13 anos) «Os Doze Indomáveis Patifes»

SATÉLITE — 21.15 (18 anos) «Easy Rider»

LUMIAR — 21.15 (18 anos) «As Mil e Uma Noites»

PALÁCIO FOZ — 21.00 (13 anos) «O Homem das Mulheres»

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Recreios Desportivos 21.15 (18 anos) «Passado Inesquecível»

AMADORA — Cinestúdio 21.30 (6 anos) «A Grande Valsa»

AMADORA — Lido 21.15 (6 anos) «20.000 Léguas Submarinas»

MEM MARTINS — Quimica — Est. Mem Martins 285 — (tel. 2910012)

SINTRA — Carlos Manuel 21.15 (18 anos) «Ambição Fatal»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS — Chaplin 21.15 (10 anos) «Solitário da Nevada»

OEIRAS — Oeiras-Cine 21.15 (13 anos) «Ovo Vadis»

ESTORIL — Casino 17.00 e 21.15 (18 anos) «O Último dos Duros»

CASCAIS — Oxford 21.15 (13 anos) «Os Malucos em Hong-Kong»

OUTRA BANDA

ALMADA — Incrível 21.15 (18 anos) «O Vingador do Oeste»

LARANJEIRO — Instrução e Recreio 21.15 (18 anos) «Sol Vermelho»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA — 21.30 (13 anos) «As coisas que o Padre Faz»

PORTO/Cinemas

S. JOÃO — 21.15 (4 anos) «Branca de Neve e os Sete Anões»

TRINDADE — 21.15 (6 anos) «O Ministro e Eu»

ÁGUIA DE OURO — 21.15 (13 anos) «Passado Inesquecível»

SALAO BEBE — 21.15 (13 anos) «A Flauta Mágica»

BATALHA — 21.15 (13 anos) «Os Malucos em Hong-Kong»

OLÍMPIA — 21.15 (13 anos) «Carambola»

CARLOS ALBERTO — 21.15 (6 anos) «Para que Servem os Amigos»

JÚLIO DINIS — 17.45 e 21.15 (18 anos) «Paulo o Quente»

RIVOLI — 21.15 (13 anos) «Corrida de Malucos»

COLISEU — 21.15 (6 anos) «Circó»

ESTÚDIO — 21.15 (13 anos) «A Honra do Regimento»

ESTÚDIO FOCO — 21.15 (13 anos) «A História de Fernão Capelo Galvota»

ESTÚDIO 400 — 21.15 (14 anos) «Acção Executiva»

VALE FORMOSO — 21.15 (13 anos) «As Férias Grandes»

PASSOS MANUEL — 21.30 (18 anos) «Por Quem Vamos Morrer»

1.º Programa

16.00 2.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S. Luís e organizado pela radiodifusão portuguesa; 16.45 Orquestras; 17.00 Música popular; 17.30 Orquestras; 18.00 Música portuguesa; 19.00 Cultura e actualidade; 19.30 Música variada; 20.00 «Jornal da noite»; 20.30 Melodias; 21.00 2.º episódio do folhetim «As minas de S. Francisco», de Fernando Namora, numa adaptação de Jorge Ferreira da Silva; 21.16 «Contrapontos»; 00.00 «Último jornal»; 00.15 «Jazz»; 00.30 Música portuguesa; 01.00 «Música na noite».

2.º Programa

16.30 Música de câmara: Quinteto em fá menor; 17.25 Solos de instrumentos diversos: Romance em fá maior, op. 50 de Beethoven; Fantasia, de Sinal-Saens. Canção russa, de Stravinsky; Rondó em ré maior, op. 138, de Schubert; 18.00 Música do século XX: Quinteto (1948), de Jean Françaix; Sinfonia concertante, de Joseph Jongen; 19.00 «Feméride: o violoncelista Pablo casals; suite n.º 5 em dó menor BWV 1011; 19.25 Música de bailado: O Cid, de Massenet; A Noiva de Neve, de Rimsky-Korsakov; 20.00 Prelúdio de l'art de toucher de Clavecin e Les festes de la grande et ancienne ménestrandise, de François Couperin; Scherzo n.º 4 em mi maior, op. 54, de Chopin; 20.30 Obras de Mozart pela orquestra de Câmara «Camerata Académica de Mozarteum de Salzburgo». Direcção de Bernhard Baumgartner; 2 Minuetos com contradanças, k. 100; e Serenata n.º 1 em ré maior, k. 100; 21.00 As grandes obras corais-sinfónicas: A Cantata «Carmina Burana», de Carl Orf; 22.05 Música de arco: Habanera, de Saraseta; Le Streche, op. 8, de Paganini; 22.22 O maestro sir John Barbirolli e a Orquestra Filarmonica de Viena, na execução da: Sinfonia n.º 3 em fá maior, op. de Brahms; 23.00 Intercâmbio musical: 12.ª tribuna musical jugoslava em Opatija, 1976 — gravações cedidas pela Radiodifusão Jugoslava; 1.ª Parte: «Enthusiasmes «B», p/violino e orquestra, hec; Concerto p/violino e orquestra, de Pavel Stivic; «Episódios líricos»; Intervalo: Duas sonatas de Scarlatti; 2.ª Parte: Concerto p/violino e orquestra, de Alojz Srebotnjak; Concerto p/violoncelo e orquestra, de Primoz Ramovs; 00.30 Oito últimas canções do ciclo «A Viagem de Inverno», de Schubert; 01.00 Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Este-reofonia

19.00 «Em Órbita»; 20.00 Programa da noite; 22.00 «Auditorium»; 23.00 Sinal Horário; 24.00 «Prisma»; 02.00 Fecho.

IMPERO

Tel. 55134/5 15.15, 18.30 e 21.15

Malcolm McDowell e Christopher Plummer

O DUELO DAS ÁGUIAS

(Acas High)

Real. de Jack Gold

Não acons. a menores de 18 anos

2.ª Semana

LONDRES

Tel. 801313 14, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. a men. de 13 anos

OH! MEUS AMIGOS

Pietro Germi

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30 e 21.15

Para todos

ONDE ESTÁ O ÓSCAR?

Com Louis de Funés

BILLY SMART CIRCUS

No coração de Lisboa ao cimo do Parque Eduardo VII, frente à Penitenciária, esquina com a Rua Castilho. Diariamente matineias às 16 h. e soirées às 21.30 h. Domingos e feriados 2 matineias: às 14 e 45 e às 17 e 30 h. Espectáculo para todos

PARQUE GRÁTIS PARA 2000 CARROS

Rádio Renascença

16.00 Noticiário; 16.05 Sequência da Tarde; 18.15 Igreja em Notícia; Palavra do Dia; 18.30 Transmissão do Terço do Ext. do Parque; 19.00 Progr. da Liga dos amigos da RR; 20.00 Objectivo; 20.53 Apelos; 21.05 Gente grande; 21.30 O som da noite; 22.00 Quando o telefone toca; 22.30 Temas vivos; 23.05 Trifónico; 23.30 Textos e pretextos; 23.55 Meditando; 02.00 Encerramento da Estação.

ROXY

Tel. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

O grande espectáculo de Natal!

GENTE COMO EU E VOCÊ

Falado em português

um filme de James Uys

2.ª Semana

Para todos

S. JORGE

Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

Em 2.ª semana

5 «Oscars»! Melhor Filme do Ano!

TIPOI

Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

O espectáculo de Natal por excelência!

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

um filme de Walt Disney

Falado em Português

4.ª Semana

UNIVERSAL

Tel. 774402

As 15, 19 e 21 h.

O INIMIGO PRINCIPAL

um filme de Jorge Sanjinés

(Não acons. m. 13 anos)

As 17 e às 21 h.

O ANO 01

um filme de Jacques Doillon

Cinema de Animação

O HOMEM DAS MULHERES

15.00, 18.00, 21.00

Esc. 5000

Jerry Lewis (1961)

Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural

Para maiores de 13 anos



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654312/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
FAX TEL. 01804 TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Banco do Algarve assaltado em S. Brás de Alportel

S. BRÁS DE ALPORTEL, 29 — Quatro indivíduos armados e de caras tapadas, assaltaram aqui esta manhã o Banco do Algarve. Calcula-se que tenham levado cerca de 1.200 contos.

O assalto verificou-se por volta das nove horas e demorou escassos minutos, o tempo suficiente para que o «caixa», sob a ameaça de uma pistola, entregasse o dinheiro.

Um dos assaltantes aguardava cá fora, no automóvel, que os outros três concretizassem a operação e, logo a seguir,

o carro desapareceu, admitindo a GNR que tenha tomado a direcção de Faro.

Um porta-voz do Banco do Algarve, contactado telefonicamente pelo «DL» disse-nos que não houve praticamente diálogo: a intenção dos assaltantes era clara, tendo-se dirigido ao «caixa», de armas em punho, numa exigência que — face às circunstâncias — teve de ser atendida.

Acresce que a agência do Banco do Algarve em S. Brás de Alportel não dispõe de alarme, razão pela qual não houve pronta intervenção das autoridades.

Encerrado o I.S.C.S.P.

Ontem à noite, cerca das 23 horas, uma carrinha da PSP, estacionou junto do ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas) e cercou o edifício, não permitindo a entrada de estudantes.

Quando os elementos da direcção da Associação de Estudantes interrogaram os agentes da PSP, obtiveram a seguinte resposta:

«São ordens do MEIC».

A hora que fechamos esta edição, uma delegação do ISCSP tinha-se deslocado ao MEIC a fim de se inteirar do motivo que levou ao encerramento daquele estabelecimento de ensino superior.

Trata-se da segunda Faculdade encerrada: a da Economia viu as portas fechadas em princípio de Dezembro.

Mais um vice-governador e dois administradores para o Banco de Portugal

O Governo decretou nova composição do conselho de administração do Banco de Portugal, criando mais um lugar de vice-governador e dois de administrador.

Na lei em vigor até à data, aquele conselho era composto por um governador, dois vice-governadores, e cinco a sete administradores.

Os membros do conselho de administração daquele Banco serão nomeados pelo Conselho

de Ministros, por proposta do ministro das Finanças.

Entretanto, e por decreto da Secretaria de Estado do Tesouro, foi extinta a criação do lugar de delegado do Banco de Portugal junto das instituições de crédito privadas, porque, com a nacionalização da banca, deixaram de existir razões que justificassem este cargo.

Os dois decretos foram publicados no «Diário da República», I Série, n.º 301.

Três mortos no incêndio do hospital

Continuação da pág. 1

Também das enfermarias contíguas à «cirurgia 2-Homens», otorrino, obstetrícia, cardiologia e observações os doentes eram retirados e levados para o salão nobre, transformado em enfermaria de emergência.

Entretanto, muitos dos enfermos eram transferidos em ambulâncias dos bombeiros para o Hospital de S. João e Militar. Para que tal tarefa se simplificasse, a polícia procedeu ao corte do trânsito em volta do edifício do hospital de Santo António a fim de facilitar a tarefa dos bombeiros. Por outro lado, tornava-se imperativo revestir essa transferência de cuidados especiais, já que muitos dos doentes se encontravam em fase pré-operatória. Foi-nos afirmado que alguns doentes tomados de pânico tentaram, mesmo, lançar-se das janelas, do edifício da altura do segundo andar. Tais tentativas foram porém, obstadas pelos bombeiros.

Frise-se que foi graças à acção dos bombeiros que o fogo não tomou maiores proporções, já que a ala norte onde o incêndio deflagrou é bastante velha. Aliás o tecto do 3.º piso ameaça ruir a todo o momento. Daí, os bombeiros impedirem esta manhã o acesso àquela zona, mesmo aos repórteres fotográficos.

Mais de 150 bombeiros empenharam-se na luta contra as chamas e prosseguem nas tarefas de rescaldo.

Uma das vítimas da tragédia foi um jovem que no dia de Natal se lançou de uma janela do Coliseu do Porto. Ironia do destino: experimentava sensíveis melhoras quando a morte o surpreendeu no leito hospitalar.

«Acudam, acudam», «abram a porta» foram os gritos aflitivos, ouvidos por moradores nas proximidades do Hospital de Santo António.

Um transeunte, ao aperceber-se da tragédia e dos gritos que provinham daquele estabelecimento hospitalar, pegou nuns paralelepípedos à entrada da Rua do Rosário e dirigiu-se para junto do Hospital do lado do Carregal, certamente com o fim de partir vidros das janelas

daquele estabelecimento hospitalar.

As primeiras línguas de fogo e densa fumaça, que, por vezes saía das janelas, deixavam antever que trágica ocorrência estava iminente. Foi tal a fumaçada que moradores próximos deixaram de ver a fachada norte do grande imóvel em chamas. Pouco depois de uma hora, várias corporações de bombeiros atacaram o fogo.

Retirar os doentes hospitalizados em várias enfermarias de cirurgia, do 1.º e 2.º andar, foi a primeira preocupação de todo o pessoal que àquela hora se encontrava no hospital.

Só o dr. Soares da Silva conseguiu retirar de uma enfileira de doentes, vários corredores estiveram, por momentos, ocupados pelos doentes, recebendo ali mesmo tratamento adequado, pois muitos além de ligeiras queimaduras, sofreram forte comoção.

Um deles, que, tinha sido, há dias operado a uma hérnia não ocultava a sua emoção ao ser abordado pelo (D.L.) mas conformava-se, pois outros na sua enfermaria estavam bem, pior, acrescentou. E não foi fácil proceder a tão urgente e penoso trabalho, dada a densa fumaçada que se espalhou pelos corredores e enfermarias da ala norte.

A IDENTIDADE DAS VÍTIMAS

Só cerca das quatro horas foi possível retirar, já cadáveres, três dos doentes. São eles: Justiniano Mendes Rodrigues, de 72 anos, aposentado da P.S.P., da Rua do Lourenço 402 desta cidade; Joaquim Vaz Ferreira Rocha da Silva, de 74, de Arouca, e António Manuel da Silva Fonseca, de 14, do lugar da Idanha, Espinho.

Este último, conforme havíamos noticiado, foi o jovem que se lançou de uma janela no dia de Natal do Coliseu do Porto.

Havia sido internado e desde, anteontem que recuperava a fala e experimentava melhoras. Durante a madrugada, foram transferidos três doentes para o Hospital de Rodrigues Semide, e 103 para o Hospital Militar.

EDIFÍCIO TEM MAIS DE DOIS SÉCULOS

O edifício do Hospital Geral de Santo António, um dos mais grandiosos e antigos do Porto, foi mandado construir pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, instituída por carta régia de 14 de Março de 1499.

A primeira pedra foi lançada em 15 de Julho de 1770, e o primeiro doente ali internado deu entrada em 19 de Agosto

Choque no Porto fez 20 feridos

PORTO, 29 — Cerca de vinte feridos — um deles em estado grave — é o resultado dum choque entre um autocarro e um «eléctrico» ocorrido hoje de manhã na Rua da Lapa.

O desastre teve lugar quando um autocarro da empresa A. Nogueira da Costa, Lda., tentou ultrapassar um carro eléctrico, vindo a chocar com este e, em seguida, contra um prédio.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
NO MÊS ANTERIOR: 45 382

de 1799.

D. Lopo de Almeida, sacerdote, filho do contador-mor do reino, D. António de Almeida, legou a sua herança à Santa Casa da Misericórdia do Porto destinada à construção do Hospital. Faleceu em Madrid, em 29 de Janeiro 1584, vindo os seus bens para Portugal.

COMUNICADO DA DIRECÇÃO DO HOSPITAL

Cerca das 4 e 45, a Direcção médica do Hospital de Santo António tornou público o seguinte comunicado:

«Cerca da 1 e 15, de hoje, dia 29, deflagrou na ala norte do Hospital Geral de Santo António um incêndio de causa ainda não apurada, que atingiu as instalações dos serviços de cirurgia e que obrigou a evacuar, por prevenção, os doentes dos serviços confinantes (Ginecologia, Otorrino, Obstetrícia e Cardiologia). O Hospital lamenta a existência de três vítimas, todos doentes do sexo masculino, cuja identidade será publicada logo que possível.

Os doentes dos serviços de Obstetrícia e Cardiologia puderam já ser reinstalados e os restantes distribuídos por outros serviços deste hospital ou transferidos para outros hospitais principalmente o Hospital Militar e Rodrigues Semide.

As famílias dos doentes transferidos serão logo que possível informadas pelos serviços do Hospital Geral de Santo António.

Pede-se a compreensão dos familiares dos doentes internados para as limitações do número de visitas solicitando-se que compareça apenas um dos familiares de cada um dos doentes».

O DITO E O REDITO

Na sua intervenção de ontem, na Assembleia da República, Mário Soares falou de coligações propostas pelos partidos: ou a «maioria de esquerda» ou a coligação com os «partidos ditos democráticos». Grande reacção nas bancadas do P.S.D. e do C.D.S. leva o Primeiro-Ministro a explicar que todos os partidos representados na Assembleia são democráticos, visto terem-se submetido ao voto popular.

Quem, até agora, tem fingido ignorar esta realidade democrática?

DUPLO EMPREGO

Em tempos desausteridade, será que todos os deputados da Assembleia da República já optaram por um dos vencimentos, isto é, pelo do seu emprego ou pelo ordenado de deputado?

Se isso não sucedeu, poderá haver deputados que este mês recebem, por exemplo, o ordenado de deputado, o do emprego e o 13.º mês. Um pouco exagerado, temos (tem) de admitir.

Economia e Socialismo

Revista Mensal de Economia Política

Director MARIO MURTEIRA / DEZEMBRO 1976 / 275\$0

Capitalismo dependente em Portugal e no Brasil

A (des)ordem económica internacional

Distribuição exclusiva
Livraria Bertrand

C.R. está reunido

Está reunido no edifício do EMGFA, ao Restelo, o Conselho da Revolução.

Como vem sendo corrente de há semanas a esta parte e desde que tomada uma resolução nesse sentido, não foi divulgada em pormenor a agenda de trabalhos. A resolução a que se reporta esta ausência de informações prevê que nem depois da reunião sejam divulgados os assuntos tratados.

Entretanto, a informação que nos chega, falando da agenda, repete que ela consiste na análise da situação política e militar.